



Cesar Campos

RELICÁRIOS

VIDA APÓS A LAMA E AS PÁGINAS EM BRANCO

Relicários

Vida após a lama e as páginas em branco

Cesar Campos

Às vítimas da lama física e social

*Este livro também é dedicado à minha primeira leitora,
Lídia Fonseca.*

Título

Relicários- Vida após a lama e as páginas em branco

Copyright 2023 by Cesar Campos

Editora

Gestalt Editora

Autor

Cesar Campos

Coordenação Editorial

Luiz Humberto França

Revisão

Rafael Nolli

Diagramação

Júlia Bruno/Daniel Nery

Capa

Rodolfo Scalon

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização do autor.

1ª Edição 2023

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Campos, Cesar

Relicários : vida após a lama e as páginas em
branco / Cesar Campos. -- 1. ed. -- Araxá, MG :
Gestalt Editora, 2023.

ISBN 978-65-999439-4-2

1. Ficção brasileira I. Título.

23-158292

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

AGRADECIMENTOS

Este livro já estava praticamente pronto no outono de 2022. Ganhou uma página importante durante o Fliaraxá, quando os autores Itamar Vieira Júnior e Jeferson Tenório me apresentaram a história de Omayra Sánchez. Meu agradecimento a eles.

PREFÁCIO

1985. Colômbia. Após a erupção de um vulcão na cidade de Armero, 23 mil pessoas morreram. Uma delas, em frente às câmeras. A menina Omayra Sanchez passou 60 horas tentando viver, enquanto jornalistas e socorristas já sabiam que não seria possível salvá-la.

O olhar de Omayra transmitia serenidade, mesmo em face da morte. Mesmo quando começou a perder a consciência de si.

A lama matou a menina colombiana.

A lama mata todos os anos também no Brasil. A lama do Rio Doce, de Brumadinho, do Rio de Janeiro, das chuvas no litoral norte de São Paulo.

A lama da corrupção e da indiferença que transformam a inação política em normalidade nacional. A lama que sufoca nossa gente simples.

Não conseguimos respirar. Porque nos sufocam o preconceito, o medo, a violência. O racismo.

Sim, o racismo está nos ossos de nossa alma. Que Brasil somos?

O historiador Laurentino Gomes define com precisão: se o Brasil tem seu corpo na América Latina, sua alma é a África.

Inda sim, teimamos em cortar-nos em pedaços. Separar nosso corpo de nossa alma. Cuspimos nos sonhos e na cara das pessoas pretas. Pensamos ser normal sua submissão.

A protagonista da belíssima história que você está prestes a ler é uma mulher preta. E ela carrega consigo as histórias, as flores, e as sementes de muitas pessoas como ELA.

Ela ganha vida nas mãos de Cesar Campos, um poeta do jornalismo, que sabe transformar cada pequena cena de suas reportagens em Relicários.

Mais do que isso, o autor nos entrega sua própria alma em texto ao desvendar, com sensibilidade e humanismo, as dores de muitos relicários que caminham todos os dias no Brasil, pelas ruas, em busca de seus sonhos.

Cesar navega entre a prosa e o verso, entre a metalinguagem e o romance como quem atravessa a rua sem pedir licença.

Entre as palavras e as páginas em branco, Cesar conta os desafios vividos por nossa heroína, como quem celebra cada pequeno ato de coragem, cada sentimento dito ou apenas pensado.

Este livro é mais que uma belíssima história muito bem escrita, com técnica, ritmo cinematográfico e estilo.

É um convite.

Uma chance de buscarmos em nós os Relicários perdidos de cada dia. De refazermos as partes que faltam. Nos reconstruirmos.

Cesar escreve o relicário da alma brasileira, sem perder sua essência, e com uma clareza rara de quem sabe que:

“O outro também sou eu”.

Quantos silêncios cabem entre nossas palavras? Quais são as perguntas que não podemos deixar de fazer? Quais são as memórias que precisamos deixar? Quem não podemos deixar de amar?

Talvez haja respostas para estas perguntas. A única certeza é que “há vida após as páginas em branco”.

Estêvão Xavier

Pedagogo, gestor de projetos sociais, cadeira nº 11 da Academia Araxaense de Letras

SUMÁRIO

Cap 1. ELE - O sorriso	17
Cap 2. ELA - A chuva	21
Cap 3. ELE - Metalinguagem	31
Cap 4. ELA - Sinestesia	39
Cap 5. ELE - O mar.....	53
Cap 6. ELA - Lama	57
Cap 7. ELE - O plano	67
Cap 8. ELA - É Carnaval	71
Cap 9. ELE - Saudade	79
Cap 10. ELA - Realidades	83
Cap 11. ELE - Era engano	93
Cap 12. ELA - Felicidade, enfim	99
Cap 13. ELE - Aldra vias	105
Cap 14. ELA - Engano?	111
Cap 15. ELE - Sobre mim	119
Cap 16. ELA - Chegou a hora	127
Cap 17. ELE - Barro e Lama	135
Cap 18. ELA - Reaproximação	139
Cap 19. ELE - Para não dizerem que não falei de nomes	147

Cap 20. ELA - Vontades e verdades	155
Cap 21. ELE - Alma de poeta	161
Cap 22. ELA - Colômbia	167
Cap 23. ELE - Soneto da despedida	171
Cap 24. ELA - Boas-vindas	175
Cap 25. ELE - Página em branco	181
Cap 26. ELA - Café da manhã	185
Cap 27. ELE - Página em branco	191
Cap 28. ELA - A matriz	195
Cap 29. ELE - Visita	203
Cap 30. ELA - A lama de cada um	207
Cap 31. ELE - Para não dizerem que não falei de nomes	215
Cap 32. ELA - Conceito	223
Cap 33. ELE - O olhar de Omayra	229
Cap 34. ELA - Armero, Omayra e eu	235
Cap 35. ELE - Acaso dos “eus”	243
Cap 36. ELA - Os girassóis de Bogotá	247
Cap 37. ELE - Página em branco	253
Cap 38. ELA - Já se foi	257
Cap 39. ELE - Página em branco	269
Cap 40. ELA - Vazio	273

Cap 41. ELE - Página em branco	279
Cap 42. ELA - De volta	283
Cap 43. ELE - Página em branco	291
Cap 44. ELA - Por quê?	295
Cap 45. ELE - Página em branco	299
Cap 46. ELA - Relicário.....	303
Cap 47. ELE - Fim.	313

Capítulo 1

ELE - O sorriso



Sorriu. Sorriu como se nunca tivesse sorrido antes. Nos olhos pequenos havia um brilho inédito.

E sorriu. Sorriu como uma mãe sorri quando vê o filho pela primeira vez. E não era muito diferente disso. Era amor gestado, cuidado em detalhes, planejado para ressignificar vidas outrora sem sentido.

Sorriu. Como o poeta que terminou o soneto em decassílabos tônicos. Era esforço individual por causa coletiva, ainda leriam suas ações e entenderiam tudo.

E sorriu. Sua mãe diria a hipérbole: “como um condenado”. Naquele momento, fazia muito sentido.

Sorrir é um ato de profunda resistência. Nem sempre quem se permite os movimentos musculares tem, de fato, motivos para tal. Ora, pode-se fingir; ora, pode-se querer, não querendo; ora, pode-se permitir; mas, também, há o sorriso verdadeiro.

Não era o caso. Se permitia, na ocasião. Não que não tivesse motivos para sorrir. O que tinha era muito forte, mas estava rodeado de não-motivos. Ignorou-os e viveu aquele momento.

Sorrir também é máscara. De micareta. É Carnaval fora de época. Reveste-se de alegria que muitas vezes não, ou ainda não, existe. Apenas coloca a máscara, sorriso no rosto.

Ele não só esconde o rosto triste e cansado. É a própria alegoria da felicidade. Fantasia momentos que parecem ser de fato só euforia. Motiva-o a se permitir. Dão a falsa impressão de podermos ser o que não somos. Confetes de ilusão que um dia caem ao chão...

Os dele já tardavam. A quaresma se aproximava. A máscara deslizava sobre o rosto. A realidade batia à porta e tentava lhe oferecer uma solução injetável. Sabia que de nada adiantaria, mas lutaria bravamente, pois tinha um plano a seguir.

Cada vez que minimamente se aproximasse de um objetivo, sorria. Resistência. Carnaval. Vida que continuaria além dele.

Vida. Vida. Vida.

Capítulo 2

ELA - A chuva



Acordei com um barulho de chuva forte batendo na janela. Chuva não é tudo igual. Pode ser a mesma chuva, mas ela cai diferente no asfalto e na periferia. Lá pode ser poético, romântico. Aqui, é como se cada pingo mais forte fosse um tiro. O coração vai apertando igual, é inevitável não pensar naqueles dias.

Via meus avós atentos ao noticiário na TV. Sei que eles comentavam algo entre si, mas na hora estava mais preocupada com meus brinquedos. Dois. Novos para mim. Já tinham sido de alguma criança, mas eram novos, mereciam total atenção. A casinha me lembrava algumas residências chiques que já tinha visto próximo ao lago. Era toda de madeira. Um marrom brilhante que merecia ser lustrado com a fronha do meu travesseiro, sempre que via uma sujeirinha. Admirava aquela casa. Tinha três quartos, dois banheiros (quem precisaria de dois banheiros? Pensava), uma cozinha, uma sala de jantar, outra de estar e a mais linda varanda que já vi rodeava toda aquela pequena construção.

Eu era a boneca que habitava aquele local. Ficava me imaginando naquela varanda, deitada, brincando com esta mesma casinha, correndo por ali. Meu banco de pedras serviria para pular e alcançar um sino dos ventos que fiz com alguns pregos. Cuidava dos meus raminhos encantados próximo à porta, como minha avó cuidava de suas violetas. Imaginava um bocado de móveis que nunca entraram naquele brinquedo. Admirava quando o vento tocava um pedaço de pano que coloquei na janela como cortina. Naquele dia, ele a arrancou.

Ventava muito forte e, por mais que fechássemos a porta da sala, ele entrava por lá com um urro de estremecer

as paredes, que já não eram muito fortes. Não havia por onde ele sair. A casa tinha três cômodos: sala, quarto, banheiro. O vento, então batia em nós. Minha avó resolveu me tirar do chão para me proteger com uma coberta marrom, feita de retalhos, muito quente. Chegava a suar, enquanto ela visivelmente sentia frio ao me abraçar apertado e dizer que tudo iria ficar bem.

Já estava quase dormindo quando ouvi os gritos de meu avô na sala:

– Corre! Corre!

Já era tarde. Ouvei um barulho ensurdecedor. Senti uma dor que não consigo explicar em palavras. Apaguei.

– Grita, se você consegue me ouvir...

Ainda estava com os olhos fechados quando ouvi alguém aos berros me pedindo para gritar. Como qualquer criança de cinco anos faria, chorei. Chorava de dor, chorava de medo, chorava por não estar entendendo nada, chorava porque estava escuro. Foram alguns segundos de choro. Apaguei.

Os jornais daquele dia noticiaram uma criança que sobreviveu a um desastre. Quase ninguém chegou ao fim das reportagens em que se narrava que uma idosa havia morrido, abraçada à neta. Sim, minha vozinha não resistiu às horas que ficamos sob escombros. A nossa casinha caiu. Muita terra deslizou da casa vizinha. Como um mar de lama, invadiu o que era nosso. Sem pedir licença, levou paredes, nossos pertences, minha vozinha, minha casinha de madeira, que havia acabado de ganhar.

Minha varanda preferida deve ter sido jogada no lixo entre os escombros daquele lugar.

Pelos próximos dias, vi meu avô ao meu lado no hospital, dia e noite. Ele não se feriu. Conseguiu correr pouco antes de tudo. Viu, sem nada poder fazer, tudo aquilo que ele construiu em anos ir embora, assim, em segundos. Muitas vezes ouvi dele que se não fosse por mim, gostaria de ter ido naquela lama. Juntou forças. Era só o que tinha.

Lembro que nos primeiros dias perguntava para ele por que ele sempre estava com a mesma roupa.

– Vai em casa tomar um banho, vô.

Ele sorria desajeitado...

– Não vou te deixar, meu amor.

Não havia roupa, não havia casa. Pelos muitos dias em que passamos no hospital, só havia eu e ele.

Não o deixaram passar fome. A comida dele vinha junto com a minha e lembro de um dia ouvir de longe, enquanto estava quase dormindo, que iriam arrumar roupas de doação para ele. Perguntaram número. Ele respondeu.

Ao meu lado, o velhinho parecia ter a força de um touro. Hoje, sei que fraquejava toda a vez que eu dormia ou quando me levavam para exames. O choro era tão forte que enfermeiras e médicas iam consolá-lo. Cientes da história, todos acabavam em lágrimas, abraçados. Era um idoso que precisaria recomeçar. Do zero...

No último dia, antes da alta, resolveu me contar sobre a minha avó. A ausência dela naqueles dias já me fazia desconfiar que algo estava errado. Não me deixaria muito tempo sem um afago. Chorei como qualquer criança faria. Choramos. Abraçados. Agora viveríamos o luto sabe-se lá onde.

Quando saímos do hospital, um homem alto, cabelos grisalhos e ar de mandatário nos conduziu para assinarmos a ficha de alta.

– Vocês vêm comigo!

Eu abracei meu avô pelas pernas e segurei firme. Ele era a única coisa que tinha agora. Ele agachou e olhou nos meus olhos.

– Vamos para casa.

O homem era da Prefeitura. A casa não era a nossa. Pagariam o aluguel por três meses. Com 35 dias já haviam pedido para que deixássemos a casa. Resistimos por mais alguns, até que meu avô conseguisse erguer um barraco de madeira exatamente onde era nossa casinha. Voltamos.

Aos poucos, muita gente viu o esforço daquele senhor que vivia da pequena aposentadoria e não podia sair de casa porque tinha que cuidar de uma neta. Ajudaram. Muito. Lembro de caminhões de areia chegando. Tijolo. Enfim. Meu avô com suas próprias mãos conseguiu reconstruir a casinha que as chuvas haviam levado. Essa, aliás, era até um pouco maior. Tinha um quarto só meu, que ele só me deixou dormir sozinha há alguns anos. Nunca reclamei. O medo nunca deixou de nos rondar.

Quando começa a chover forte o tempo parece encurtar. Já se passaram 20 anos e é como se fosse hoje. Sair de casa e deixar meu velhinho fazendo seu café me parte o coração. Por algumas vezes, só quis ficar ali abraçando ele como minha avó fez comigo. Saio para trabalhar e deixo ali meus pensamentos.

O trabalho não é longe. Vou a pé. Vinte minutos de caminhada. No caminho e, durante o dia, se ouço um caminhão de bombeiros passando, largo tudo. Pego o telefone. Meu avô demora para atender. São os segundos mais demorados da minha vida, atualmente.

– Oi, minha filha...

Sempre é o que eu preciso ouvir para voltar à faxina da loja. Chego cedo, antes das cinco, para não incomodar os clientes quando os vendedores estiverem atendendo. Uma geral por ali e o resto do dia nos escritórios e no estoque. Como chego cedo, saio cedo, bem antes da loja fechar. Fico só admirando. Vender é uma arte e um dia também vou estar ali, bem-vestida, falando dos sapatos e dos tênis que conheço com perfeição. Afinal, se limpo eles todos os dias, monitoro tudo todos os dias.

De tanto alertar para algum que veio com problema de fábrica, de tanto ajudar os vendedores a localizarem os produtos que não encontram, resolveram me pagar um pouco a mais para, logo depois de limpar a loja, ainda de manhãzinha, olhar o celular e ver alguns pedidos feitos. Fazia o serviço sempre após o expediente, ou já cedinho. Naquele dia, um me chamou a atenção.

06h06 – Bom dia. Minha mãe sempre compra aí uma sapatilha fechada, preta, bem flexível. Gostaria de saber se vocês têm ela no 37.

Não sei o porquê, mas na hora minha garganta apertou de doer, meus olhos marejaram. Que saudade da minha avozinha. Ela amava sapatilha fechada. O cliente estava online, resolvi fechar a compra. Se eu iniciasse o dia com uma compra já fechada, poderia impressionar. Quem sabe...

06h08 – O senhor sabe o nome da sapatilha? Já consulto agora...

06h08 – Não sei. Ela está usando uma hoje, mas é um presente de aniversário, não gostaria de tirar uma foto para que ela não desconfiasse....

06h09 – Se olhar bem na palma do pé vai ver a marca...

06h11 – Ela gosta tanto dessa sapatilha que acho que soltou... kkk

06h11 – Pode me passar o nome dela? Se ela já tiver comprado conosco, consigo consultar aqui

Ele me passou o nome da senhora. Lá fui eu ligar o computador para entrar no sistema. Já haviam me ensinado a pesquisar, mas nunca tinha precisado. Computador, aliás, nem é muito meu forte. Fiquei algum tempo até achar o programa...

06h27 – Senhor, nosso sistema está fora do ar agora, por isso não consigo acessar...

06h27 – Entendo.

Pensei que era eu que não havia conseguido pesquisar, mas depois descobri que a ferramenta estava com problema, eles iriam trocar nos próximos dias, mas perderiam boa parte das informações. Eu não queria perder aquela venda.

06h32 – Senhor, desculpe perguntar, mas por acaso sua mãe tem uma marca próximo a sobancelha esquerda?

Lembrei de uma senhora que sempre comprava na loja e que desconfiava que tivesse o mesmo nome.

06h33 – É ela mesmo. Você conhece ela? Sabe qual ela usa?

Era o que eu precisava ouvir. Não seria aquele dia, mas a compra era minha. Ninguém iria me tirar.

06h34 – Lembro dela sim. Não estou lembrada exatamente qual é a sapatilha, mas lembrei que um dia ela me trouxe uma rosa.

06h35 – Então é ela mesmo, ela adora presentear

Não esqueceria daquela senhora. Não me lembro bem se tem um dia da faxineira ou se era alguma outra data, mas ela não iria comprar nada naquele dia. Foi à loja para me entregar uma rosa e pela quantidade de rosas que tinha na mão faria isso com muita gente. Expliquei para aquele filho que naquele dia havia guardado a rosa em um caderno e que, muito provavelmente, escrevi em detalhes como ela estava vestida e calçada.

06h45 – Mesmo? Um diário?

Ficou logicamente espantado. Expliquei que não era um diário, porque não queria ter a obrigação de escrever

tudo que acontece comigo. Muito adolescente isso... Era um caderno. Sempre gostei de escrever e ele virou um amigo, tanto que ganhou até um nome.

06h55 – Relicário?

06h55 – Sim, é como se lá eu guardasse as relíquias da minha vida.

06h56 – Muito bonito isso, moça. Eu também gosto de escrever. Já até publiquei um livro. Também vou abrir um caderno para escrever algumas coisas, mas não sei se será um relicário, pensei em reflexões minhas.

Fiquei um pouco com medo do rumo daquela conversa e mais ainda quando eu vi que ele não havia parado de escrever ainda...

06h57 – Você escreve em primeira pessoa?

Sempre gostei de escrever, mas não sei por que não me lembrava direito o que era primeira pessoa. Deu tempo de pesquisar na internet e responder sim, como se não houvesse pesquisado.

06h58 – Tenho alguma dificuldade em escrever em primeira pessoa...

Resolvi voltar o rumo da conversa. Disse que olharia o caderno ainda naquele dia e que no outro já verificaria se tinha aquela informação. Ele agradeceu. Despedi. Apaguei a parte literária da conversa e avisei aos vendedores que já estavam chegando que amanhã finalizaria aquela venda.

– Vocês não precisam se preocupar, viu?

Capítulo 3

ELE - Metalinguagem



Não me prenda em uma caixinha
Fujo da previsibilidade
A caneta? De fato, é minha...
Escrevo só à luz da vontade

Não me obrigo a tempo, nunca
Prazos bastam os que a vida tem
Meu encontro com papel é fuga
Construo o ler no que me contém

Gênero não me parece escolha
Sinto que todos quero por perto
Árvores: ora fruto, ora desfolha

Não importa o destino final?
Lixo ou livro valem esforço
Cada letra escrita é degrau

Por isso abro um parágrafo. O soneto, fora das regras padrões, me exige, me prende, fascina. A prosa me liberta, vou mineiramente deslizando os dedos no teclado, na cadência de um trem. Paro às vezes para ouvir o silêncio. É estação. Volto às letras como se os eixos voltassem

a rodar. Às vezes, o apito das ideias me assusta. Vamos seguindo. É a escrita que me leva a cenários meus que antes desconhecia. Tudo é descoberta...

É que por mais que resolva ser indiferente à criação dos meus personagens, frases e versos, eles sempre falam sobre mim. Não necessariamente sobre minhas opiniões, conceitos e preconceitos. Aliás, muitos de mim divergem, brigam com meu eu, mas tudo tem meu filtro. É como enxergo o contrário ou como vejo aquilo que ainda não consegui identificar como meu, mas que me é próprio. Cada letra que sai agora não chegou aqui por acaso. Tudo é construção. Até o vazio.

O escrever só não me é solitário porque nos temos. Uma companhia às vezes ácida, às vezes terna, sempre edificante. Nunca saio igual de uma jornada. Pois se afinal tudo passa pelo meu filtro, no fim, minha obra sou eu, meus “eus”.

Algo que me inquieta.

Isso porque se resolvo interpretar o que as letras falam comigo após serem despreziosamente escritas, ou não, me encho de hipóteses sobre a minha obra e conseqüentemente sobre mim. Algumas descabidas, outras muito interessantes. Em algumas, avanço. Em outras, pauso, mas elas sempre estão ali como espinhos. Incomodam para que eu não me acomode.

É como me reconstruo.

Só que as letras não falam só comigo. Algumas, as que passaram pelo crivo do lixo e da gaveta, começam a falar com outros. Ganham dimensão que já não posso

mais controlar. Fui eu que escrevi, tem meus filtros, sou eu; mas, agora, sobre o filtro de quem me lê.

Algo que me inquieta

Não porque posso ser erroneamente interpretado. Jamais. Nunca tive a pretensão de que meu filtro chegasse limpo a quem me lê. A riqueza da literatura é que ela cria individualismos numa mesma obra. Se falo sobre uma estrela que cai em uma noite romântica, haverá quem reaja com suspiros, quem crie hipóteses sobre a queda da estrela, quem critique que a noite nada tem de romântica... e essas são só algumas das hipóteses.

Uma obra é o olhar de quem lê. Surpreendo-me com compreensões até mais complexas do que as que pensei no momento da criação de um personagem. Já houve quem me mostrou riqueza onde eu mesmo via superficialidade. Neste dia, percebi que um poema nunca é fechado, nem para o autor.

Desgarrar das minhas palavras foi um duro exercício. Não tenho e nem quero mais ter razão sobre a minha obra. Essa razão não existe. Destituo a vaidade para me abrir a um mundo que só começou comigo, mas não é meu e com o qual eu posso continuar aprendendo. Não é por acaso que alguns chamam livros de filho.

Eles têm seu DNA, você quem “fez”, podem até ser sua cara, mas vão ganhar vida sozinhos. Infeliz de quem tenta controlar esse crescimento e não aproveita das novas relações que ele vai criar para se reinventar, para se permitir novas interpretações sobre ele e sobre si, para continuar vivendo por meio dele.

As palavras são uma das formas de se chegar à imortalidade. Não porque elas estarão ali, por meio de livros ou publicações, para sempre. As páginas amarelam, as capas rasgam, os carunchos vêm. Um dia, o lixo será o destino até para aquelas palavras que passaram pelo crivo dele, quando eu as escrevi. Isso não me desanima.

A vontade louca do autor quando quer que sua obra seja lida passa pelo desejo de tocar o outro. Ser lido é uma oportunidade de se mudar, como disse anteriormente, e de mudar o outro. Quando as minhas palavras mudam o outro, tocam o outro, quando estão no outro, nunca morrem. Ninguém mata. Imortalidade é estar nos outros.

É como me reconstruo.

Há ainda uma terceira dimensão. O exercício de reler uma obra vai trazendo compreensões minhas que não tinha maturidade para enxergar à época. O processo de maturação das letras, assim como nos queijos, exige paciência, mas garante um sabor diferenciado. Quanto mais fresco o queijo, mais suave. Quanto mais maturado, mais firme e intenso. É gostoso provar os dois. Só que um queijo nunca é bom por si só. Os sabores mais refinados só conseguem ser percebidos com a evolução do provador. A delicadeza só é notada por quem muito prova...

A mágica está aí e no diálogo entre processo de coagular o leite e sentir o aroma e o sabor residual. Poderiam aqui chegar as aspas, mas veio o travessão.

- A vida é o pingo. E você?
- As mãos. Assumo ser só parte do processo.
- Fazer não basta?

– Não. Não é só sobre trazer para ele o que está em mim. É sobre o que consigo trazer até ele. Não sou somente eu. É o que me cerca ou me cercou. Cerca.

– E você?

– Empresto minhas mãos ao ofício. Sou feliz quando provam da minha obra e me farto na dos outros.

Abro novo parágrafo após o discurso direto para que não achem que a manufatura se exime do medo. Quando as palavras vão se acabando, o discurso está próximo do fim, me pergunto: quando o ponto final chegar, terá sido relevante? A relevância em si é subjetiva, eu sei, mas o que acharão? Talvez uma ousadia. Sempre tive medo de escrever em primeira pessoa. Julgamento, mas aqui não estão nem metade dos parágrafos que originalmente escrevi. Revisão neste caso é reviver com olhar ainda mais crítico. Se faz bem ou mal, não me atrevo a dizer. Quando o ponto final chegar terá sido relevante? Terá mudado a vida de alguém? Não vou arriscar. Recorro-me a aldravia.

escrever

permanentemente

ser

viver

no

outro

Capítulo 4

ELA - Sinestesia



Se eu dissesse que tinha certeza de que tinha descrito aquela senhora no Relicário, estaria mentindo. Passei aquele dia todo pensando nela. Lembrava dela, mas não conseguia visualizar seu rosto. Era uma presença forte, mas ao mesmo tempo apagada. Sim, ela era cliente da loja, já devia ter visto ela algumas vezes, mas a que me marcou mesmo foi aquele dia da rosa. Uma rosa vermelha.

Lembro que já estava limpando o depósito. Deveria, então, ser por volta das quatro da tarde. Enquanto subia e descia a escada para limpar a poeira das caixas, me deparava a cada minuto com as unhas do pé já descascando. Quando alguém passava por ali em busca de algum número, fechava os dedos na esperança de quem ninguém as visse. Na verdade, não viriam mesmo se estivesse muito bem-feitas. A cobrança era mais minha.

– Será que contratariam uma vendedora de unhas para fazer?

Pensei que não. As vendedoras, todas, andavam sempre bem arrumadas. Tinham até uniforme. A calça cinza era social. Reta, de alfaiataria com fios de viscose. Cintura alta, bolso falso. A camisa social era de um algodão tão leve e macio que parecia deslizar no corpo delas. Justas na cintura, punhos com botões, manga longa. Todo início de ano quando a costureira descia no depósito para pegar as medidas, parecia uma festa. As vendedoras levavam até salgadinhos para aproveitarem cada momento por ali mesmo.

Mais um janeiro se passou e eu não fui chamada para experimentar roupa. Não ganhei um lenço de pescoço, nem usava o batom rosa, padrão da loja. Lá estava eu de

chinelos, short jeans, camiseta velha, escondendo os dedos. Aqueles pensamentos estavam falando muito alto em mim. Tão alto que começaram a me desconcentrar. Um passo em falso na escada, mas nada demais. Achei que era o momento de ligar o rádio.

Todas as vezes que meu coração me ensurdecia com palavras que não queria mais no pensamento, ligava o rádio. Não tão alto ao ponto que pudessem ouvir na loja, mas mais alto que o de costume. Não era ilusão. O rádio e minha voz cantando as músicas conseguiam, pelo menos por algum tempo, silenciar os pensamentos que me envergonhavam. Era assim desde a infância.

Lembro de um dia na escola. Eram aqueles dias de provas finais. Ninguém aguentava mais estudar e a minha impressão era de que nem os professores também queriam ficar mais ali. O combinado não era verbal, era como se fosse uma tradição da escola mesmo, passada de aluno a aluno, em profundo silêncio. Quando terminava a prova, entregava os papéis aos professores com algum sorrisinho de lado para expressar simpatia e aguardava no corredor. Estava feito o acordo.

A nota sairia antes mesmo que o aluno mais inteligente da sala tivesse terminado aquela jornada. Os professores mais velhos nem iam à porta. A mesa deles ficava ao lado de uma janela, estilo guilhotina, de vidros sempre abertos, mas com a parte de madeira fechada, para que se evitasse o contato visual com o corredor e também para abafar a gritaria da meninada. Pelo menos era o que eu pensava. A verdade é que sempre havia uma ripa de madeira quebrada e nesta época elas pareciam aqueles antigos fax.

Assim que o aluno deixava a sala de aula, o professor se apressava para corrigir a prova. Era um olho nas palavras, outro nos alunos, para garantir que ninguém iria se aproveitar para colar. Como estratégia, a maioria usava perguntas fechadas e já ficava com o gabarito debaixo da pasta. Era só conferir, anotar a nota e passar a prova pelas ripas da janela. Como havia falado, chegavam como fax para quem estava do outro lado.

Nem sempre o professor tinha a percepção e o tempo de colocar à frente a parte em que estava o nome do aluno. Eram segundos de tensão para a criançada que estava do lado de fora, ansiosa para ver a nota. Passado o fax, todo mundo acabava ficando por ali mesmo, para comentar uma ou outra questão, comparar notas e esperar o último a sair. Afinal, ele seria o termômetro para sabermos se a prova, de fato, tinha sido mesmo tão difícil quanto imaginávamos ou se só estudamos pouco.

Eu nunca era a que saía por último. Nem a que saía primeiro. Aliás, tinha lá minha estratégia. Muitas vezes, terminava a prova e ficava enrolando para entregar. A tática era: quando o professor acabasse de corrigir uma prova, levantava e entregava a minha, que já seria corrigida na hora. Isso garantia agilidade e também pouca gente esperando na janela comigo. A minha era a próxima e muitas vezes sentia a mão do professor segurando, enquanto puxava ansiosa aquele fax.

Naquele dia, já tinha pegado minha prova. Era um sete mediano que me alegrava. O corredor estava lotado. As janelas de fax funcionando a todo vapor. Resolvi deixar os comentários da prova de lado e fui beber água. Não era exagero dizer que era como um desfile. Independente

de beleza, naqueles corredores entre grandes arcos todo mundo era observado. Alguns cumprimentavam, outros aguardavam ansiosos para que a gente passasse para comentar algo. Normal.

O fato é que eu estava um pouco incomodada. Eu havia crescido. O uniforme que era do ano passado ainda estava apertadinho, mesmo com o esforço que fiz para emagrecer, um pouco mais, meu corpo já magrinho. O ano estava acabando e meu avô me pediu compreensão. Eu entendia o momento. No outro ano esse incômodo acabaria e faltavam apenas as provas finais. Fui beber água.

Quando senti as primeiras gotas geladas doerem nos meus lábios ouvi um barulho baixo, mas ensurdecedor, de um pano que se rasgava. Senti onde era e nesta hora já estava com o rosto acalorado de vergonha. Não tinha como tampar. Um caderno, uma blusa de frio. Nada. Eram provas finais, dezembro no Brasil, só tinha uma caneta nos bolsos e também já era tarde.

Meus dedos não haviam ainda terminado de apertar o bebedouro quando ouvi algumas pessoas rindo. Eram justamente os meninos mais velhos. Pior: era a turma do menino que na época eu gostava platonicamente. Ergui o corpo, como se restasse só minha dignidade. Olhei profundamente nos olhos daqueles que riam, como se os julgasse. Ergui o rosto e fui.

No começo, andando. E-le-gan-te-men-te. As risadas, no entanto, aumentavam. Começaram os gritos, os apontamentos, gente que chamava meu nome. Aquele corredor de sete salas parecia ter 70. Comecei a correr,

mas nunca chegava àquele portão de saída. Foi a eternidade mais longa da minha vida e ninguém veio me ajudar a passar por ela.

Cheguei à calçada com os olhos cheios d'água e sabendo que ainda precisaria encarar o caminho até em casa. Não era longe, mas naquele dia pareceu. Na rua ninguém riu. Acredito hoje que poucos perceberam a calça rasgada, mas naquele dia corria como se holofotes estivessem em cima de mim. Quando abri o portãozinho de madeira lá de casa e senti os sapatos na terra, foi um alívio.

Meu avô não estava. Corri direto para o meu quarto. Deitei-me na cama. Chorei. Co-pi-o-sa-men-te. Um misto de raiva e de vergonha que eu não conseguia lidar. Chorei. Chorei. Chorei. Ora, olhava para o espelho para ver a cara do sofrimento e voltava a chorar. Chorei. Até que o choro mesmo já não tinha mais força para continuar. Virou suspiros. Alguns longos. Doloridos. Me abraçava ao travesseiro e a um cobertor como aquele da minha avó, mas nada me consolava.

Aqueles risos, aqueles comentários... Os meus pensamentos falavam tão alto que não conseguia mais suportar estar comigo mesma. Buscava pensar o nada, mas era esforço em vão. Lembrei do rádio. O pequeno radinho do meu avô escutar futebol. Corri para a gaveta onde ele sempre ficava escondido. Liguei ainda no caminho de volta para o quarto. Sintonizei e cantei.

Cantei o mais alto que conseguia cantar. A música que não sabia. Da forma que naquele momento conseguia. E aquilo me fez bem. Desviava meus pensamentos de uma

forma mecânica. No fim, estava dançando. A vergonha da calça rasgada estava ali. Por anos me acompanharia, mas tinha descoberto uma forma de não dar a ela o valor que ela queria. Daria o meu valor, na proporção que eu definisse. Se ela quisesse crescer, iria ter que concorrer com a música.

O radinho do meu avô não era algo disponível. Pouco antes de ele chegar já havia guardado no mesmíssimo lugar. Ele só falaria dias depois que aquela marca de pilhas era ruim...

- Não durou nada desta vez.

Fiquei calada e pouco depois descobri que não precisava dele. Se cantasse a música na minha cabeça fortemente as vergonhas iriam tomar seu devido lugar. Foram muitas músicas desde então. Aquela unha a fazer seria só mais uma. Mais uma vez, voltei para casa para cantar.

O expediente havia, enfim, acabado. Desliguei o rádio com a anuência do colega que organizava o estoque. Ele tinha chegado por ali há alguns minutos e não se opôs ao volume. Aliás, não disse nada. Nos cumprimentamos por um aceno e da mesma forma me despedi.

Subi as escadas. Passei sorrateiramente pela loja. Nunca sem reparar as vendedoras. Lindas. Abaixei a cabeça até chegar ao caixa. Lembrei de que tinha meu pedido para finalizar. A loja estava cheia naquele momento, mas sabia que logo, logo a equipe de vendas estaria mais tranquila e voltaria seus interesses para os negócios online. Já havia avisado que a negociação era minha, mas na dúvida anotei o número do celular do cliente que queria comprar a sapatilha para sua mãe e apaguei a conversa.

Deixei a loja rapidamente. Um aceno para a gerente, que me devolveu um sorriso no rosto. Sai caminhando e pensando no dia em que ela me veria como uma de suas vendedoras. Imaginei me chamando na sala. Papelada em mãos.

– A vaga é sua!

Coloquei os óculos escuros para disfarçar os olhos marejados. Ficaram assim com um pensamento. Imagine como ficarão no dia em que tudo se realizar. Andei por mais uns quarteirões imaginando aquele momento e o restante do caminho até em casa tentando lembrar detalhes daquela senhora que havia me entregado rosas.

Não conseguia lembrar muito do seu rosto, além da cicatriz. Via em minha mente um sorriso calmo. Alguém com, no máximo, um metro e meio. Cabelos bem arrumados, uma blusa de tecido leve, vermelha, saia preta abaixo dos joelhos, a bendita sandália.

Lembrei ainda de um cheiro que não era o de rosas. Era o perfume dela. Me passava a sensação de mistério aquele cheiro. Era doce, mas não ao ponto de ser enjoativo e ao mesmo tempo era levemente amadeirado. Quem usaria aquele perfume? Alguém sensível, educada, mas forte, me parecia fortalecida pelas coisas da vida.

Era uma senhorinha que não parecia frágil, pelo contrário. Tinha um semblante altivo, mas ao mesmo tempo cativante. Sabe aquele abraço que te acolhe? Nem era o caso, ela não verbalizou, mas sempre que lembro dele é como se eu ouvisse:

– Calma, vai ficar tudo bem!

Passava essa sensação de uma maturidade que traz segurança aos outros e ao mesmo tempo trazia na pele uma ternura que também se via no olhar. As mãos hidratadas. A sensação quando peguei as delas para receber a rosa era de que tocava num cetim. Tinham o frescor do orvalho. Deixavam uma leve oleosidade por onde passavam e um cheiro semelhante ao do perfume ficaria impregnado minhas mãos por alguns minutos ainda. Lembro que cheirei as rosas naquele dia, mas também cheirei minhas mãos. Senti aquele perfume novamente agora. Acho que ele não sairá nunca da minha memória.

– Como foi no trabalho, minha filha?

Encontrei meu avô sentadinho no quintal. Arrancava algumas pragas em meio a grama. Abriu um sorriso quando me viu, mas tinha uma expressão de dor. Não me falou nada, mas aquilo me incomodou. Deixei minha bolsa na mesa, controlei a ansiedade de pegar o relicário, voltei ao quintal para ver como ele estava.

– Uma dor nas costas. É a idade, minha filha...

Pedi para que eu pegasse um dinheiro que guardou debaixo de um pequeno vaso que ficava do lado do filtro de barro. As flores vermelhas que ele havia colhido pouco antes, por ali, estavam bonitas, vívidas. Toda vez que começassem a murchar, meu avô trocava. A imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida nunca havia ficado sem flores. Fé mais pura e amor mais terno eu nunca vi.

– Vai naquela aqui pertinho, para não demorar muito.

Antes de abrir o portão o ajudei a chegar até o sofá. Lavei suas mãos com uma bacia, mas ainda deixando alguma terra debaixo das unhas. Dei um beijo em sua testa. Assim como ele fazia desde que me entendo por gente, levantou a mão e traçou um sinal da cruz na minha testa. O que ele falava, há muito era incompreensível para quem ouvia. Não para mim.

– Deus te guarde, te governe e tenha em ti sua Divina Misericórdia.

O pai dele também o abençoava assim. Eu nunca saía de casa sem aquela benção. Se saía dez vezes, dez vezes recebia a bênção. Era como se fosse para ele uma promissória de que voltaria bem.

Meu passo era apressado. Não gostava de deixar meu avô sozinho, apesar de que ele ficava boa parte do dia assim. A questão é que o tempo que tinha para ficar com ele tinha que ser dele. Mesmo. Não gostava nem de ter o celular por perto. Acelerei para que ele tomasse o remédio o mais rápido possível e para que eu pudesse ficar o máximo de tempo com ele naquele fim de tarde, início de noite.

– Tem esse em promoção. Pode ser?

Perguntei se fazia o mesmo efeito e aceitei levar. Era uma economia, afinal. Na fila do caixa estava impaciente. Alguma pessoa lá na frente não estava conseguindo passar o cartão. Só um caixa disponível. Pensei em desistir e procurar outra farmácia, mas lembrei que seria uma longa caminhada até lá.

A essa altura, meus pés já batiam forte no chão, meu olhar fixo na pessoa que atrapalhava minha pressa deve ter o deixado sem graça. Não conseguia controlar minha testa levantada em momentos como este. Minha compaixão pelo cartão que não passava, com o chip estragado, era menor que minha vontade de chegar em casa.

– Resolveu pagar com Pix, finalmente!

O comentário da senhora que estava à minha frente me fez dar um leve sorriso. Levantei a testa e segui passo à frente, até minha vez ao caixa.

– É remédio para dor, vou pagar em dinheiro, anota meu CPF...

Nem todo mundo é tão objetivo assim na fila do caixa. Sem nada a mais para me perguntar, devolveu meu troco e soltou um volte sempre já chamando o próximo cliente. Peguei a pequena sacolinha, enrolei o troco na mão e coloquei no bolso. Apressei o passo, nada me faria atrasar novamente. Esse era o foco daquela pequena caminhada até em casa, mas não seria bem assim.

– Posso pedir um minuto da sua atenção?

Alguém falou nas minhas costas. Por um segundo, pensei em fingir que não tinha ouvido, mas o ímpeto de olhar foi mais rápido que o pensamento.

– É muita fome. Eu só estou vendendo essas bolsinhas...

Já tinha até uma frase pronta para dezenas de situações assim, mas não consegui usar. Aquele homem, preto como eu, disse fome. Fome. Dezesete pessoas morrem todos os dias de desnutrição no Brasil. Aquele rosto

magro tinha fome. Aquelas mãos magras, que suspendiam delicadamente três pequenas bolsas de lã, eram o reflexo da fome. Foi a fome que fez aquele homem pedir lã e agulha em uma loja para produzir suas bolsinhas. Sob chuva, me contou; sentou-se em uma calçada. Boné preto, jaqueta, calça jeans. Tirou a última força para passar duas horas tecendo bolsinhas, horríveis, feias mesmo, mas que fariam alguém olhar diferente para sua fome.

– Escolhe a que você quer!

Disse ele depois que entreguei o dinheiro do troco do meu avô. Disse que não queria nenhuma. Ele insistiu. Expliquei que queria dar a ele a oportunidade de vender de novo a bolsa. Ele sorriu um sorriso que valeu como um abraço. Olhou para baixo, me olhou.

– Obrigado!

Seguimos para lados opostos. Fui para casa pensando nele. Deus tenha misericórdia. Minha vida foi sempre pobre, mas comida simples, arroz e feijão nunca faltaram. Um teto, ainda que provisório, sempre tivemos. Lembrei que meu avô dizia para não negar esmola. Conversei tudo para ele quando cheguei em casa.

– O que a pessoa vai fazer com o dinheiro, minha filha, já não é problema seu. Se é comida ou droga, a gente nunca vai saber. Na dúvida, pensa que ele vai conseguir dormir melhor essa noite.

Pensei que ele, saciado ou drogado, iria dormir melhor. Abracei meu avô, fui tomar um banho e ainda amarrada na toalha abri o Relicário. Não foi difícil encontrar o que escrevi naquele dia. Depois que a rosa havia secado,

guardei ela na página posterior àquela que tinha escrito. Estava ali. Ainda tão bela. Lembrei que minha avó cantava uma música que dizia que sempre fica um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas.

Aquelas mãos tinham perfume, pensei, enquanto localizava minha descrição sobre elas. Escrevi que ouvi no rádio que era Dia da cátedra de São Pedro. Pesquisava o que era cátedra quando aquela mulher chegou. Sim, tinha escrito o nome da sapatilha que ela usava. Foi maior que eu. Peguei o celular e chamei aquele moço para finalizar a compra. Um boa noite, uma boa notícia.

19h17 – Se quiser, mando entregar logo cedo para você.

Ele não respondeu.

Capítulo 5
ELE - O mar



Isso também passa...

A frase ficava acima da cama do médium Chico Xavier. Dizem que ele costumava explicar que, lida nos momentos difíceis, era um consolo; nos bons momentos, um alerta. O eterno não nos pertence; nosso, é o efêmero.

Nada é igual de novo, tal como a onda que bate na areia. Pode ser a mesma água, mas voltará de forma diferente e não encontrará os mesmos grãos que outrora havia incomodado. Isso, se voltar.

O mar é mais corrente do que onda. Os movimentos internos são maiores que aqueles que se pode ver. Infeliz daquele que só é praia. É no alto-mar que se faz o bom marinho e onde o mar é, de fato, mar.

Ser mar em profundidade, no entanto, dói. É fazer onda onde quase ninguém vê. É um rearranjo interno diário que move tudo que há dentro de nós. Ser mar é ter coragem de organizar aquilo que se deve e saber entender aquilo que tem movimento próprio, o que posso influenciar, mas não definir o rumo.

Há peixes que acompanham a correnteza, mas eles sabem que podem nadar contra ela. Só peixes mortos não conseguem enfrentar a força interna do mar. Só sentimentos e vontades mortas não poderão ser mudados ou revividos. Estes chegarão à areia, mas para ficar.

Não há problema algum em acompanhar a correnteza, nem sempre é hora de enfrentá-la e há caminhos bons que dela derivam. Não há problema na resistência moribunda de tentar e não encontrar forças para conseguir enfrentar a correnteza. A persistência é ensinamento.

De tudo, só se deixar levar sem rumo e sem a intenção, só desistir covardemente te coloca em perigo, de morte, de deixar de ser mar.

Por tudo isso, cada retomada tem o valor de uma vida. Retomar, tomar de novo aquilo que estava ali e construir o novo a partir daquilo. As dores agora são maiores, as cicatrizes mostram como chegamos até ali. São as mais belas tatuagens de quem escolheu continuar vivendo e fez da ressaca mar sereno.

Retomar é tão forte que pode ser vida que segue até mesmo quando a morte já te dá boas-vindas. Viverei até quando as consequências das minhas retomadas forem mar para peixes que a acompanham ou lutam contra a correnteza.

Capítulo 6

ELA - Lama



Naquela noite fui dormir depois de ver o jornal na TV. Aterrorizada. Anos depois, estávamos vivendo tudo aquilo novamente. A chuva fazia mais vítimas numa cidade distante daqui. 154 desaparecidos até então. Toda as vezes que ouço notícias assim, lembro que um dia fiz parte destes números.

Fui desaparecida. Cinco horas debaixo de escombros. Um bolsão de ar entre uma cama quebrada e um criado permitiu que uma criança de cinco anos, ainda que desacordada e presa pelas pernas por um pedaço de parede pudesse sobreviver até que chegasse ajuda. Não me lembro de nada, mas é sufocante imaginar.

Meu avô desesperado gritava. Vizinhos se mobilizaram para tentar nos resgatar. Retiravam o que conseguiam. Do modo que conseguiam. A construção era frágil. Em tese, era mais lama do que tijolo e telha. Os bombeiros chegaram 50 minutos depois e como nossa casa ficava entre as últimas que foram atingidas resolveram começar por ali o resgate.

Por horas não foram respondidos os chamados. No coração, meu avô sabia que o pior tinha acontecido. Não o deixaram ficar por perto. Numa cadeira de sol, improvisada por vizinhos, a alguns metros dali, acompanhou todo o resgate. Incrédulo. Não se conformava de ter apenas algumas escoriações de uma queda enquanto corria.

Naquele momento queria estar entre os mortos. Era, enfim, a morte em vida. Uma angústia que sempre que iria contar sobre ela chorava de partir o coração. Nunca, no entanto, deixou de contar. Nunca deixei de ouvir. Tinha a impressão de que sempre que contava a mesma

história queria dividir um fardo, tirava um espinho de um corpo todo jogado neles por causa daquela lama.

Acharam o corpo da minha avó. A lama encobria tudo. Naquela escuridão meu avô reconheceu o amor da sua vida por um pedaço de pano. Centímetros limpos de uma estampa floral da roupa de dormir. No desespero, gritou profundamente. Não há quem por aqui não se lembre daquele gemido de dor. Ajoelhado, era amparado por vizinhos e novamente foi impedido de se aproximar.

Viu o corpo de minha avó passar por ele em um saco preto. Agora restava esperar pelo meu. Iriam ser mais 40 minutos naquela angústia desesperadora até que um outro grito trouxe vida aquela noite de chuva.

– Glória a Deus!

Um voluntário não se conteve quando ao me avistar percebeu que respirava. Horas depois do resgate disse em uma entrevista à TV que ele tinha um filho da minha idade e que não se conteve quando encontrou vida naquele mar de lamas. Apesar da insistência dos bombeiros para que ele deixasse o local, ele ficou. Por algum tempo, ele ajudou a salvar o filho dele com a força que só um pai salvaria.

Não foi fácil, mas aquele comandante que ordenou não parar as buscas durante a madrugada deve hoje saber que fez o certo, apesar do arriscado.

– Qual é o nome da menina?

Logo foram perguntar meu nome ao meu avô na esperança de que eu respondesse quando chamada pelo nome. Chorei e apaguei. Foram mais alguns minutos de

silêncio até que conseguissem chegar a mim e, mais do que isso, até que retirassem os escombros sem que aquela lama me encobrisse. Cirúrgico. Silencioso. Angustiante.

Quando finalmente aquele corpinho magro deixou aquele cenário de filme de terror, vieram palmas. As imagens, gravadas por uma equipe de TV e que ficaram por anos numa fita VHS na estante da sala, mostram que os bombeiros que me estabilizaram numa maca choravam muito. Era fácil perceber o que eram gotas de chuva e o que eram lágrimas. Carregaram a menina desacordada até a ambulância já preparada para receber alguém em estado muito grave.

Deixaram meu avô me acompanhar. Ele segurou minha mão enrolada em uma espécie de papel alumínio para conter a hipotermia. Ele nunca mais soltou minha mão. Em dias de chuva como este, chegava de fininho do meu lado e colocava minhas mãos sobre as dele. Apertava. Eu sabia o que estava pensando, mas tínhamos um combinado nunca verbalizado de que ficaríamos em silêncio. Sentir o calor das minhas mãos para ele era como se a vida vencesse a morte mais uma vez.

Ele adormeceu na sala. Muitas vezes preferia o sofá à cama. Não gostava, mas respeitava. Cobri deixando os pés para fora, ele sentia muito calor nos pés. Tirei minhas mãos das dele. Desliguei a TV. Dei um beijo de boa noite. Ele despertou por alguns segundos.

– Dorme com Deus, minha filha!

Voltou a dormir. Fui para meu quarto. Para que o sono viesse, tomei o Relicário e fui escrever. Letras também são remédios contra a angústia. A dose recomendada é

o doer das mãos. O efeito é imediato. Naquela noite, dormi profundamente e só fui acordar atrasada, com uma mensagem às quatro e quarenta e seis da manhã.

4h46 – Pode finalizar a compra. Vou querer três.

Antes mesmo de ficar feliz com a venda, parei por alguns minutos sentada na cama para observar a foto daquele homem. Aparentava ter seus 30, 32 anos, no máximo. Estava sorrindo e isso lhe dava alguns pés de galinha ao redor do olho. Óculos de grau, um olhar penetrante, afetuoso. Chamou a atenção alguns cabelos brancos na cabeça e na barba. Não era um homem que me chamaria a atenção na rua, mas o carinho que aparentava ter por sua mãe lhe fazia mais belo do que de fato era.

Fiquei me perguntando que tipo de homem era aquele que queria agradecer sua mãe não apenas com um, mas com três pares de sapatilha. Era uma sapatilha pouco vendida. Fora de moda, só havia na cor preta. Tinha um público fiel que procurava conforto e não beleza. Uma vez ouvi uma cliente dizendo que era feia, mas parecia fazer carinho nos pés.

Talvez aquele filho quisesse fazer um carinho naquela mãe. Talvez não tivesse coragem de colocar suas mãos entre as dela. Talvez não fosse de abraçar. Talvez não a encontrasse com tanta frequência. Fiquei pensando em mil coisas e, na correria, decidi que só o responderia quando chegasse à loja. Naquele dia não tomei café.

– Vai com Deus, minha filha. Não deixa de comer alguma coisa na rua.

Meu andar apressado, nas calçadas molhadas, rendeu alguns tropeções e escorregões. Ri de mim mesma, enquanto lembrava que, de fato, poderia ter mexido em algo e desativado aquele alarme na noite anterior. Aquela mensagem me ajudaria duas vezes naquele dia. A primeira, era que não chegaria atrasada.

06h07 – Perfeitamente, senhor.

Ele estava online àquela hora. Finalizaria a compra antes de todos chegarem e planejei caprichar na limpeza do salão para que não pensassem que estava deixando de fazer minha função para fazer a de outros. Nada poderia dar errado.

06h08 – Vou pagar pelo Pix, pode me passar a chave da loja.

Não havia muito o que combinar. O modelo era único. Ele já havia me passado o número. Tirei uma foto dos números-chave para pagamento. Tínhamos impressa sobre o balcão para evitar confusões. Eu ainda estava passando o rodo por perto quando ouvi o celular da loja apitar. Dinheiro na conta. Agora, era só anotar o endereço, separar as sapatilhas e pedir para o motoboy entregar assim que ele chegasse. Ele me passou o endereço, mas pediu para que não entregasse naquele dia.

06h43 – Estou com minha mãe no hospital hoje. Se puder deixar reservado te aviso quando voltarmos.

Não quis perguntar o que ela tinha. Poderia soar invasivo. Preferi encerrar a conversa com medo de incomodar naquele momento.

06h45 – Pode ficar tranquilo. Aguardo seu contato. Meus votos de melhoras.

06h45 – Obrigado!

Aprendi no catecismo que ter compaixão não é ter dó do outro, mas viver com o outro a sua dor, colocar amor naquilo que faz o outro sofrer. Naquele dia vivi aquela dor sem nem saber direito de que dor se tratava, mas sabia que era dor. O filho que comprou carinho para os pés da mãe não poderia entregá-lo. Estava esperançoso em entregá-lo porque não havia cancelado a compra, mas devia estar naquele momento angustiado ao lado do leito de um hospital. Talvez, tenha tocado as mãos de sua mãe, como meu avô toca a minha.

Quando a gente vê a dor do outro e se coloca no lugar dele, muita coisa faz sentido. A dor, obviamente, não dói igual em todos. Há mesmas dores, com mesmas intensidades que tocam em corações de formas diferentes. Há dores insuportáveis para mim que soam brandas para o outro. Há dores brandas para mim, inimagináveis para o outro. O coração tem filtros para quem sabe da vida tirar aprendizados. A vida ensina que viver também é saber lidar com as dores: bem ou mal, sabia ou incoerentemente, ignorando ou se permitindo ser intenso, não há caminhos que fujam da luta que ora nos tornam mais sensíveis, ora nos enxertam uma couraça sob a pele.

– Três sapatilhas?

A gerente da loja estava surpresa com o pedido. Era incomum. Respondi mostrando as conversas e disse que o valor da compra já se encontrava na conta da empresa. Ela sorriu, mas depois ficou séria.

– Vai ficar aqui na loja? Isso não vai dar certo. Depois, vão vender produto já vendido e é aí que começa a confusão...

Ela era daquelas que não consegue terminar uma conversa sem dar uma lição. Já eram anos de experiência com loja e tinha convicção que sua missão de vida era passar para frente o que ninguém tinha lhe ensinado. O sotaque, que lembrava o árabe, era acentuado nestas horas e remetia aos grandes negociadores. Recomendou que eu fizesse aquela entrega o mais rápido e se despediu.

– Estou te vendo, viu? Seu esforço...

Era tudo que meus ouvidos queriam ouvir naquele momento. De longe, era uma promessa, mas ser vista era um grande primeiro passo naquele cotidiano de invisibilidade. Corri com o serviço naquele dia. Agora, entregar aqueles pares de sapato havia se tornado uma missão.

Capítulo 7

ELE - O plano



Tenho um plano

Um plano para as vidas que não tenho

Não tenho mais vida

Mas tenho um plano

Hão de me julgar por tê-lo

Tentarão entender cada atitude

Tenho atitude

E não medo de julgamentos

O que faço é movido pelo sentimento

Mover peças para que se encaixem

Não me encaixo

Movo-me pelo que acredito

No fim, resguardo a saudade

Quero que ela saiba por mim que não é tão grande

Grande seria a solidão

Não a saudade que há de vir

Não sofrerão mais que possam suportar
Suportarão a dor comum às perdas
Perder é doloroso por si
Não demanda outra dor mais intensa

O fardo é menor conforme o andar
Se andar apressado e sozinho sente mais
Se desacelerar e dividir
Será o mesmo fardo, mas não o mesmo peso

Por fim, eu tenho um plano
Que se auto executará e fim
É hora de reiniciar
E a partir daí o plano já não cabe mais em mim.

Capítulo 8

ELA - É Carnaval



Um dia o bloco sai às ruas. Não é só força de expressão, mas também é. Naquele dia, resolvi não esperar e saí com o meu. Sem aviso, sem alarde. Arrumei as sacolinhas com as sapatilhas vendidas e, no fim do meu expediente, cruzei aquele salão como uma madame. Três sacolas, sem avisos de para onde estariam indo. Ninguém questionou.

Decidi levar para casa minha venda. Falaria, se necessário, que já havia entregado ou que o comprador havia pedido para que guardasse em casa. Qualquer coisa. Uma desculpa qualquer para que não ocorresse que, vendo-as ali, a gerente da loja viesse me questionar sobre elas. Estavam vendidas, tinha que entregar. Ouvia ela falando algo parecido, sempre que tinha oportunidade e não dava para arriscar a minha. Preferi levar para casa, mas só fui comunicar isso ao dono mais tarde.

18h27 – Não tem problema algum. Está em boas mãos...

Li o aval enquanto secava o cabelo para aquela noite especial. Era sábado de Carnaval e o bloco da turma do bairro desde cedo anunciava a saída para o início da noite. Ouvia tambores enquanto coloria o rosto. Decidi que não cabia resposta àquela mensagem. Pelo conteúdo e por sentir alguma culpa de estar, naquele momento, me preparando para a festa enquanto ele permanecia em um hospital ao lado da mãe. Coloquei uma pena na cabeça, era dia para ser leve.

– Vamos, amiga! Não quero perder a concentração.

Andar atrás do bloco era só o ápice da alegria, que começava bem antes, na concentração. O som ficava mais

alto, à medida que íamos nos aproximando do cruzeiro. Conhecidos ou não se cumprimentavam. Fantasiados, muitos nem saberiam para quem havia dado um sorriso no outro dia. Muitos mal se lembrariam quem havia beijado naquela noite.

– Vai uma cerveja para as madames?

Vai. Naquela noite ia. Não só uma. Algumas. Independente do dia, do sol ou da chuva, sempre faz calor no bloco. O suor é alegoria. Literal é só a vontade de viver intensamente cada minuto daquele pedaço efêmero de felicidade. A gente aprende o hit do ano em minutos, faz amigos de infância com menos de dez palavras e juras de amor a quem nunca mais verá. É a intensidade que faz um bom Carnaval e as boas histórias também. Foram vários naqueles quatro dias, uma é daquelas que ninguém que estava ao meu lado, nunca mais esqueceu...

– Meus pés estão doendo...

Uma amiga reclamou. Veio de salto, erro grave para quem se propõe a mais de seis horas pulando pelas ruas. Havia uma solução fácil, pela qual a maioria optaria nos últimos momentos de farrá. Em solidariedade, tirei meu sapato também. Os pés no asfalto passam uma sensação de segurança e ao mesmo tempo um incômodo das pedrinhas minúsculas que passam despercebidas no cotidiano. A dor ali é proporcional à diversão. Os pés vão ficando sujos e o não se incomodar, se incomodando, passa uma sensação gostosa de liberdade. Ter os pés sujos no Carnaval não merece a atenção que o fato despertaria em qualquer outra época do ano. Não deixarão de olhar seus pés, mas provavelmente só pensarão...

– Ela deve estar se divertindo muito!

E estava. Sorrindo, gritando, cantando, com um sorriso no rosto no intervalo de um beijo apaixonado. Íamos seguindo com a multidão, levado por ela. Se a música é sucesso ou traz memórias, corríamos para onde estavam os músicos. Se parávamos, levando alguns empurrões vez ou outra, a paquera estava boa. Para os cansados, resta a turma do fundão. Essa é a lógica, mas no fim é tudo involuntário, a gente segue o bloco, como o peixe a correnteza, mas naquele dia resolvi subir o rio, fazer a piracema.

Era uma das praças mais bonitas da cidade. Indicava para o bom folião metade do caminho percorrido. Eu estava reclamando de alguém que havia pisado nos meus pés quando a música parou, as pessoas passavam por mim num silêncio de procissão do Encontro, a vida pareceu ganhar parentes naquele momento. Era aquela casa.

Calçada portuguesa. Ondas em branco e preto. Tinha duas ou três pedras soltas. Parecia dar movimento à casa. Na verdade, um casarão. Não saberia dizer o estilo de arquitetura, mas estava ali resistente ao tempo, com certeza, há mais de 200 anos. Lindo, todo em laranja e branco, naquela noite iluminado. A iluminação externa destacava cada detalhe daquela obra de arte. A muretinha tinha pequenas pedras pintadas de laranja, até cerca de 50 centímetros do chão. De fora a fora. Acima, uma linha pintada em branco. Subindo o olhar, mais uns 20 centímetros pintados de laranja. O branco volta a aparecer num desenho de gesso. Pareciam flores que se encontravam. Seis flores formam quadrados brancos envoltos de mais laranja ao lado e acima. A muretinha

só tinha hiato no portão de entrada e no da garagem, ligeiramente maiores que ela. O ferro retorcido fazia os mesmos desenhos do gesso. Harmonioso.

Esses quadrados lindamente desenhados no gesso se repetiam como se competissem o olhar com as sacadas do segundo piso. A da esquerda, era enorme, tinha cinco quadrados de desenhos de gesso. Parecia sair de uma sala suntuosa. A do meio, era muito pequena. Caberia, no máximo, duas pessoas. Saía de uma porta retangular enorme, pintada de verde e cercada por duas janelas no mesmo tom. Parecia ter sido feita para que alguém pudesse discursar lá de cima. A sacada da direita tinha dois quadrados maiores. Parecia vir de um quarto, com uma janela e uma porta também em verde. A impressão é de que o dono do quarto não se importava ou não tinha tempo para cuidar de um coqueiro, que estava secando pelo visto há algum tempo.

Os muros laterais estavam encobertos de verde. Faziam moldura para a pequena árvore de flores rosa. Parecia dar boas-vindas a quem fosse convidado a entrar pela pequena escadinha, após o portão menor, e passasse pelo piso em tons de marrom, formando quatro pequenos quadrados de tons diferentes. Havia uma luz fraca, acesa na sacada do quarto. Ela, daquelas envolvidas por uma luminária branca e fosca, dava a sensação de um lugar onde o tempo não havia passado.

– Tá tudo bem, amiga?

Respondi à gerente da loja que também estava no bloco, visivelmente embriagada, com um sorriso.

– Te vi de longe, vi que ficou parada enquanto o bloco passava. Parecia em êxtase. O que tem nessa casa que você tanto olha?

História! Respondi, dando gargalhadas. Ela me puxou pelo braço até que alcançássemos os últimos do bloco. Fomos cantando. Provavelmente, ela tenha pensado que eu estava muito alcoolizada e quis me ajudar, mas isso acabou nos aproximando, não quis desmentir.

– Amiga, que bloco é esse!

Ficamos por algum tempo conversando, como se não existisse diferença entre nós. Como se na loja não nos tratássemos com um respeito distante. Ela nunca tinha ido no bloco. Não sabia que saía do meu bairro.

– Se não, tinha combinado com você de irmos juntas!

Ela tinha ido sozinha. Empoderada, jamais deixaria de vir porque as amigas achavam que seria ruim. Ficamos ali, conversando por uns 10 minutos até que ela, vendo que eu estava bem, se despediu.

– Menina, achei um gato ali na frente, já volto! Ah, não esqueço de você hein, garota! Continua firme!

Saiu e ainda bem que rápido. Não percebeu o grito de felicidade que soltei. Era Carnaval, a gerente me via com outros olhos e eu tinha a história de um casarão para contar, ela iria amarrar uma ponta de um assunto que não saía da minha cabeça.

Capítulo 9

ELE - Saudade



Saudade.

Bobagem isso, que saudade é daquelas palavras que você não deve se arriscar a traduzir. Saudade é, na verdade, algo que deveria ser classificado como linguagem não-verbal. Saudade é saudade. Saudade é talvez um rosto angustiado. Saudade é pensamento longe. Saudade é dor no peito. Saudade é angústia dos saudosos. Saudade é saudade.

Saudade.

Saudade é prática da ausência e da distância. Saudade não precisa de teoria, mas tem. Aliás, carrega com ela o ter. Saudade é, então, posse daqueles que a sentem. Deter como sua uma dor que vem da falta. Gozar da ausência. Saudade é experiência. Quem sou eu para explicar.

Saudade.

Sau

Da

De.

Engraçado sentir saudade de alguém que você nunca tocou.

A ausência pediu licença para a convivência; a ignorou.

Talvez porque ela seja mesmo secundária

Há faltas entre desconhecidos e desapego entre os amantes

Engraçado sentir saudade da mensagem curta do outro

Do bom dia que se fala sem pensar, da educação padronizada

Não havia nada que se fizesse especial naquelas letras juntadas

Mas meus olhos a liam como se vissem Camões

Engraçado sentir saudade de quem nunca irá te amar

De quem muito provavelmente não terá tempo de fixar os olhos

Eu tenho saudade, de um amor que transfiro

Saudade para agora até o último respiro

Engraçado sentir...

Capítulo 10

ELA - Realidades



A melhor ressaca é a que se passa em família. A minha era bem pequena. Família de verdade, meu avô. Família de mentira, meus pais, que me deixaram com ele aos três meses de vida, dizendo ser uma viagem de férias para o Chile. Nunca mais voltaram. Nunca mais deram notícias. Nunca mais foram pais, nem filhos, nunca mais foram nada a não ser um elo.

Meus avós por parte de pai morreram cedo. Meus dois tios só vinham à cidade pelo turismo. Bons hotéis e um cassino escondido uma vez ao ano. Ficaria ruim se não me vissem. Ficaria ruim se não me chamassem para dividir alguns momentos felizes com eles. Eu sabia que era mais obrigação do que afinidade, mas nunca quis deixar aquele vínculo se romper.

Não me tratavam diferente, tinham carinho, mas não ousavam perguntar como tudo estava porque sabiam que a minha realidade era bem diferente da deles e não tinham a obrigação de mudá-la. Uma diária no hotel de luxo emudecia as perguntas e dava certa sensação de igualdade.

Obviamente, sempre fui e não deixaria de ir naquele dia em que o que mais precisava era de descanso, de recuperar minhas energias. Meu avô, como em todos os anos, não queria ir.

– Vai você minha filha. Desta vez não quero dar trabalho.

Eu sabia como convencê-lo. Bastava dizer que se ele não fosse eu não iria e logo ele arrumaria uma malinha de couro marrom com uma ou duas peças, um chinelo e sua escova de dentes. Ele não queria, mais uma vez

colocaria sua vontade de lado por mim. Sempre foi assim. Do check-in ao check-out ele não falaria mais que cem ou duzentas palavras. Abaixaria a cabeça todas as vezes que alguém que lhe soasse mais importante que ele passasse por nós.

– Bom dia! – Dizia olhando de lado.

Homem simples, meu avô herdou dos pais que não deveria se meter com gente estudada ou que tenha dinheiro. A eles devia servidão, mesmo quando não houvesse nenhum vínculo. Não se sentia à vontade para conversar e se expor, preferia tomar café da manhã no quarto e comia pouco, muito pouco no jantar e no almoço; sempre sem beber nada.

– Obrigado! Não gosto de beber com comida...

Gostava, na verdade. Por vezes expliquei a ele que no pacote estava tudo incluso, que um suco não faria diferença na conta que meus tios pagariam, mas ele achava que estava abusando. Comia rápido, com os pés encolhidos para atrás da cadeira e um olhar que desviava quando o fitavam. Pedia, então, licença para sair e voltava para o quarto e mesmo assim iria me agradecer quando eu voltasse durante a madrugada.

– Filha, fui muito feliz hoje, viu?

Eu o enchia de beijos sabendo que era uma mentira deliciosa de ouvir e contava os detalhes da noitada até que ele, não mais aguentando, caísse novamente no sono profundo.

Eu? Ficava ali por mais uma hora relembando aquela noite. Apesar de tudo, os momentos com meus tios e

primos eram muito divertidos. Acho que eles nem eram assim no cotidiano, mas estavam de férias, era o melhor deles ali e o melhor deles era muito engraçado e até diria infantil.

– Agora é a brincadeira da mímica!

Num bar à beira da piscina voltávamos todos a ser criança. Não importava os olhares desconfiados ao redor, a impaciência dos garçons que gostariam que a festa terminasse rápido, o pedido para que falássemos mais baixo no meio da madrugada. A gente era só risada. Era família, mesmo que após aquele checkout do outro dia, só voltássemos a conversar ano que vem.

– Vai dando notícia!

Eu nunca dava. Eles também não, mas estava tudo bem daquela forma.

A quinta, após o carnaval, deveria ser feriado também. Penso que poderia emendar com a sexta, mas não era bem assim. No caminho para o trabalho vejo latas no chão e alguns confetes. Ao longe o pessoal da limpeza da Prefeitura começava a cantar o hino da vida que segue. No Brasil é costume falar que o ano começa depois do Carnaval. Assim, o dia dois de janeiro é sempre uma quinta de cinzas ainda impregnadas na testa. O passado passou. Recomeçamos a partir daqui. Afinal, é Ano-Novo e aquele começaria como pedi aos santos.

– E as novidades?

Respondi ao português da padaria que não havia muitas. O Carnaval foi padrão, a visita da família também, meu avô estava bem. Ele já tinha, coitado, ouvido essas

histórias algumas dezenas de vezes. Quis poupá-lo, apesar da gentil pergunta que outrora nos levaria a um dedo de prosa de dez minutos marcado pela chegada de um novo freguês ao caixa.

– Um minutinho, minha querida! – Diria.

Fui tomando meu café pela rua. Aquela loja deveria estar um pó só, após tantos dias sem limpeza. Nesta época, o movimento cai e quando sobra tempo as pessoas começam a observar o que não observariam se estivesse tudo muito corrido.

– Viu que o balcão ficou com umas manchinhas?

As vendedoras de lenço no pescoço eram as mais exigentes, as mais lindas também. Cheguei a ligar a luz do celular para verificar se não havia mesmo alguma mancha. Chão, limpo. Caixa, higienizado. Bagunças, em ordem. Já poderia ir para o estoque, mas fiquei olhando aquela loja. Era muito bonita. As cores, a decoração, as luzes, o cheiro que eu mesma borrifava todos os dias antes de alguém chegar. Se eu tivesse dinheiro, compraria só ali.

– Já tem alguém aí?

A gerente chegou mais cedo hoje. Que bom que foi a tempo de ver a loja mais limpa. Estava com outra mulher ao lado. Eu não a conhecia. Disse bom dia. Subiu para a sala dela, indicando para a mulher qual seria o caminho. Fiquei pensando do que se tratava, mas não quis me incomodar com aquilo. Melhor, quis, sim. Desci para o estoque pensando quem seria. Mil hipóteses, simulei conversas, decidia não pensar mais sobre o assunto, mas que conversa demorada. Vi que alguns vendedores

começavam a chegar e elas ainda estavam lá. Até que me chamaram.

– A gerente tá esperando na sala dela.

Era isso. Tínhamos uma nova ajudante de serviços gerais. Eu sabia. Estava desconfiada. Só não via motivo para me demitirem. Subi aquelas escadas pensando se estava gastando muito produto de limpeza. Poderia ser uma justificativa para me mandarem embora. Eu diria que só estava fazendo meu serviço da forma que me pediram. Energia? Eu não gasto tanta energia assim. Ela está cara, eu sei. Penso que fazer as coisas no micro-ondas agiliza tudo e me dá mais tempo para deixar as coisas limpas mais cedo. Mais cedo? Estão achando que eu estou saindo muito cedo. Nunca deixo bagunça, se eu saio é porque meu serviço acabou. Não tenho mais o que pensar.

– Pode sentar-se aqui.

Tremia. Me apresentou a mulher e disse sem desviar o olhar que ela ocuparia meu cargo. Meu coração estava disparado. Pensei no meu avô, nas contas, na viagem que parcelei, no que faria depois de demitida. Disfarcei uma lágrima que iria correr no rosto com um sorriso.

– Quero que você passe para ela todo o serviço nos próximos dias. Na semana que vem você começa como vendedora.

Um ponto final representa bem minha expressão. Não sabia o que dizer. Olhei fixo para ela. Muda. Segundos que eram só meus. Pensei que iria chorar, mas não. O filme que se passava na minha cabeça, naqueles milésimos

de segundo, não era um drama. Era um filme de ação. Coloquei a cabeça para cima. Inclinei a coluna e voltei a ser aquela criança que disse não à morte sob a Terra.

– Vou ser a melhor vendedora que você já teve.

A gerente me abraçou. Na boca de qualquer outra pessoa essa frase poderia soar como arrogante, mas ela sabia que não era excesso de confiança. Era vontade. Superação, que eu iria dar meu sangue por aquele que foi meu objetivo nos últimos anos.

– Vou precisar que você vá a nossa costureira amanhã, depois do expediente. Ela não tem como vir por estes dias.

Concordei. Dei um novo abraço nela, enquanto minha substituta já se despedia. Nos olhamos por um bom tempo, de mãos dadas. Não lembro o que disse a mais, não me recordo como saí daquela sala e passei pela loja. Minha lembrança mais marcante daquele momento era o aconchego de uma caixa de sapatos. Ali, naquele depósito, coloquei uma em minhas mãos, fechei meus braços sobre ela. Apertei ao ponto de sentir um leve amassado. Fui deslizando as costas sobre uma das paredes até me sentar. Eu e a caixa tínhamos uma intimidade única naquele momento.

Ali, eu abraçava minha história de vida. No relevo do papelão os altos e baixos. Nas pontas forcei o dedo para, propositalmente, sentir dor. Momentos difíceis. Nas bordas passei o dedo com suavidade, lembrando de quanto a vida me foi leve. Abri a caixa. Não importava o que estava dentro. Para alguém é presente. E presente é revestido

de relevos, pontas e bordas. Presente é o fim, não o meio e eu cheguei até ele.

– Parabéns, amiga!

Àquela hora a notícia tinha se espalhado pela loja. Levantaram-me do chão. Em meio a tantos abraços, fui me colocando em pensamento a calça cinza, a camisa social, o lenço de pescoço, o batom rosa padrão da loja. Iria costurar uma vida nova para mim e para meu avô. Ah, se iria...

Capítulo 11

ELE - Era engano



Era engano.

Talvez ela tivesse mesmo se confundido.

Alguém com um nome igual ou parecido.

Como será que ela salvou meu nome no celular?

Era engano.

Pode ter apertado um número errado.

Pode ter deixado na bolsa desbloqueado.

Será que estava olhando minha foto no contato e ligou?

Era engano.

Desligou como se nada houvesse acontecido.

Ignorou que aquilo poderia ter mexido comigo.

Será que queria mesmo encerrar como o fez?

Era engano.

Por segundos ouvi o silêncio dela.

Talvez o mais lindo dos nadas na Terra.

Será que o coração dela também disparou?

Era engano.

Fiquei ali como um adolescente.

Namorei aquele nome na frente.

Por que não ligar de volta?

Era engano.

E pra ganhar tempo não religuei.

Aquele número que sabia de cor anotei.

Será que atenderia minha ligação?

Era engano.

Ameacei ligar por muitas vezes.

Há tempos não sentia um rubor desses.

Meu Deus, o que estou fazendo?

Era engano.

Do outro lado ela parecia esperar.

Atendeu rápido e foi logo se desculpar.

Por que há tanto tempo eu não sorria assim?

Era engano.

Primeiro, meu, porque não conseguia falar.

Fiquei imóvel, incômodo, mas não iria desligar.

Preocupada com o silêncio, desligou.

Era engano.

Chamei no aplicativo, conversando amenidades.

Uma desculpa, vida, sonhos, vontades.

Ainda me pergunto: era mesmo engano?

Capítulo 12

ELA - Felicidade, enfim



Meu nome naquela volta para casa era felicidade. Meu sobrenome, Sorriso da Silva. Silva é um sobrenome tão comum no Brasil que ganhou espaço fora das certidões.

– Tá doidinho da Silva!

Dizia meu avô ao se referir a um vizinho com o qual ele não simpatizava. Silva é advérbio de intensidade. Sinônimo de muito, para as coisas de pobre. Minha promoção era o mais Silva que a vida já tinha me dado.

Aquele caminho ganhou mais cores naquele dia. Parei na farmácia para comprar um perfume, sem um tostão no bolso. Precisaria.

– Entendo-me com o cheque especial mês que vem...

Pensei, imaginando meu salário que, de tanta felicidade, esqueci de perguntar. De quanto seria? Bem maior que o meu atual. Mais comissão. Total: uma vida melhor. E eu queria aproveitar ela agora. Felicidade não espera.

– Me vê duas cocadas, moço. Duas não. Seis.

Aquele senhor de branco sentiu que era um dia especial. Quando uma vez por mês parava na barraca dele com dinheiro contado nunca havia levado mais que duas cocadas. Aquele doce de coco, que deixa sabor de leite condensado na boca e estrala nas mordidas, era referência de alegria para o meu avô, apesar de ele nunca dizer isso em palavras.

– Foi gastar dinheiro comigo, minha filha?

Iria dizer, como sempre o fazia. Iria ainda pegar o saquinho de papel marrom e me sentar na escada. Comería devagar. Muitas vezes, separando tira por tira. Um

deleite. O doce preferido dele custava cinco reais. Dois deles daria para comprar arroz para o mês na casa, mas eu nunca deixei de comprar. Primeiro, porque ele nunca gastaria dinheiro com um prazer só dele, segundo, porque meus olhos marejavam de vê-lo naquela escada, encurvadinho, de costas para mim, pensando na vida.

Cocada era o doce que minha avó fazia em dias de festa. Qualquer uma. Tinha um ralador enorme em casa. Começava a ralar dois dias antes o coco, como anúncio de bons momentos. Ralava os dedos como prenúncio do sabor mais doce que poderia oferecer. Talvez ela não soubesse, mas o fazer cocada era metáfora da vida. Esforço, dor, machucados por momentos de deleite, que se acabam, mas deixam memórias. Aos poucos, a gente decora a receita, as coisas ficam mais fáceis, mas de tempos em tempos nos desafiamos para melhorar, incrementar o doce. Às vezes, ele fica bom, melhora. Às vezes, amarga. Às vezes, o que mais se quer ao final é voltar à receita de família e rir, quando um apressado avança sobre a mesa.

Naquela escada tinha mais de um idoso com seu doce nas mãos. Tinha uma história que se passava como um filme no qual eu tinha parte. Comería um doce e meio e guardaria meio na geladeira, avisando:

– Deixei um pedacinho pra você! Come, se não junta formiga.

As formigas jamais entrariam na geladeira. Ele era a formiga e desta vez teria doce para comer por uns três dias e lembrar da minha avó. Peguei os saquinhos e pedi uma sacolinha para carregar mais fácil.

– Obrigado!

E segui o caminho de casa. Apressada. Não via a hora de contar tudo, de entregar o doce, de dividir aquela sensação. Queria que ele fosse o primeiro a saber, depois do pessoal da loja. Queria ver a reação dele. Queria sentir o seu abraço. Cheguei a correr, mas os pés doeram. Desviei uma esquina para não encontrar a vizinha boa de prosa. Só estendi a mão ao encontrar com uma amiga.

– Te ligo! Correria, menina!

Quando abri o portãozinho, dei de cara com meu avô no seu jardim. Mãos sujas de terra, como habitualmente, sentadinho. Tinha uma respiração ofegante depois de tirar da terra uma moita de plantas daninhas.

– Vô, entra que tenho uma surpresa.

Ele demorou. Voltei e me agachei tocando no seu rosto.

– Não quero contar aqui.

Ele sorriu e estendeu as mãos para que eu o ajudasse a levantar. Sentou-se no sofá da sala e pegou as minhas mãos como se já soubesse de tudo.

– Você está muito alegre!

Contei a novidade e ele não conseguiu me dizer uma palavra. Encheu os olhos de lágrimas e correu para o banheiro.

– Vô? Não precisa...

Mas ele já tinha fechado a porta. Meu avô não chorava na frente de ninguém. Era dele. Criação. Homem não chora. Chora, mas não para que alguém pudesse ver.

Acredito que ele deve ter se sentado no vaso. Ouvia o fungar. Sentei-me no chão, encostada na parede do banheiro e também chorei. Era o nosso momento.

Ficamos ali por algum tempo. Não sei quanto tempo. O relógio anda diferente nestes momentos. Era nosso tempo. Era o tempo antes do abraço que eu mais queria sentir naquele dia e isso dava um sentido especial à espera. Ele abriu a porta, se ajoelhou atrás de mim e falou no meu ouvido.

– Eu te amo!

Senti o rosto ainda gelado das lágrimas que ele havia secado antes e também disse que o amava. Ele não precisaria dizer em palavras que estava orgulhoso, que aquela promoção também era importante para ele, que estava feliz por mim... estava tudo dito em seu rosto. Estava tudo gritado naquele abraço com cheiro de terra.

Naquele dia, segurou minhas mãos como se novamente me visse saindo da lama. E depois? Depois foi comer cocada sentadinho na escada.

Capítulo 13

ELE - Aldra vias



lua

linda

luz

distante

insisto

ver

silêncio

sofrido

pálido

apito

longo

amanhecer

quarto

cama

trocas

chama

perecer

sofrer

ser

resiliente

entrega

ausente

novo

parecer

sangue

suor

melhor

pior

fugaz

escurecer

noite

terreno

fértil

pensamentos

medos

reviver

morte

sorte

injeta

incerteza

corte

renascer

tempo

eu

tempo

meu

eu

viver

Capítulo 14

ELA - Engano?



Meu recorte daquele momento era o vento que batia na cara, vindo daquela porta aberta que insistia em ranger. Lá embaixo, estava ele sentadinho na escada, como se o barulho não escutasse, olhar perdido como o meu, a vencer as raspas de coco com os dentes. Metáfora de felicidade.

Ali, daquela mesa, me perguntava sobre o filho que a mãe me trouxe flores e que me comprara a última compra antes da promoção. Era atencioso, havia me perguntado sobre o meu Relicário e tentado estender o assunto. Não deveria tê-lo cortado. Provavelmente, ainda estava no hospital com a mãe. Não havia dado mais notícias e disse que entraria em contato quando pudesse, enfim, presenteá-la.

Pensei nele. Insistentemente. Pensei em ligar para ver como estava e talvez contar a novidade. Não. Não deveria. Talvez devesse. Procurei seu nome no aplicativo de mensagem. Estava online. Não há muito o que fazer num hospital. Deveria sempre estar pronto para responder ou ainda poderia trabalhar de forma remota, virou moda. Fiquei olhando aquela foto. Imaginando como estaria naquele momento. Se precisava de uma palavra de conforto, se queria ter a certeza de que as sapatilhas ainda estavam comigo. Desculpas. Queria falar com ele. Foi impulso.

O telefone tocou só uma vez. Ele atendeu e eu quis desistir na mesma hora. Antes mesmo de trocar qualquer palavra, desliguei com o coração batendo à boca. Se me retornasse, diria que foi engano. Mil desculpas na cabeça para isso. Que bobagem. Que coisa de adolescente!

O que pensaria de mim? Imaturidade. Deveria ter inventado uma desculpa para ligar.

– Oi, te liguei por estar feliz e por ter ficado olhando sua foto por algum tempo.

Brincadeira. Era a verdade, mas não deveria ser dita. Que idiota. Não deveria ter ligado. É um cliente. Poderia se ofender. Poderia ligar na loja reclamando. Poderia ser o fim da minha promoção antes mesmo dela ser efetivada. Poderia... Senti o telefone vibrar nas mãos. Era ele. Retornou. Tinha que atender... Antes que ele dissesse alguma palavra, disse que tinha sido engano, antes mesmo de dizer um tudo bem e perguntar da mãe dele. Do outro lado da linha não ouvi nada. Um silêncio que parecia emocionado. Alguns balbucios. Resolvi então desligar. Na mesma hora me chamou no aplicativo de mensagens.

19h13 – Desculpe, aqui no hospital é difícil de atender.

Perguntei sobre a mãe dele.

19h14 – Ela está ótima!

Ótima, mas ainda no hospital? Ele confirmou que sim. Não quis render o assunto para não constranger. Não sabia o que ela tinha. Ou melhor, sabia. Independente da doença, ela tinha um filho sempre com ela. Isso deveria ser para uma mãe motivo de muito orgulho e tranquilidade. Um filho que se preocupava, que pensara num presente enquanto ela se recuperava no leito de um hospital.

Pensei enquanto falava amenidades sobre o valor que temos para as outras pessoas. Quem estará do nosso lado quando a vida já não nos permitir servir aos outros? Essa é uma questão que merece a mais profunda

reflexão. O amor útil, aquele que nos vincula a alguém que nos serve, este um dia acaba. O amor inútil, daquele que não pode mais nos servir, é a essência dos amores. Não vai mais ser útil para mim, mas amo com todas as forças. Será que terei um amor assim?

20h02 – Tá aí?

Talvez eu tenha o deixado em silêncio por alguns segundos. Disse que estava e reforcei que as sapatilhas de sua mãe continuavam na minha casa. Que, se quisesse, poderia entregar a qualquer momento, inclusive no hospital.

20h04 – Aqui, não...

Disse em tom reticente, como se em duas palavras carregassem a dor e a angústia de estar naquele lugar. Quis mudar de assunto. Disse que entregaria pessoalmente na casa deles, quando saíssem do hospital. Levaria uma flor como retribuição àquela que outrora ela havia me dado.

20h06 – Acho que ela vai gostar muito dos presentes. Do meu e do seu. São presentes para a vida.

Para a vida? Não. Rosas secam, sapatilhas estragam. Não duram mais de dois anos, tenho que admitir. Ele tinha um ar poético em tudo que falava, não quis contrariar.

20h10 – Quando estiver saindo daqui te passo o endereço. Ficaré feliz com sua visita. Não é longe da loja. Na verdade, você deve ter toda localização no cadastro da loja.

Disse que sim, mas que achava que não precisaria nem olhar. Contei que uma vez tinha visto sua mãe entrar num casarão laranja no centro da cidade. Disse que

tentei chamá-la para cumprimentar, mas que ela não havia me ouvido. Fechou a porta. Pensei que também ela não se lembraria mais de mim. Não quis insistir. Pensei também que não necessariamente seria a casa dela...

20h13 – É lá, sim! Que bom que você já sabe.

Não quis dizer, mas não só sabia, como conhecia cada detalhe daquele palacete por fora. Quantas vezes ainda na infância deixei a brincadeira na praça para ficar ali, olhando aqueles detalhes. Decorando quantas sacadas, quantas janelas, quantas rosas em gesso. Na época ela não era laranja como hoje. Tinha um tom amarronzado. Meu avô brincava que por ali morava uma princesa. Eu sempre quis vê-la abrindo uma das janelas fechadas. Nunca ninguém deu as caras. Cresci acreditando naquela brincadeira. Engraçado como a vida me aproximou daquela casa com uma rosa. Um dia, iria contar a eles essas histórias, mas poderia parecer muito invasivo naquela hora. Preferi dizer que vi uma luz acesa num quarto por lá no Carnaval.

20h35 - Um amigo tem dormido lá alguns dias. Está se separando. Disse que faria um favor para mim e bem para ele. Fica no meu quarto, quando está por lá.

Então aquele quarto do coqueiro, que estava secando, era o dele. O amigo cheio de angústias não deveria ao menos abrir aquela sacada. Ele estava fadado à morte e eu deveria intervir.

20h37 – Coitado do meu coqueiro. Vou pedir atenção a ele! Reparadora, hein?

Disse que era, em especial com plantas, para não deixar transparecer meu interesse por aquele lugar. Já estávamos conversando há algum tempo, quando resolvi contar a novidade.

21h17 – Não acredito! Mesmo? Parabéns. A gente não se conhece pessoalmente, mas saiba que torço por você. Uma promoção é sempre um sinal de confiança.

Achei que estava me abrindo demais para um cliente da loja, mas não poderia deixar de contar. Aliás esse foi o motivo do engano. Foram três horas e pouco de conversa após uma ligação muda de engano e acho que nenhum dos dois queria, mas achamos por bem encerrar por aqui.

22h32 – Boa noite, então!

Capítulo 15

ELE - Sobre mim



Sou a reticência que pensa e nunca fala que age menos que pens que planeja mais que faz sou o pensamento que não se cansa que é inquietante que não para de pensar alguém que viu a vida passar em suas mãos e a viveu conforme considerou justo e seguro foi onde achou que deveria ter ido recuou onde achou que deveria ter recuado viu que ora estava certo viu que ora estava errado poucos me conhecem de certo nem eu mesmo só temos ideia do que somos e somos o que de ideias temos poético revolucionário inquieto contestador com uma mente perturbada de pensamentos que martelam sem fim incomodado agitado estratégico ainda sou aquele menino que se escondia das visitas quando elas chegavam em casa e fingia ter muito o que fazer para não a vê-las até que a mãe o obrigasse a dar as boas-vindas de idas ao parque só para ver as crianças brincarem tímido de perder a vez por não ter coragem de se impor de olhar para baixo mas não era vítima ou vitimizava situações por detrás da aparente fraqueza havia e acredito que ainda há uma força muito grande que não age de momento que pensa que arquiteta que faz acontecer talvez não seja o que dança melhor mas seria aquele que coloca a música e observa os passos sincronizados ao ritmo que colocou não há mal em ser assim acredito as pessoas estão acostumadas a quem se impõe no grito ou na força e veem com olhos diferentes quem se impõe pelo pensar na infância pode parecer bonitinho ativo na adolescência você começa a incomodar primeiro aqueles que estão próximos de você e à medida que suas atitudes vão ganhando reverberação mais pessoas se no começo isso me incomodava hoje penso que deveria ter agido ainda mais e não deixado que algumas vezes me impusessem mas fui o herói da minha história

e ainda ligarei outras até que daqui me despeça fui também alguns personagens dos quais ao longo da vida me pinteí e que muitas vezes não era eu o descolado o atirado o baladeiro o cara de muitos amigos o que bebia o que fumava o que ria alto e zombava as pessoas e usava mulheres destes às vezes me arrependo me pego ainda envergonhado de coisas que fiz à revelia de mim mesmo mas entendo que tudo isso me fez crescer e moldar aquele que estava em minha essência segui construindo um sonho que não era só meu era de minha família Família que viveu da terra meus bisavós meus avós tiveram uma relação histórica conturbada e de amor com o café lembro das manhãs em que o orvalho molhava os meus pés descalços que caminhavam pelas ruas de café era a melhor sensação incômoda que poderia ter pelas manhãs dos dias de férias que passava na roça lá era livre liberdade de barro entre os dedos liberdade do barulho das folhas secas se estilhaçando liberdade do cheiro do fruto vermelho que esmagava entre as unhas era a vida mais sinestésica que poderia ter não era cheiro nem sabor nem tato o sentir mais lindo de que tenho lembrança uma rede e eu e o nada nada para reclamar nada para se envolver nada para resolver nada para se divertir nada para pensar e um fim de tarde que se aconchegava em mim como se nos pertencêssemos desde sempre se pudesse escolher o trecho da vida que mais me deixa saudososo seria o entardecer muitas vezes dormiria naquela rede até meu pai me colocar na cama rindo daquela inocência feliz que ele sabia que teria fim pensava ele que eu teria as suas mesmas alegrias e problemas sempre dizia que eu iria herdar tudo aquilo ali era herança de valores que o fez rico em alguns momentos da vida e herança de desespero quando a geada e a doença traziam

bienais de desespero de contas que não se pagavam de demissões e de venda daquilo que já foi conquista até que a planta se recuperasse ou até que a nova lavoura produzisse novos frutos lá ele estaria até que um dia não esteve mais morreu de um câncer que resumia suas angústias finais era o câncer de apesar de ter uma vida financeira tranquila não possuir mais riqueza era o câncer da mágoa que nutria de processos trabalhistas era o câncer de não conseguir mais ir à lavoura diariamente e imagino era o câncer de não me ver por lá quando mais esperava que eu tivesse nesta época já estava na faculdade apesar de não apoiar ele nunca reclamou de pagar ou disse uma palavra que contrariasse minha decisão ou o entusiasmo visivelmente maior por parte da minha mãe descobriu o câncer durante uma internação tinha tosse persistente e falta de ar os médicos deram mil hipóteses mas no consultório ele revelou que tinha escarro com sangue e que há muito tempo sentia se cansado ou fraco pensou que era frescura e do lado de cá não vimos apesar de parecer claro que ele havia emagrecido muito e já tivera ido ao pronto socorro algumas vezes por pneumonia do diagnóstico à morte foram poucos meses e eu decidi que eram meses que deveria estar perto dele voltei para o casarão e decidi viver intensamente aqueles dias de dor pelo tratamento e de angústia pela eminente chegada do fim instantemente apesar da realidade que se propunha decidimos nos dar a chance de nos reaproximar começamos a ler em família o que me lembrou minha época de infância quando minha mãe tomava um livro para atenção de todos nos últimos dias ela voltara a ser contadora e nos reunia na sala para um chá que intencionalmente era preparado de acordo com a leitura mais doce para os livros que

falariam de paixão mais amargos para aqueles que falariam das dores humanas lia e depois nos deixava sozinho na sala sabia que pai e filho tinham muitas arestas a serem acertadas sabia que apesar do amor que se nutriam foram perdendo a proximidade pelos sins e pelos nãoos que a vida os oferecer sabiam que tinham muita expectativa um pelo outro neste período descobri um pai que não conhecia um bom ouvinte divertido que sabia boas e péssimas piadas que finalmente resolveu me abraçar e dizer te amo morreu com um sorriso no rosto e mais leve do que estava há alguns meses morreu com minhas mãos apertadas entre seus dedos logo após um aperto fraco nas minhas que para mim era uma singela despedida chorei mas vivi aquele pai mais do que o vellei e isso acabou sendo um consolo naquele tempo sombrio que se estenderia por mais algum tempo vieram as minhas dores terminei meu curso de forma não presencial faltava pouco e acabou sendo estratégico de qualquer maneira não iria abandonar minha mãe naquele momento e não teria mesmo clima para uma festa de formatura a vida também não havia sido minha amiga nos últimos tempos me permiti ser administrador formado brindando um bom vinho com minha mãe que envelhecera dez anos e seis meses tudo foi mais difícil para ela do que para mim enquanto eu tentava estabelecer um primeiro vínculo de trabalho ia algumas vezes à fazenda da família decidimos não vender em honra ao meu pai e principalmente porque tínhamos um velho funcionário de confiança que tomaria conta de tudo sem muitas vezes ao menos nos consultar aos poucos no entanto fui gostando de estar mais por lá e enquanto as empresas só demitiam foi naquele pedaço de chão que me vi administrando de fato pelas primeiras vezes nada do que

pensara para a minha vida mas era o que era possível para aquele momento no fundo me sentia estável nem feliz nem triste me sentia vivendo aquele momento não demorou para que tudo desmoronasse muitas vezes a vida nos pede estes trechos de vida onde apenas se vive ou como costume dizer onde apenas se boia estratégia em dias de praia deixa a onda passar por você e que ela se entenda com a areia a vida não tem pausas e só permite um único ponto final.

Capítulo 16

ELA - Chegou a hora



A costureira contratada pela loja não estava tão feliz como eu

06h02 – Oi querida, bom dia. Queria saber se consegue vir mais cedo. Pessoal da loja me ligou ontem no fim de tarde e disseram que você já começa na segunda, né? Vou ter que correr aqui...

Senti falta de uns “parabéns” em suas palavras, mas entendi o desespero dela com um pedido de última hora. Quando o celular vibrou achei que era uma mensagem dele. Fiquei esperando por ela, apesar da boa conversa que tivemos no dia anterior.

06h05 – Oie! Que horas quer que eu passe aí?

06h05 – Se puder vir agora, já te atendo

06h06 - Chego em 40 minutos

Pulei da cama decidida a tomar um banho antes de pegar o primeiro ônibus que passaria em meia hora. Tinha que ter pressa, mas pressa não combinava com aquele momento que estava vivendo. Quando a felicidade passa por nós, temos que finalmente brincar com o tempo e naqueles dias queria mesmo que ele passasse devagar, queria curtir todos os momentos da forma que desejasse. Cantarolando no meio do banho, decidi mentir que tinha perdido o ônibus. Pegaria só o próximo, depois de cuidar delicadamente da pele, secar o cabelo e colocar uma roupa confortável. Não era só tirar medidas. Era o meu dia.

– Que bom que você veio mais cedo!

Ela não deu muita importância às minhas desculpas. Tinha pronta uma calça cinza e uma camisa que parecia padrão e a partir delas tiraria minhas medidas. Para a surpresa de ninguém tudo ficou muito largo.

– Vai precisar de muitos ajustes!

Informou, já lamentando, que não conseguiria entregar tudo de uma vez.

– Vou fazer três e te entrego os outros ao longo da semana...

Disse que não havia problema. Lógico que queria todos prontos o mais rápido, mas aquele era o meu momento e nada o estragaria assim tão fácil. Pensei em pedir uns salgadinhos para imitar as meninas na loja, mas ela não estava neste clima.

– Desculpe, é a pressa!

Tinha me encostado uma agulha na coxa ao ajustar minha medida. Definitivamente não queria que eu começasse na segunda.

– Não sei por que dessa pressa. Tá faltando muita gente, lá?

Entendia que não era por mim, era por ela, mas aquela vontade de não participar de um momento tão feliz para mim me causava irritação. Não respondi. Deu um leve sorriso, como se indicasse que sim e peguei o celular.

07h12 - Bom dia! A costureira pediu para que eu viesse antes de começar a trabalhar. Estou aqui, devo atrasar, mas não é muito!

07h15 - Sem problemas!

Depois de avisar a gerente, resolvi que qualquer interação ali me traria aborrecimento. Pedi um minuto para tirar da bolsa um fone de ouvido sem fio, liguei o bluetooth e coloquei o som alto. Tão alto que deveria incomodar, se não gostasse da minha playlist. O problema era dela.

– Agora é comigo!

– Oi?

– A-go-ra é co-mi-go!

Disse soletrando e em tom mais alto, mesmo percebendo que eu já havia tirado os fones.

– Esse pacote aqui você já leva. Desculpa o jeito menina, eu tinha um compromisso importante neste fim de semana.

Estava explicado o que parecia óbvio. Logicamente ela não queria ter seu contrato com a loja ameaçado com um “não” em um momento de necessidade, mas para isso abriu mão de algo que claramente não gostaria de ter feito. Eu era só a personificação daquele momento perdido.

– Boa sorte, viu! Te ligo quando ficar pronto amanhã.

Saí com o pacote embaixo dos braços. Já queria abrir lá mesmo no ponto de ônibus, mas decidi esperar um pouco para não chamar tanta atenção. Aquele ônibus nunca demorou tanto. Tirei levemente a fita adesiva de um dos lados e, sim, era ele. O lenço de pescoço que eu tanto sonhei em usar. Fiquei pensando por alguns segundos

o quanto deveria ser incômodo em dias de calor. Não na loja, que tinha ar-condicionado, mas no meu trajeto de ir e vir ao trabalho a partir de agora. Não deixaria de usar meu lenço no caminho. Jamais. Foi muito difícil conquistá-lo. Seria meu companheiro sob os 40 graus e na miragem do asfalto, no “bom dia” e na “boa tarde” aos que sempre atravessavam o meu caminho. Ficava imaginando o que as amigas fariam.

– Linda!

Algumas por pura falsidade. No ônibus sentei quase que correndo nos primeiros lugares e pude enfim sentir a textura daquele pano. O lenço de chifon era cinza e no meio tinha costurado um separador de pérolas que deixava o pano abaixo ganhar volume até a altura dos seios. Na embalagem havia cinco deles e dois batons. A costureira já fornecia para loja o batom rosa, que era padrão. Dava para notar que ele tinha alguma marca, mas que fora impresso o logo da empresa por cima para que ninguém sáísse por aí contando onde havia para comprar. Eu jamais contaria. Segui para o trabalho cantando uma música chiclete para que a letra não me atrapalhasse a pensar. E só queria pensar que aquele era o último dia de um ciclo. Eu recomeçaria dali mesmo, mas rumo a uma vida melhor.

– Desculpe, você é vendedora daquela loja chique do centro?

Uma pessoa reconheceu o conjunto de lenços. Hezitei em confirmar. Sorri e balancei levemente a cabeça. Por sorte a moça só gostaria de puxar conversar para se sentar ao meu lado. Não questionou mais nada sobre

esse assunto e eu também fiz questão de não falar. Foi ali que notei que as pessoas olhavam diferente quando viam as vendedoras da loja. Notaria dias depois que isso não seria tão positivo assim.

Capítulo 17

ELE - Barro e Lama



Era o sexto dia
E o barro nos moldou
Homem do sopro
Nas mãos do oleiro

Sopro de vida
Arte divina
Barro sem forma
Roda e cria

Vaso que seca
Planta que rega
Vida que finda
Cacos que restam

É terra e água
Iguais na essência
Mas um é arte
O outro parte

Parte barragens

Parte encostas

Parte pra cima

Parte um povo

Barro e lama

Banho e drama

Bálsamo e trama

Vida e morte

Capítulo 18

ELA - Reaproximação



Tirei uma selfie escondida no meio do expediente. Não queria que alguém pensasse que postaria uma despedida. Não era. Eu sempre estaria por lá, mas de uma outra forma. Aquele depósito me trazia lembranças distintas. Eu e meu cúmplice, radinho. Eu e minhas poeiras. Eu e meu pano, para limpá-las. Há algum tempo não lutava mais contra a força da poeira. Por mais que eu a tirasse, pouco depois ela voltaria. Era essencial tirá-la para que não se acumulasse de forma a sujar o produto, mas ela voltaria. Eu nada poderia fazer. Era como meu medo da chuva forte. Era como as vagas recordações do peso da lama sobre mim. Voltaria, mas eu não pensava que de forma tão forte assim.

– ...e você embarca para a Colômbia na terça!

Eram todos os meus medos resumidos em uma só frase. Eu sempre soube da matriz na Colômbia. Eu sempre ouvi histórias de um processo de ambientação por lá, desejo de muitos, mas com a pandemia ninguém que havia sido contratado desde então precisou ou teve a honra de ir. E eu, justamente eu, que nunca fiz questão desta honra iria e pior, a toque de caixa.

– Imagino o quanto você está feliz!

A gerente me explicou que foi uma decisão tomada após uma reunião geral, horas antes. Que o momento melhor, financeiro e sanitário, foi colocado em questão. Os donos sempre quiseram que os funcionários dos outros países estivessem com eles para que incorporassem melhor o que chamavam de alma da empresa. Desta vez, iríamos duas funcionárias do Brasil, eu e outra

menina de outra cidade, e mais uma da Argentina. Cinco dias na Colômbia.

– Tá tudo bem?

Eu ainda deveria estar com cara de perplexa. Aquela que faço todas as vezes que perco o controle das coisas. Um sorriso de canto esquerdo. A testa franzida. O olhar que busca o longe. Disse que estava tudo bem, mas não estava. O voucher da viagem chegaria nas próximas horas pelo e-mail. A agência cuidaria de tudo, inclusive do meu transporte por lá.

– Aqui tem até um adiantamento, que é para você comprar algumas roupas para ir...

Ali lembrei que deveria mesmo me preocupar com roupas, que não tinha para uma viagem como esta. Levava meus uniformes para o horário de trabalho, mas não tinha muita coisa para vestir por lá. Antes daquela oferta, no entanto, roupas eram as últimas das minhas preocupações. Eu nunca havia andado de avião. Nunca tinha pisado em um aeroporto. Não falava espanhol e tinha uma dificuldade acima do comum em entender a língua. Eu nunca...

Nunca tinha deixado meu avô sozinho por tanto tempo.

Acho que saí da loja antes do horário naquele dia. Estava aterrorizada com tudo e feliz ao mesmo tempo. Minha cabeça não conseguia se entender com ela mesma. Era como se defesa e acusação fossem se julgando ao mesmo tempo com argumentos ora reais, ora fantasiosos. Pensei em voltar correndo para casa e ligar o

radinho, mas havia uma igreja no caminho. No caminho havia uma igreja.

Entrei como se buscasse soluções para minhas angústias. Ajoelhei perto de uma imagem de São Judas Tadeu. A arte me levou a olhar para cima. É proposital. Encontrar Deus na beleza, para procurar dentro de nós depois. Um velho pedacinho de papel me chamou a atenção. Estava escondido na lateral do altar. Algum devoto provavelmente fixou e ninguém até aquele momento havia tido o trabalho de retirar. A fita adesiva estava descolando. Passei o dedo para consertar e comecei a rezar com auxílio daquele papel amarelado.

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Deus, Pai de amor e bondade, que em Sua infinita misericórdia acolhe todos os que se aproximam de Vós com o coração arrependido, acolhei meu pedido de perdão por tantas faltas cometidas contra Ti e meus irmãos.

Senhor Jesus Cristo, Mestre da ternura e do amor, que devolveu a vida em plenitude a tantos homens e mulheres imersos no pecado e caminhantes das trevas, conduzi-me nos caminhos do perdão e fortalecei minha alma para que eu tenha a humildade de pedir perdão e a misericórdia de saber perdoar.

Espírito Santo, Consolador da alma, Advogado dos justos e Paráclito do amor, inspirai em meu coração gestos de bondade e ternura, que devolvam aos corações angustiados a beleza do perdão e as graças da reconciliação.

Amém.

Entrei naquela igreja em busca de um conforto para alma e acabei com um pedido de perdão. Não que eu não tivesse faltas e algumas graves, mas o perdão que fui conduzida a dar naquele momento era muito maior do que aqueles do dia a dia. A angústia de deixar meu avô sozinho deu lugar à vontade de primeiro me reconciliar com ele. Sim, havia o que juntar, apesar da relação mais próxima e terna que tivemos em cumplicidade nos últimos anos.

Escrevo em lágrimas. Ainda não havia me perdoado e muitas vezes me peguei pensando sobre o porquê ele apenas correu para fora daquela casa que iria cair. Por que não foi ao nosso encontro? Por que não tentou nos salvar? Por que não quis dar um último olhar para minha avozinha? Eram questões minhas, que nunca deixei que fossem externadas e ainda me custa. Ele não precisava do meu julgamento. Acredito que, internamente, se julgava todos os dias por esta decisão. Naquele momento eu só queria sentir a leveza que era estabelecer em mim esse novo vínculo de perdão e disse em voz alta.

– Eu te perdoo!

Alguém encostou no meu ombro naquele momento. Parecia um esbarrão. Estava tão envolta em lágrimas que decidi não olhar. Chorei por algum tempo como se as lágrimas fossem retirando a salinidade das minhas mágoas e a jogasse para fora de mim como um gesto concreto de perdão. Sentia uma fraqueza boa, de entrega. Sentei em um banco daquela Igreja vazia para o descansar de uma alma lavada.

Pedi a Deus, fitando o altar, que olhasse pelo meu avô nestes dias que estaria fora. Só Ele cuidaria melhor dele do que eu. Pedi a Deus ainda que abraçasse as vítimas da lama. Tirei da bolsa uma lista de nomes que carregava comigo. Ela começava com o nome de minha avozi-nha e das doze vítimas daquele dia e tinha ainda memórias nominais daqueles que tinham sido mortos em 2019, na tragédia em Brumadinho, em 2015, em Mariana e mais recentemente nos deslizamentos em Petrópolis; fora outros que sempre anotava vez ou outra ao me deparar com alguma tragédia. Estavam sempre em minhas orações. A última da lista era Omayra Sanches. Chorei copiosamente ao ligar que estaria muito perto da história dela quando desembarcasse na Colômbia. A história daquela menina era também a minha história e a de tantos outros. As vidas tiradas ou impactadas pela lama. A lama que ainda teimava em sufocar tanta gente. Terminei com uma oração silenciosa e na saída da igreja pálida, ao me despedir do sacristão e perguntei quem deveria ter me encostado.

– A senhora foi a única que entrou por aqui na última hora...

Capítulo 19

**ELE - Para não dizerem
que não falei de nomes**



Caía um aguaceiro em Alphaville - Lagoa dos Ingleses, quando a cabeleireira Adriana Ferraz, 47, ouviu a sirene. "Gente, que barulho é esse?", perguntou às colegas e clientes do salão de beleza na área comercial do condomínio de luxo em Nova Lima, a 60 km do centro de Belo Horizonte. Ninguém sabia... (UOL, 13/01/22). Como se morre na lama? A pergunta é dura, quase inaceitável, e a resposta, dramática. Por um reflexo de sobrevivência, a reação imediata das vítimas diante de uma onda de lama é prender a respiração. Trata-se de reação que, paradoxalmente, leva à morte mais depressa (Veja, 30/07/2020).

Entre os mortos há uma criança de 7 anos, que morreu em um deslizamento de terra em Ubatuba. Os outros 35 mortos são de São Sebastião, a cidade mais afetada pelo temporal - 31 óbitos na Barra do Sahy, 2 em Juquehy, 1 em Camburi, e 1 em Boiçucanga (Folha de São Paulo, 19/02/2023). No Morro da Oficina, no bairro Alto da Serra, cerca de 80 casas foram soterradas pela força das enxurradas de lama que arrastaram carros, ônibus com passageiros e tudo mais pelo caminho. "Pode ser que ainda tenha mais de 50 pessoas aqui embaixo, desde terça-feira já foram retirados 98 corpos", contou à AFP Roberto Amaral, coordenador do grupo especializado em desastres naturais do Corpo de Bombeiros Civis, enquanto efetivos e voluntários retiravam escombros e cavavam a lama com pás e enxadas em busca de algum sinal de vida (Isto É Dinheiro - 18/02/22). Uma mulher com uma enxada tentava abrir caminho na lama, atrás de sua filha e da neta de sua amiga. "Tem que mexer, mas ninguém tá mexendo. É uma bebê de 1 ano sem respirar debaixo dessa lama. Você consegue? " (G1, 12/02/22). "Eu acho que o meu sentimento é o sentimento de todo

mundo, de qualquer pessoa. Se mesmo não sendo parente a gente tem sentimento, imagine sendo”, disse ele. “A gente acredita em Deus, eu sei que às vezes eu não vou encontrar com vida mais, mas fazer o que?”, completou Clovis (CNN,17/02/22).

Técnico de enfermagem, Leonel está desempregado, o que causa mais desalento na família, que sobrevive de Bolsa Família. Na quarta-feira, um dia após a tragédia, ele foi ao Alto da Serra, como voluntário, para ajudar a retirar os corpos da lama. Mas o impacto psicológico foi tão grande ao lidar com a situação que ele precisou ser internado após entrar em estado de choque. Até hoje, ele segue no hospital tomando ansiolíticos (Folha de Pernambuco, 23/02/22). Além dos condicionantes naturais — geológicos e climáticos — desastres como os deslizamentos possuem fatores sociais que vêm sendo apontados em estudos e análises sobre os acontecimentos. De modo geral, a população que ocupa a área sujeita a desastres como os deslizamentos possui renda insuficiente para garantir uma moradia em locais mais adequados (Terra, 23/02/2023). Com nove meses de gravidez, a jovem Ludmilla Silva viu a vida virar de cabeça para baixo. Às portas de dar à luz, ela teve a casa onde morava interditada após o imóvel ser invadido pela lama. “Cheguei a levar os móveis para o segundo andar da casa da minha cunhada, pensando que a lama não ia chegar àquela altura, mas chegou e acabou com tudo: roupas, brinquedos das crianças, enxoval da bebê. Tivemos que jogar fora porque não sabemos o que tem na lama”, lamenta (O TEMPO, 20/01/22).

“Quando estava voltando ela gritou. Pulei da laje e saí correndo com as pedras batendo em mim. Vi a lama

levando a minha casa, da minha tia e da minha mãe. Foram 100 metros correndo com as pernas quebradas”, lembra Anderson Avelar (Extra, 23/02/22). “Na hora que eu vi, minha esposa gritou lá no fundo ‘a parede tá abrindo’. Fui perto da parede e peguei no trincado. Eu estava em ligação com o dono do lote. [...] Desci rapidamente e me escondi atrás da casinha do cachorro. Se não tivesse casinha do cachorro eu tinha morrido na hora. A parede foi arrancada como se fosse papel. Eu segurei uma viga na área e foi como se fosse uma onda do mar me levando” (Correio Brasiliense - 22/11/2021).

Há quase três anos do rompimento da barragem da Vale em Brumadinho, na região metropolitana de Belo Horizonte, a perícia conseguiu identificar a 264ª vítima da tragédia, nesta quarta-feira (29). Outras seis pessoas seguem sem identificação e não há previsão para fim das buscas pelos desaparecidos (R7, 29/12/2021). “Eu tinha o sonho de ter minha casa, morar próximo do rio com a minha família e ter uma criação de peixes. Consegui fazer esse sonho. Três anos atrás começou o pesadelo, com toda destruição dos sonhos, que foi se arrastando até agora, com essa lama dentro dos poços de peixes. Não tem mais nada, não conseguimos trabalhar. E não temos nenhuma expectativa”, disse Adilson Martins (G1 – 12/02/22).

O quilombola Robésio Marino, de 52 anos, perdeu quatro parentes soterrados nos deslizamentos que ocorreram na cidade em fevereiro do ano passado e sente novamente a tristeza ao ver novos estragos com a chuva. “O que aconteceu agora me trouxe essa recordação e eu fico muito triste, pensando que, às vezes, as pessoas esquecem que a gente tem de viver, mas com fé

em Deus vamos seguir nossa vida”, lamenta (Estado de Minas, 05/01/22). Várias pessoas presas foram resgatadas por vizinhos que abriram buracos em tetos e paredes das casas soterradas, informou a mídia local. “Há muitas pessoas presas (...) dentro das casas”, disse o governador Llempen (O Tempo, 15/03/22). O governo federal e de São Paulo receberam com antecedência alertas sobre o risco de deslizamento de terra na Vila do Sahy. Pelo menos 48 pessoas morreram após a tragédia (UOL, 22/02/2023).

“A gente tinha a esperança de localizar sobreviventes. Eu rezava muito por isso, todos os dias. Infelizmente, não aconteceu — lamenta Garcia (GZH, 29/12/2020). “Quando alguém está doente é uma situação. Agora, crianças que tinham uma vida inteira pela frente nos deixa chateados. Foi um resgate, por parte dos envolvidos, com grande humanidade, respeito à vítima, às famílias”, afirmou o coordenador da Defesa Civil Cristiano Vargas (G1, 31/01/2022).

Era o primeiro dia de férias de Fernanda Damian de Almeida, de 30 anos, e de Luiz Taliberti Ribeiro Silva, de 31 anos, que vieram da Austrália para contar à família a gravidez da moça, que já estava no quarto mês de gestação. Noivos desde outubro do ano passado, o casal ficou hospedado na Pousada Nova Estância com familiares, em uma área de mata em Brumadinho. Só ele foi identificado (Veja, 31/01/2019). O barulho da lama varrendo o que encontrava pela frente é algo que Francisco não se esquece. Era um estrondo que nunca tinha ouvido. Pensou em diversas possibilidades, até mesmo na barragem. Não demorou muito para que visse a avalanche de rejeito engolindo o distrito em que viveu por mais de 30 anos (G1, 05/11/2020).

“De repente, o céu escureceu e então veio a chuva e nuvens ardentes”, conta Bunadi, um residente da vila de Kampung Renteng, no leste de Java, que diz ter ficado surpreso com a erupção de uma “lama ardente” (Isto É Dinheiro – 05/12/21). Bruno Capilé, doutor em história e pesquisador. Um dos estudos dele é sobre a relação das pessoas com o Rio Doce. “Tivemos uma relação muito diferente, especialmente com a lama. A lama transformou a vida do valadarense e a sua relação com o rio. Então, uma série de relações, que não somente aconteceu em 2015, mas é um processo que o desastre, que não é pontual. Ele persiste na paisagem, persiste no ambiente ao longo de anos” (Profissão Repórter -27/04/2022).

“O desastre que arrasou não apenas Mariana, mas toda a bacia do Rio Doce, uma área equivalente a Portugal, continua aqui. Cinco anos depois, nada está concluído, tudo está por fazer”, diz a Procuradora da República e coordenadora da Força-Tarefa Rio Doce, Silmara Goulart (Agência Brasil, 29/10/2020).

Um idoso apaixonado pelo lugar onde vivia e dois filhos. Estes são os três desaparecidos no deslizamento de terra que destruiu a Praia de Itaguaçu, uma das paisagens mais bonitas da Ilha Grande, em Angra dos Reis (RJ), no último sábado (2) (G1, 05/04/2022).

“Quando tudo acabou, não conseguia reconhecer mais nada. Pensei, ‘como pode, coisas que estavam lá há tantos anos, acabaram em segundos’”, diz o electricista José Valério de Jesus, de 49 anos (BBC, 07/02/2019).

Capítulo 20

ELA - Vontades e verdades



Comprei cocadas. Sabia que a conversa seria bem mais difícil para mim do que para ele. Meu avô nunca ligaria de ficar uma semana sozinho, meu coração que não suportava essa ideia. Exceto por algumas dores ao se movimentar, ele era, sim, muito independente, apesar dos seus oitenta e poucos anos. Quando não tinha tempo de fazer sua comida, ainda pela manhã, ele fazia seu ovo e esquentava o arroz. Passaria meses comendo só isso. Não era homem de muitos gostos. Não era de ter desejos do que comer. Nunca se importou muito com o que vestia, podia estar desbotado, desde que não estivesse rasgado. Cuidava da casa ao seu ritmo. Cuidava da vida da sua forma e desde que nunca ultrapassasse às cinco da tarde. Era hora do banho quente, do sofá aconchegante, da soneca que logo se transformaria em sono.

– Pode ir tranquila, minha filha!

Disse essas palavras óbvias sentado na escada com o saquinho de cocadas na mão. Eu já previa isso, só não imaginava o que vinha passando pela cabeça daquele velho senhor nos últimos tempos.

– Você não pode ficar presa a mim. Sabe, filha, estava pensando. Daqui para frente sua vida vai ganhar novos rumos. Eu não quero te atrapalhar.

Interrompi a fala dele para dizer que isso era muito dolorido de ser ouvido e inimaginável. Ele franziu a testa e nem precisava dizer que nunca gostou de ser interrompido.

– Escuta. Vou morar no asilo da família. Tenho primos por lá e é lá que quero viver meus últimos dias.

Havia mesmo um asilo que era administrado pela família dele, por parentes mais distantes, na zona rural de uma cidade vizinha. Não era longe. Estive lá por algumas vezes, mas nunca imaginei que um dia meu avô fosse manifestar a ideia de viver por lá.

– A vida passa rápido, minha filha. Eu não posso mais esperar. Não é só por você, não são só as lembranças que esta casa me traz. É minha vida mesmo, o que pensei para ela. Sempre sonhei que meus últimos dias seriam na roça, que poderia cuidar da terra que não era desse quintalzinho. Toda vez que olho para o horizonte sentado nesta escada eu estou em um lugar que não é aqui...

Meu coração doía tanto que naquela hora só pensei em ganhar tempo. Disse que talvez eu não estivesse cuidando bem dele, mesmo...

– Te conheço desde as fraldas. Sabe que comigo seu drama não vai funcionar. Sei também que quer o meu melhor. Na verdade, minha filha, queria mesmo ir para um cantinho meu. Se eu tivesse a sorte de ter minha terriinha, talvez você aceitasse melhor minha partida, mas não tive essa sorte. Lá terei meu quartinho, uns peixinhos para pescar, uma horta grande para ajudar a cuidar, um pôr do sol que me lembre minha infância, que me aproxime do quilombo onde viveram meus avós. É mais por mim...

Resisti. Disse que desistiria do emprego e iria com ele. Aquele discurso longo, no entanto, me assustara. Ele era homem de poucas palavras e aquelas pareciam ter sido cunhadas na alma há muito tempo. Era difícil oferecer contrapontos. Meu avô, aliás, sempre foi irredutível.

Sabia fazer um sorriso desconcertante nas horas mais difíceis e manter sua palavra. Desesperada, só pedi que me esperasse voltar.

– Voltando, eu já vou.

Não que eu quisesse tirar a autonomia dele. Quando eles vão ficando idosos, temos a impressão de que podemos, de alguma forma, fazer o que fizeram por nós e isso inclui decidir por eles. Erro. A cabeça e o coração não seguem o tempo cronológico. Aquele senhorzinho de passos curtos ainda era aquele que desbravou matas, que vendeu de tudo um pouco, que fazia um escambo sem igual, que reergueu com os braços sua casa destruída, como um símbolo de que força nenhuma iria se opor à sua resiliência.

Tinha muito orgulho daquela sua história. Tinha muito orgulho da forma com que me criou. Tinha muito orgulho de tratar dele com o carinho com que ele me tratara desde os meus cinco anos. Queria cuidar dele até que a morte nos separasse, não até que a vida assim o fizesse. Essa separação era como uma morte em vida e eu já vivia o velório. Fui para o quarto chorar. Ele permaneceu na sala e, por mais que eu esperasse, desta vez não foi me consolar. Eram mesmo os últimos dias dele por ali e eu estaria longe dele, perto dos meus medos. A vida parecia me dar um sacolejo e eu não tinha forças para oferecer resistência.

Capítulo 21

ELE - Alma de poeta



Aquele técnico dos números

Não sou eu

sou

eu

Aquele homem que administra

Não sou eu

sou

eu

O aprendiz de fazendeiro

Não sou eu

sou

eu

Não confundam o que eu faço

Com quem eu sou

poeta

o

sou

Eu sou o poeta

apaixonado
o
sou
Eu sou o apaixonado
outro
pelo
sofre
que
O que sofre pelo outro

Sou a confusão que existe em mim
No mais alto e no mais baixo
que minh'alma se permite...
Aquele que teve a voz silenciada
Não sou eu
sou
eu

Aquele que viu seu corpo desobedecer

Não sou eu

sou

eu

O homem que se voltou à posição fetal

Não sou eu

sou

eu

Não confundam o que a vida me deu

Com quem eu sou

olhar

o

sou

Eu sou o olhar que escreve

mente

a

sou

Eu sou a mente que nunca parou

vida

a

sou

Eu sou a vida que pulsa minimamente em mim

Sou mais que meu corpo

Mais que a sabedoria dos doutores

Não morri *in vita*

Capítulo 22

ELA - Colômbia



A dor de não ter meu avô por perto me tomou aquela noite. Era uma morte em vida. Ele jamais me atrapalharia em nada, pelo contrário. Todos os meus planos de uma vida melhor o incluíam, mas fiquei pensando nos planos dele. Sim, eu fui egoísta. Eram sempre meus planos com ele. Na verdade, por pressupor que não havia planos diferentes, fui levando os meus como tratores sobre a mata. Literalmente a mata. Ele não queria mais estar por ali. Seus planos eram diferentes. Por outro lado, queria me proteger até que tivesse, de fato, segurança para ir.

Talvez a vida na cidade havia se tornado insuportável para ele desde a morte de minha avó. Imagino que cada cantinho daquela casa o lembrava dela. Mesmo já não sendo mais aquela em que ele a viu morrer, era aquele terreno, aquele chão, aquele mesmo morro que, olhando fixamente, parecia insistir em guardar na mente cada desnível, cada pedra enquanto comia sua cocada. Eram aqueles mesmos vizinhos que o ampararam num dia chuvoso, eram aquelas mesmas memórias que o rondavam como fantasmas.

A vida não o permitiu outra escolha. Precisava cuidar da neta e a grana era pouca.

07h10 – Foi vivendo até que percebeu que já poderia retomar seus sonhos...

Era um palpite daquele meu amigo/cliente. Não parávamos de nos falar nos últimos dias. Às vezes, ficávamos horas trocando mensagens. Nunca falava ao telefone. Entendia que estava em um ambiente hospitalar, mas queria muito ouvir aquela voz, ver aquele rosto da foto. Entendia, no entanto, e mais que isso suas palavras

eram mais fortes do que sua voz para mim. Era um poeta e isso me encantava. A vida passava mais bonita sobre o olhar dele, mesmo que hora ou outra uma enfermeira interrompesse nossa conversa.

07h45 – Já volto!

E retornava, antes mesmo que sua ausência me causasse ansiedade. Se tornou uma pessoa tão próxima que sua ausência física já me incomodava antes mesmo de nos conhecermos pessoalmente. Tinha profundo apreço pelo passado. O meu e o dele. Tinha profunda aversão ao presente dele. Mudava de assunto quando perguntava sobre sua mãe. Por outro lado, era interessado nos meus assuntos atuais. Promoção, uniforme, Colômbia, meu avô. Ouvia conselhos e brincadeiras. Era sério e divertido. Sabia que não era mais amizade, mas resistia em concordar.

Imaginei ter ele comigo naquela viagem. Ele já havia estado na Colômbia algumas dezenas de vezes. Ficou horas para me contar que o Brasil é o maior produtor mundial de café, a Colômbia, o quarto; mas que tínhamos muito a aprender em relação a produtividade, sanidade e qualidade. Indicou cafeterias em Bogotá e a fazenda de alguns amigos, caso desejasse conhecer melhor a produção familiar. Disse que eu não poderia perder essa oportunidade, mas eu, logicamente, perderia, apesar de parecer entusiasmada com o assunto. Tudo para que ele não ficasse sem graça.

Em relação ao aeroporto, eram tantos termos em inglês que pedi que ele fizesse um manual, um passo a passo da chegada ao desembarque. Enquanto falávamos, ele

fez tudo. Parecia simples e realmente foi. O mais difícil mesmo daqueles dias foi dizer um até logo. Despedi do meu avô lentamente. Cheia de recomendações. Alertei que tinha deixado alguns amigos e vizinhos de sobrea-viso, o que lhe deixou irritado, como eu esperava.

– Precisava disso? Eu sei me virar! Não vou brigar com você hoje.

Ele parecia mais sério e pensativo naqueles dias. Não sabia mesmo o que isto significava. Se havia se arrependido da decisão, se estava com dúvidas ou se apenas não queria demonstrar a felicidade da decisão que julgara correta. Independentemente do que fosse, implorrei para que estivesse ali, quando eu retornasse. Ele franziu a testa, riu de lado e pegou minha identidade e meu certificado de vacinação para me entregar.

– Vai tranquila e não deixe de me ligar quando chegar.

Ele já havia pedido que não lhe mandasse fotos perto ou dentro do avião. Sempre achou que aquele “bicho grande” não era para voar. Estava com as mãos geladas. Aqueci elas em meu rosto e as beijei. As lágrimas molharam os calos.

– Vai dar tudo certo! Vai com Deus.

E lá se foram eu e os meus medos, juntos, mais uma vez.

Capítulo 23

ELE - Soneto da despedida



Ela se foi no desencontro, como veio
Foi despedida antes do afeto
Partiu como se estivesse por perto
Vagou rumo ao meu estrangeiro

Coração aqui ar rarefeito
Dói bobo indiscreto, inquieto
Sofre pelo amor indireto
Idiota, esperto devaneio

É a vida que vai e a que fica
Esperança de um reencontro
Trama que a distância ergue

É a vírgula que se faz ponto
Reticente saudade albergue
Do fim da vida, aqui partida

Capítulo 24

ELA - Boas-vindas



As malas me pesaram as mãos até que encontrasse um carrinho. Inexperiência de uma viajante que não percebeu que os outros faziam o contrário. Não quis passar pelas lojas com medo de me esquecerem por ali. O aeroporto era como um shopping. Poderia ficar por ali por horas, mas segui direto para o desembarque. Pelo combinado com a agência de turismo, alguém deveria estar me esperando. Antes mesmo da porta se abrir, ouvi alguém gritando o meu nome, tentando de alguma forma imitar um sotaque brasileiro. Não podia acreditar que era eu. Alguém contratado jamais faria aquilo. Provavelmente, era algum parente que não via o seu há muito tempo e não se continha de tanta ansiedade.

Aquela mulher me chamou a atenção. Era preta como eu. Deveríamos ter a mesma idade. Seus olhos. Seus olhos chamavam a atenção como o fogo. Impossível não os perceber. Grandes, expressivos, sensuais e delicados ao mesmo tempo. Tinham cílios enormes que quase encostavam a sobrancelha fina. Cabelos nos ombros, levemente ondulados. Gritava meu nome. Tinha ele escrito em uma placa que dizia “bem-vinda” em português. Acho que olhava tanto para ela que não lhe restou dúvida.

– Que bom que chegou!

Disse misturando o português com o espanhol. Era assim que falaria comigo a partir daquela hora.

– Venha comigo, nosso carro está te esperando!

Disse obrigada, enquanto ainda tentava entender o porquê aquela mulher gritava ao me esperar.

– Cheguei um pouco atrasada. Que medo de não te encontrar mais por aqui. A agência me fez muitas recomendações sobre você. É sua primeira viagem internacional.

Ela começou a falar mais rápido, usando mais o espanhol. Só entendi o final e balancei a cabeça. Falava como se guiasse um grupo enorme de pessoas. Provavelmente, era o que fazia todos os dias. Lembrava os feirantes brasileiros. Abaixava levemente a cabeça quando queria falar algo mais sério, deixando os cabelos encobrirem parte do rosto como se houvesse alguma timidez aquele olhar.

– Pode ficar tranquila que estarei com você durante toda viagem. Vai correr tudo bem. Já ligou para a família?

Não. Lembrei que não havia ainda ligado para meu avô. Ela ensinou como deveria fazer e vendo que não acertava, digitou os números da forma que precisavam ser teclados no celular. Fez ela mesma a chamada, me entregando o telefone já próximo à orelha, mesmo ele estando no viva voz. Ele atendeu rápido, graças a Deus.

– Que bom que deu tudo certo, minha filha. Já vai para o hotel?

Olhei para ela como se repetisse a pergunta. Ela acenou que sim. Já indicando em qual porta deveria entrar. Sentou-se ao meu lado, indicou algo ao motorista enquanto eu continuava a falar ao telefone.

– Não aconteceu nada de diferente, minha filha. Queria ter feito algumas coisas por aqui, mas vou respeitar seu pedido e não vou fazer nada no quintal por esses dias. O mato vai crescer e você vai ter que tirar tudo na volta.

Ri dele que sempre achou que o quintal era a parte mais importante da casa. Seguimos pelas ruas de Bogotá com trânsito lento. Elas pareciam misturar passado e presente. Eram a materialização da minha pessoa falando com meu avô ao telefone nas ruas de um outro país. Conteí da viagem, conteí o que via, conteí do meu aperto no coração.

– Tá tudo bem por aqui, não se preocupe.

Quando desligamos, olhei o aplicativo de mensagem para ver a última hora em que aquele homem descrito como cliente na minha lista havia estado online. A última vez que tinha visto algo coincidia com nossa última troca de mensagem. Já estava entardecendo, resolvi não ligar. Mandeí uma mensagem dizendo que chegueí bem e que estava com saudades. Logo ele iria responder.

– Senhora?

Ela já havia chamado a minha atenção uma vez e resolveu aumentar o tom de voz.

– Vai querer passar em algum lugar para jantar?

Disse que me acompanharia aonde fosse e que tudo estava incluso no meu pacote. Contrariando a mim mesma, pedi para seguir direto para o hotel. Já havia andado por muito mais tempo de ônibus em condições bem mais precárias, mas resolvi me dar luxo de estar minimamente cansada ao ponto de só querer tomar um banho, deitar na minha cama e ler um bom livro.

– Tudo bem, senhora!

E olha que nem havia levado um livro para ler. Sozinha naquele quarto de hotel senti que a vida de fato estava mudando. Deitei-me sobre aquele edredom macio e me abracei nele. Era como se agarrasse aquele momento com as minhas unhas ainda sujas de lama. Era como se ele pudesse limpar um passado bonito, mas que precisava ficar no passado.

Capítulo 25

ELE - Página em branco



Capítulo 26

ELA - Café da manhã



Dormi profundamente naquela noite. Não sonhei. Tudo já era um sonho. Havia combinado um horário com a agente de turismo. Acordei mais cedo para tomar outro banho quente naquela ducha que parecia lavar a alma. Enquanto colocava o uniforme da empresa pela primeira vez decidi ver novamente o aplicativo de mensagem. Ele não havia visualizado as minhas do dia anterior. Sabia que algo não estava certo.

– Senhora, sua amiga já está no saguão

A recepcionista tinha um português fantástico. Precisaria fazer amizade com ela. Pedi para avisar que já estava me trocando e que em breve desceria. Terminei de ajeitar meu lenço e cheguei ao salão observando todos os espelhos que poderiam refletir aquele meu momento. Nos cumprimentamos com um beijo no rosto e disse que poderíamos seguir, que comeria alguma coisa no caminho.

– Jamais. Estamos adiantadas. Vim mais cedo porque queria estar certa de que estava tudo bem. Te acompanho no café.

Engraçado como aquela mulher me passava confiança. Era como se já nos conhecêssemos. Falou-me de seus dois filhos, da vida sofrida que tinha com eles. Ficou surpresa com minha história que era também de alguém de periferia. Foi bom termos nos olhado de igual para igual. Ela tinha de mim a mesma impressão que eu tinha das vendedoras da loja. Mulheres elegantes e inatingíveis.

– Sábias e sem problemas!

Brincou. Caímos na risada e começamos a falar sobre a vida entre um café e outro. Perguntei sobre as crianças. Ela disse que estavam com a mãe dela. A avó cuidava dos meninos enquanto a mãe trabalhava. Era mãe solteira. Contou com orgulho sobre o quanto a sua mãe se esforçava para que ela conseguisse tirar o sustento da família.

– Uma mulher forte, me espelho muito nela. Também me criou sozinha. Meu pai era um vendedor, viajante. Aparecia de vez em quando, por interesse e para deixar algumas migalhas. Ela lavava roupa para garantir a comida no prato. Quantas vezes deixou de comer para nos dar o que comer. Mãe é assim, né?

Perguntou esperando que eu concordasse. Disse que não sabia exatamente o que era mãe. Que tinha visto ela numa foto comigo, ainda bebezinha, pouco antes de ela partir para aquela que deve ter sido a viagem de sua vida. Perguntei se o Chile era próximo.

– Não. Acho que do Brasil estaria mais perto de lá.

Não era só uma pergunta boba. Um dos medos que me cercavam naquela viagem era esse. E se pelas ruas de Bogotá conhecesse ou reconhecesse aquele casal? Não saberia como me comportar. Talvez, corresse e os abraçasse e no meio do abraço, perguntaria: por quê? Talvez, fingisse que nada via e faria com eles como fizeram comigo. Talvez, jogasse na cara daqueles dois o quanto foi sofrido não os ter por perto ao longo da infância. Talvez, apenas pediria para que esquecessem do passado e voltassem comigo, para que eu não ficasse sozinha após a partida do meu avô.

– Então, foram seus avós que te criaram?

Confirmei, comentando por alto a morte trágica da minha avó e a minha história.

– Armero...

Pensou alto como se me perguntasse se conhecia aquela história. Sim, eu conhecia. Aliás, nos últimos anos tinha lido ainda mais sobre a tragédia ocorrida em Armero, em 1985. Meu avô contava aquela história como se tivesse vivido todo aquele drama e por alguns momentos parecia intercalar nossas histórias com a daqueles mais de 20 mil mortos.

– Fica a cerca de 200 quilômetros daqui. Se tiver algum dia de folga, posso ir com você de ônibus.

Sabia que alguma hora teria que encarar Armero. Já havia pesquisado como chegar, mas iria me enganar dizendo que não teria tempo ou companhia para ir. Agora me faltava só o tempo. Disse a ela que iria pensar, enquanto olhava mais uma vez o celular...

– Alguma preocupação? É seu avô?

Disse que não, que inclusive havia conseguido falar com ele por vídeo pouco antes de descer. Comentei que, na verdade, estava preocupado com um cliente que não dava notícias desde ontem...

– Vocês tratam bem os clientes.

Riu entendendo que aquele não era qualquer cliente. Expliquei que não nos conhecíamos, mas que ele acabou se tornando uma pessoa especial, um símbolo da minha virada de vida que, aliás, estava atrasada para começar.

– Agora, já temos mesmo que ir. O escritório é perto, mas podemos pegar trânsito!

E fomos.

Capítulo 27

ELE - Página em branco



Capítulo 28

ELA - A matriz



Seguimos por uma Bogotá que no dia anterior não consegui ver em detalhes. Contemporânea, com prédios em estilo moderno, mas que pareciam conversar de alguma forma com o passado colonial. Lembrei dos casarões da minha cidade e em especial de um, cujo morador não saía da minha cabeça.

– Sua chamada está sendo encaminhada para a caixa postal e...

Desliguei antes de ouvir toda a mensagem. Celular desligado. Alguma coisa grave deveria ter acontecido. Encostei a cabeça no vidro e fiquei pensando se não teria a oportunidade de entregar àquela senhora suas sapatinhas. Ela provavelmente havia morrido. Eu sempre fui pessimista com coisas assim, mas na mesma hora pensei que eles poderiam também ter voltado para casa e que, exaustiva, a volta teria lhes consumido todas as energias. O celular provavelmente ficaria em segundo plano, com certeza. Liguei mais uma vez para ter certeza de que não havia errado o número e esperei a mensagem desta vez. Disse após o sinal que estava preocupada, para que ele desse notícias assim que pudesse.

– É logo aqui. Você quer que eu entre com você?

Agradei e disse que não precisava. Era necessário que eu chegasse àquele lugar como vim até aqui. Menina que venceu a lama, mulher preta, trabalhadora, que sempre cuidou daquela loja como se cuidasse de sua própria casa e que sonhou em estar ali como o princípio de uma realização de vida. Era preciso que eu chegasse ali. Que erguesse a cabeça e mostrasse minha força e vontade sem nenhuma palavra. Foi exatamente o que eu fiz.

A sede da empresa era um prédio imponente. As colunas que lembravam as romanas, contrastavam com as janelas e portas de um vidro azul espelhado. Na portaria central, o vidro cobria toda a fachada, que deveria ter 12 metros de altura. A porta se abriu à medida que me aproximei. Lá do fundo alguém dizia.

– Bom dia! Brasil?

Acenei positivamente como que ajudando a secretária e evitando que ela tivesse que improvisar um português que não tinha. Pediu para que eu aguardasse por ali com um aceno e me acomodou em uma poltrona. A sala era um verdadeiro mostruário histórico da loja. Eram várias colunas de aquários empilhados. Dentro deles, pares de sapatos eram expostos como em um museu. De fato, tinha muita história por aqui, muitas coleções que mudaram tendências. Tudo muito limpo e organizado. Quis elogiar a menina da limpeza, mas não tinha palavras em espanhol para isso. Não sei se soaria bem também...

– Senhorita...

A secretária me levou a uma sala que parecia um espaço de reuniões. Uma mesa grande ao centro, várias cadeiras com encosto alto, projetor, telas de TV e um quadro. Duas outras mulheres estavam de costas e se viraram quando cheguei ao local.

– Que maravilha que você chegou. Fala espanhol?

Era a outra brasileira que participaria do treinamento. Apesar de não a conhecer, sabia que não seria a única. A outra era, obviamente, a argentina. Nos apresentamos

e tentamos um portunhol que não funcionou por muito tempo...

– Desculpa, não te entendi...

Tentamos falar amenidades e comentamos sobre o nosso uniforme, que era igual em todas as filiais, apesar de elas terem elogiado o pano da minha calça, que consideraram melhor. Enquanto mostrávamos uma para outra o batom padrão da empresa, um jovem se aproximou e pediu licença para ligar alguns aparelhos.

– Disculpen señoras. Les mostrare un vídeo. Espero que les guste.

As imagens mostravam as lojas da empresa, inclusive a que eu trabalhava. Um narrador dizia em espanhol e português do orgulho que deve envolver o trabalho por ali e da necessidade de que todos fizessem daqueles locais, extensões de suas casas. Foi quando meu coração disparou e eu perdi o ar. Ganhei o aperto de mão das meninas que estavam ao meu lado.

– Minha filha, tenho muito orgulho da mulher que você se tornou. Feliz em saber que o sonho meu e de sua avó de te ver realizada, agora é verdade. Nunca se esqueça das suas origens. A gente é povo simples e isso tem muito valor. A simplicidade nos ensina a viver melhor. Por ela que celebramos até as pequenas vitórias, sem elas muitas grandes conquistas perdem o valor. Tudo é conquista sua. Que bom que estou aqui para viver esse momento com você... Fique com Deus!

Eles conseguiram convencer meu avô a gravar um vídeo pouco depois que eu deixei minha casa para ir ao

aeroporto. Nem se ele mesmo me contasse acreditaria em tal feito. Gravou porque deve ter ficado muito sem graça em dizer não. Deveriam ter chegado na minha casa em carros luxuosos, com roupas chiques, seu sentimento de servidão falou mais alto. E que bom que foi assim.

Não consegui ver o depoimento dos parentes das outras meninas, mas estavam todas ainda muito emocionadas quando aquele homem chegou à sala. A gravata em um tom azul escuro me chamou a atenção em meio ao terno todo preto e o sapato reluzente. Parecia ter cortado o cabelo, feito a barba e tomado banho há exatos dois segundos. Ficou nos olhando por alguns minutos. Olho no olho. Sorriu.

– Fiz questão de estar aqui com vocês hoje para dizer pessoalmente o quanto essa empresa se orgulha da história de vocês conosco. Vocês ainda não tiveram a oportunidade de se conhecerem melhor, mas todas trabalhavam conosco como ajudantes de serviços gerais e passam, a partir de agora, a compor nosso quadro de vendedoras. Vim aqui pedir a vocês que continuem zelando por nossas lojas. É o cuidado que vocês sempre tiveram com nosso ambiente de trabalho que ajudou a chegarmos onde chegamos. Queremos esse olhar de quem conhece cada cantinho de nossas lojas para cuidar dos nossos clientes. Vocês foram escolhidas a dedo para inaugurar essa nova fase.

Eu não precisaria me impor. Eles sabiam quem eu era. Isso me trouxe uma paz e uma felicidade até maior do que a daquele dia que recebi a notícia que seria contratada. Aceitariam meu diferente. Teriam orgulho dele.

Na sala estavam três mulheres pretas, que se abraçaram quando tudo terminou.

No outro dia começaríamos o treinamento na loja do shopping.

– Um vinho para comemorar tudo isso?

Iria dizer que não, porque ainda estava angustiada com aquele sumiço, mas vi que tinha uma mensagem não lida no aplicativo.

13h22 – UTI, mas agora tudo certo. Retorno quando tudo estiver mais tranquilo.

Um viva à vida e ao vinho...

Capítulo 29

ELE - Visita



Ela bateu à porta
E eu não ofereci resistência
deixei entrar
deixei ameaçar
deixei ficar

Ela bateu à porta
Num arrepio só
vi o filme rodar
vi a luz passar
vi o bipe tocar

Ela bateu à porta
Unindo começo e fim
esperava desesperar
esperava aceitar
esperava me amedrontar

Ela bateu à porta
mas desta vez era só um teste...

Capítulo 30

ELA - A lama de cada um



Ela tinha chegado ainda mais cedo naquele dia. Para estar na loja às seis da manhã precisou acordar às três. O ônibus passava há quatro quadras de sua casa e seria necessário pegar dois para fazer o trajeto inteiro. Passaria pelo caminho por alguns dos locais mais perigosos da cidade. Não seria a primeira vez, se fosse surpreendida por um tiroteio e tivesse que se jogar no chão frio até ter certeza de que estaria segura. E quem estava?

Pegou seu uniforme que lembrava um macacão e tirou da mochila. Embaixo dele estava a chave da porta de serviços escondida em um molho com dezenas de chaves da loja. Foi testando uma a uma. Impaciente, como se quisesse terminar logo com aquilo. Sozinha, na rua ainda pouco movimentada, sempre poderia ser alvo de alguém mal-intencionado ou que se iludisse, pois nada ficava no caixa daquela loja chique do centro entre uma madrugada e outra.

Assim que acertou a chave, a trancou pelo lado de dentro e, como se respirasse aliviada, olhou o dia começando a amanhecer pela janela lateral que acabara de abrir. Jogou o uniforme sobre os braços e o apertou para sentir melhor o cheiro do amaciante que havia comprado. Não eram todos os meses que tinha esse privilégio, então o melhor era mesmo aproveitar cada segundo daquele cheiro levemente adocicado que sua roupa estava envolta. Se trocou rapidamente e começou por ali mesmo sua rotina de trabalho.

Foi limpando o chão. Foi passando o pano úmido pelo balcão. Organizou a bagunça dos caixas. Voltou alguns pares de sapatos ao seu lugar. Lembrou que era um dia especial, resolveu mandar uma mensagem de amor.

06h40 – Que este dia seja repleto de muitas alegrias para nós. Como o tempo voa, né? Já são sete anos desde aquele 18 de dezembro. Quantas coisas boas e ruins nós vivemos e o quanto aprendemos com elas e vem aí uma criança linda para celebrarmos ainda mais nossa felicidade. Te amo.

Encheu a mensagem de emojis e enviou para o marido que àquela hora deveria estar saindo de casa para a primeira corrida do dia. Era motorista de aplicativo e tinha se esforçado ainda mais nas viagens para aumentar a renda e garantir o enxoval da criança que ainda não sabia o sexo, mas que torcia para ser menino. Ele respondeu rápido, mas ela não viu na hora.

Já estava novamente distraída com seus afazeres. Tinha, inclusive, colocado um fone de ouvido na cabeça para ouvir as mensagens de fé que o pastor sempre enviava no início da manhã. Cuidou com mais zelo dos locais por onde os clientes iriam passar. Não era véspera de Natal ainda, mas a proximidade da data já fazia com que a loja estivesse sempre cheia, em especial no fim de tarde.

Deixou tudo brilhando e seguiu para o depósito. Nesta época organizar tudo aquilo sempre era um desafio. Desesperados em agilizar as vendas, alguns vendedores simplesmente jogavam caixas e sapatos por onde podiam, com a promessa de voltarem logo em seguida para organizar tudo. Nunca voltavam. Notou quando o primeiro deles chegou à loja. A antecipação deveria ter algum motivo.

– Bom dia! Não se preocupe comigo aqui. Vim adiantar as compras de alguns clientes que fizeram pedidos pelo celular. Hoje, você sabe, né? Vai ser o dia.

Não sabia, mas depois percebeu da pior forma. Quando a gerente chegou, foi logo a procurando para pedir que a ajudasse a estragar o que ela já tinha feito.

– Pensei em espalharos pela loja esse papel picado, que lembra promoção!

– Mas...

– Mas, o que?

– Nada, as sacolas com papel picado estão no seu carro?

– Sim. Você me ajuda?

Saiu para ajudar e voltou abarrotada de papel e com alguns cartazes debaixo do braço. Sim, além da proximidade do Natal, aquele seria um dia de promoção especial na loja. Aos poucos foi percebendo o aumento da movimentação do lado de fora. Já havia fila para entrar, o que não era muito comum. Esperaram alguns outros vendedores chegarem e abriram a loja um pouco mais cedo, para que ninguém desistisse da compra.

– Quanto é esse aqui, moça?

Eu não sabia e logo arrastava algum dos vendedores para perto. A gerente percebeu.

– A tabela fica logo aqui. Se conseguir ajudar hoje, vamos te agradecer imensamente, mas por agora pode finalizar o serviço lá embaixo. O movimento mesmo começa na hora do almoço.

Ciente do que iria acontecer, finalizou o mais rápido o serviço no estoque e com medo que o chamado atrasasse seu almoço, tinha que pensar na criança, comeu mais cedo. Resolveu que não iria descansar naquele dia e procurou mais algumas coisas para fazer por ali, até que ouviu seu nome.

– Vem, menina, a loja tá lotada, vamos precisar de você por aqui mesmo!

Subiu devagar e viu que deveria ter sido chamada bem antes. A loja estava abarrotada de clientes. Fila para entrar, espera pelo atendimento, fila para pagar; nada disso era comum por ali. A empresa, que atendia um público mais elitizado, sempre prezou por atender cada um com exclusividade. Nunca tinha visto a loja tão cheia como naquele dia e aquilo a preocupava.

– Ajuda aquela senhora ali, por favor!

O vendedor indicou uma cliente que visivelmente estava nervosa. Ela se dirigiu a ela para ajudar.

– Boa tarde, senhora. Posso te ajudar?

Pensou que a mulher não tinha ouvido. Realmente o barulho de gente conversando àquela altura estava muito alto.

– Senhora, posso te ajudar?

Insistiu, recebendo o mesmo desprezo da mesma. Resolveu não desistir e se aproximou um pouco mais daquela mulher loira, de cabelos nos ombros, que ostentava um grande colar no peito.

– Senhora?

A mulher se afastou. Ficou com o rosto avermelhado e franziu a testa.

– Toma cuidado com seu cabelo, porque ele está muito próximo do meu rosto e pode me causar doença.

– Meu cabelo não tem doença, senhora. E o que a senhora está fazendo é racismo.

– É?

– É. Crime.

– Macaca!

A loja parou com aquela confusão. A gerente logo pediu à pessoa que estava no caixa.

– Chame a polícia. A gente não aceita esse tipo de atitude por aqui!

Enquanto alguns se revoltavam com a atitude daquela mulher e gritavam “racista”, outros foram amparar a vendedora que após resistir firmemente aos ataques desabou em choro. Não era a primeira vez e não seria também a última que ouviria uma frase tão pesada quando o próprio racismo:

– Será que você ouviu direito?

Sim. Não só ela ouviu direito como outras dezenas de pessoas ouviram direito. Quando a polícia chegou, no entanto, restou uma testemunha. As outras não tiveram tempo para denunciar. O caso foi registrado como injúria racial. A mulher foi levada à delegacia e ainda responde processo. A vítima se reergueu e no mesmo dia continuou a ajudar os vendedores da loja. Agora estava

ali, na minha frente, com uma taça de vinho na mão e uma lágrima escorrendo pelo rosto.

Capítulo 31

**ELE - Para não dizerem
que não falei de nomes**



“Não fiz nada a não ser chorar de ódio, sentindo a pior sensação que já senti na vida. Papo é que não foi a primeira vez e também não vai ser a última, tenho certeza. Até quando?”, questionou (G1, 06/05/2022). Segundo o Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro, foram registrados 1.365 casos de injúria por preconceito no estado, em 2021, sendo 1.036 vítimas negras, 56% delas mulheres (CNN, 20/05/22). A atriz e professora Isabel Oliveira ficou apenas com roupas íntimas em uma unidade do mercado Atacadão, em Curitiba, para denunciar racismo que teria sofrido de um segurança. A empresa nega (UOL, 09/04/2023).

“Não estou bem. Eu fui humilhado”. Assim o estudante de odontologia Matheus Antunes Silva, 26 anos, alvo de injúria racial em uma roda de amigas, no domingo (24/04), no Gama, define o que têm sido os últimos dias. Em vídeo publicado na rede social de uma das autoras, a jovem dispara: “É preto e ainda fica tirando os outros de tempo”. “Não passa um desodorante”, completa a segunda. (Metrópoles, 27/04/2022). De acordo com o Inquérito Policial que deu origem à acusação, o crime ocorreu em um salão de eventos da cidade. Na ocasião, denunciada E.M.O, referindo-se ao homem como “nego” e “preto”, proferiu as seguintes frases, em tom preconceituoso: “preto serve para limpar a mesa de branco”; “preto e serviçais nasceram para servir os brancos, de nariz afilada e cabelos lisos”; “negros comiam na senzala” (MPMG, 04/05/22).

A professora teria dito para a menina que o cabelo crespo dela era “feio”, que estava “assanhado”, “parecia um arapuá” e que ela deveria pedir para a mãe arrumá-lo. Ao ser informada sobre as ofensas, a mãe da menina

registrou um boletim de ocorrência na última terça-feira (10). (Diário do Nordeste, 12/05/2022).

Um torcedor imitou um macaco em direção à torcida alvinegra, em crime de injúria racial. No primeiro jogo entre as equipes, um torcedor foi detido pela Polícia Militar pelo mesmo motivo (Gazeta Esportiva, 18/05/22).

Geneon da Silva relata que na última segunda-feira (3) levou a esposa em uma consulta. Conforme a vítima, ele esperava parado em uma calçada, próximo a onde havia estacionado o carro, quando o operário de uma obra próxima ao local se aproximou e começou a agredi-lo. De acordo com Geneon, o operário o acusou de estar roubando carros nas proximidades (G1, 05/04/2023).

Aline Cristina Nascimento de Paula, 28, relata que não fez nada além de entrar no playground do shopping. “Assim que eu entrei, a mulher já se levantou e falou assim: ‘Vamos embora daqui, tá cheio de preto’”, relatou ela, à TV Globo (UOL, 14/04/2022).

O coordenador de Promoção da Igualdade Racial do município, Manoel Justino, criticou o fato de o suspeito, apesar de preso em flagrante, ter sido solto, conforme previsto em lei. “Casos que deveriam ser registrados como crime racial, recebem a tipificação de injúria, que prevê penalidades mais leves e não contribuem com as mudanças sociais que o país necessita. O criminoso paga uma fiança e vai embora, enquanto deveria ser submetido a punições mais duras, que correspondessem ao dano cometido por ele”, disse (CNN, 16/04/22).

O vendedor de balas Hiago Macedo de Oliveira Bastos, de 22 anos, foi morto por um tiro disparado pelo policial militar (Estado de Minas, 15/02/2022).

Em pelo menos seis estados brasileiros, uma pessoa negra é morta em ações policiais a cada quatro horas (CNN, 14/12/2021).

Yago dos Santos juntava dinheiro para a festa de dois anos da filha (Rede Brasil Atual, 14/02/2022). Segundo a dona do estabelecimento onde ele trabalhava, Marcos Ítalo não estava armado e chegava ao local para começar a fazer as entregas, quando foi atingido (Yahoo Notícias, 05/11/2021).

A esposa de Felipe Barbosa da Silva, entregador de aplicativos, de 23 anos, uma das vítimas dos policiais, contou que o rapaz ligou para ela informando sua localização e dizendo que seria morto pelos PMs. Barbosa encerrou a ligação dizendo que amava sua filha, de apenas um ano (Isto É, 18/06/21).

Kathlen Romeu, 24 anos, morreu na tarde desta terça-feira (8/6) após ter sido baleada durante uma operação da Polícia Militar do Rio de Janeiro em uma comunidade localizada na região da Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, na zona norte do Rio. Ela estava grávida de 14 semanas e já chegou ao hospital sem vida (Ponte, 08/06/2021).

“Ele morreu sem chance de se defender. Meu filho nem comeu a marmitta. Já que estavam ali para combater o tráfico, poderiam levar para a delegacia. Esse é o trabalho da polícia, não chegar e matar. Por que mataram o meu filho?”, desabafou a auxiliar de serviços gerais Fabiana Hoytil da Silva, de 41 anos (UOL, 23/11/21).

Pesquisa feita pela consultoria Trilhas de Impacto aponta que 86% das mulheres negras já sofreram casos de racismo nas empresas em que trabalham. (Agência Brasil, 21/03/2023).

A desigualdade racial nas corporações faz com que os policiais negros sejam as maiores vítimas de violência entre os agentes de segurança pública, segundo dados do Anuário de Segurança Pública, publicação anual elaborada pelo FBSP (Fórum Brasileiro de Segurança Pública)... (UOL, 15/07/2021). Já caído e ainda consciente, Alan teria levantado a camiseta para mostrar que estava desarmado e gritou “perdi, senhor, perdi” (Brasil de Fato, 15/02/2021).

Moïse foi vítima do racismo estrutural que existe no Brasil (Revista Cenarium (12/02/2022). As intimidações levaram a viúva e a filha de Durval Teófilo a se mudarem do condomínio onde ele foi morto (O Globo -14/02/2022).

Na capital fluminense, os negros – pretos e pardos, na classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – são 48% da população, mas alvo de 63% das abordagens de policiais militares (Correio Brasiliense, 15/02/2022). Jean William, de 36 anos, teve de explicar que o carro que ele dirigia, de alto padrão, era dele, e que não havia drogas no veículo (G1, 28/01/2022). O assistente administrativo Emerson Magalhães, de 37 anos, denunciou uma abordagem em que foi acusado de roubo em uma loja de um shopping de Salvador (G1, 05/02/2022).

A tentativa de realizar um piquenique na companhia da filha de 4 anos se transformou em um pesadelo para o policial militar negro Anderson César da Silva, de 32

anos, que teria sido brutalmente espancado, na presença da criança, e sofrido injúria racial por “colegas” de farda durante uma abordagem policial (Estado de Minas, 13/11/2021). O jovem Yago Corrêa de Souza, de 21 anos, foi solto depois de dois dias preso por um crime que ele diz não ter cometido (G1, 09/02/2022). Jhonny foi preso em flagrante após ser pego transportando maconha. No vídeo, que viralizou nas redes sociais, ele aparece com o pulso algemado à moto de um policial militar e é forçado a correr enquanto é puxado pelo veículo. (Estado de Minas, 06/12/2021). O policial militar branco que aparece num vídeo que circula nas redes sociais dando um soco no rosto de um homem negro, que cai no chão, durante abordagem no último sábado (29) em Caieiras, Grande São Paulo, também xingou o rapaz com palavrões e o chamou de “lixo” e “negão” após as agressões (G1, 31/05/2021).

Tainara dos Santos diz que estava em um ônibus com mais duas pessoas, quando o motorista parou próximo a uma viatura da PM, pois suspeitava que eles fossem criminosos (Isto É, 16/01/2022).

“É algo humilhante, isso tem que parar”, diz a mulher que desmaiou após ser acusada de roubo em loja de roupas em Salvador (G1, 23/05/22).

O tenente-coronel da Polícia Militar de São Paulo, Evilson de Souza sofreu ataques racistas enquanto palestrava em uma conferência on-line nesta terça-feira (9). O policial, que é negro, falava sobre o programa de combate ao racismo que desenvolve na corporação quando um dos participantes começou a escrever ofensas sobre a tela compartilhada (G1, 10/02/2021).

Quando saiu de casa para uma consulta médica nesta quarta-feira (28/07), o pintor aposentado José Barbosa dos Santos, um homem negro, não esperava ser alvo de racismo. Ele e os dois filhos, Alcides e Welma dos Santos, estavam na calçada em frente ao Taguatinga Shopping, quando uma mulher passou pelos três e gritou: “Essa negra do inferno, vai tudo pro inferno” e o empurrou (Metrópolis, 28/07/2021).

Capítulo 32

ELA - Conceito



O racismo não é só racismo quando ganha as palavras. Ele é ainda mais racismo quando o racista finge não entender que está errado. Ele é ainda mais racismo quando as pessoas ao lado tentam te convencer de que não houve nada. É ainda mais racismo quando, diante do crime, alguma autoridade te pergunta se você tem certeza que foram aquelas mesmas as palavras. É ainda mais racismo quando o autor deixa o local do crime sorrindo. Quando a vítima tem que dar mais explicações que o autor. Quando a dúvida entre racismo e injúria racial permite de cara que alguém classifique sua dor. É ainda mais racismo quando horas depois você fica sabendo que o autor já está nas ruas, provavelmente com o mesmo sorriso.

O relato daquela mulher, preta, brasileira se multiplica por muitos todas as vezes em que é dada voz a esse povo que me representa. Basta querer ouvir. Não conheci ninguém preto que chegou à maturidade sem ter ouvido uma gracinha, sem ter sido olhado e acompanhado de perto em um supermercado, sem ter sido tratado diferente próximo a uma ocorrência policial, sem perder uma vaga de emprego para alguém menos qualificado. Os jornais noticiam a ponta do maior iceberg de nossa sociedade. Pesado, frio, longe de derreter.

– ... mas para cada racista há uma legião de pretos prontos para a resistência!

Brindamos. Juntamos as mãos. Era simbólica aquela união. Representava a vitória. A nossa e minimamente a de todos nós, de um povo. Olhamos uma para a outra, nos reconhecemos e também nos permitimos rir da vida, à segunda garrafa de um Cabernet Sauvignon.

– e que amanhã seja leve...

A amiga argentina lembrou-nos que amanhã seríamos buscadas no hotel logo cedo. Aliás, descobrimos que estávamos no mesmo hotel e todas haviam sido recepcionadas por aquela mulher de olhos penetrantes. No caminho de volta, concordamos em pedir que houvesse um dia de folga, para conhecermos melhor aquela região.

– Teriam toda a razão se nos falassem um sonoro “não”!

Rimos alto, chamando a atenção do taxista, que olhou para trás. Daquele momento, lembro de me enrolar com o cartão do quarto e de ignorar o celular quando ouvi o despertador.

– Senhora, suas amigas e sua guia já te aguardam na recepção.

Com o coração acelerado, troquei de roupa como nunca e agradei por ter que usar uniforme. Se tivesse que escolher o que vestiria, jamais chegaria a tempo. Uma maquiagem de leve e em 10 minutos já estava no hall com elas. Disse novamente que poderíamos seguir e que comeria alguma coisa no caminho, mas elas estavam me esperando para o café da manhã e para os comentários do dia anterior.

– Já vou sentir falta de vocês!

Alguém resumiu no meio da conversa o que sentiríamos no decorrer da semana. Um até breve a nossa guia e estávamos, enfim, na loja do shopping. Ali, era fácil se sentir em casa. Todas as lojas da rede eram iguais. Idênticas, da entrada aos caixas, até o estoque. Além de acompanharmos as vendedoras locais, a empresa contratou

palestrantes (e tradutores) que falaram sobre técnica, marketing, enfim. Foram dias tão intensos que só no penúltimo tivemos coragem e tempo para pedir um tour pela Colômbia.

– Não viram que vocês só voltam daqui três dias? O treinamento é só até amanhã!

A gerente de treinamentos tinha razão. Nós, que ainda não havíamos checado as passagens de volta. O treinamento tinha cinco dias e havia um e meio livre, antes do retorno. Avisei para meu avô sobre as mudanças de plano e, para nossa guia, que toparia ir com ela a Armero, se o convite ainda estivesse de pé.

– *Por supuesto!*

Armero. Quantas lembranças desse lugar que não conhecia, mas que me uniu definitivamente a alguém que viveu a lama como eu vivi; Omayra Sánchez.

Capítulo 33

ELE - O olhar de Omayra



Aqueles olhos pretos me atormentaram. Quem era aquela menina de 13 anos que sofreu inocentemente por longas 60 horas? O que ela pensava enquanto estava presa debaixo dos escombros de sua casa, só com a cabeça para fora da água? Por que na maior parte do tempo parecia tranquila em meio ao caos que levaria ao fim de sua vida? Do que se despedia ao sussurrar um “adiós” antes de partir?

Havia um vulcão. E havia também a preocupação com grupos guerrilheiros que, dias antes, chegaram a tomar o Palácio da Justiça. Cinquenta quilômetros separavam os gigantes, com prioridades diferentes. Naquela quarta, Omayra Sánchez Garzón, segundo contam os jornais, tinha ido pela manhã levar a mãe ao aeroporto. As publicações contam o que ela foi viajar a trabalho. Imagino a angústia daquela despedida. O clima já era de tensão naquela região há alguns dias. Devem ter se beijado, devem ter se abraçado, podem ter dito uma para outra que em breve voltariam a se ver. Omayra pode ter se emocionado ao ver o avião partir.

Voltou para casa com o pai e a tia. Viu ao longo do dia o que seria o prenúncio da tragédia. Fico imaginando o que pensava ao ver da janela de casa aquela chuva de cinzas. Há séculos o vulcão não tinha atividade importante. Não saberia dimensionar o tamanho do perigo iminente, mas devia imaginar que havia perigo. Há sempre perigo quando a chuva não é a que lava, mas a que suja. Será que conseguiu pegar no sono? Será que alguém naquela casa dormiu? A orientação da Defesa Civil, ainda segundo os jornais, era de que a população permanecesse por ali.

13 de novembro de 1985. Já passava das onze da noite quando toda cidade de Armero ouviu algo se aproximar. Muitos tentaram correr, como a família de Omayra, mas já era tarde. Três ondas de detritos de 30 metros de altura atingiram a região. A lava derreteu a neve de uma das geleiras que cobriam o vulcão. Uma quantidade enorme de rocha, lama, detritos vulcânicos e água desceu numa velocidade de 50km por hora. Tudo que havia pelo caminho foi levado. A casa de Omayra não foi poupada.

Ela viu, com desespero, tudo ao seu redor ser invadido. Deve ter gritado. Como reação natural, deve ter tentado se desvencilhar do que passava pelo seu corpo. Seu pai e sua tia morreram na hora, assim como outras 23 mil pessoas. Ela não.

Imagino a dor daquela garota que teve metade do corpo preso sob o concreto. Imagino sua vontade de viver, quando empurrou o corpo e conseguiu encontrar uma fenda para se apoiar. Imagino o alívio quando finalmente colocou parte da cabeça para fora da água e voltou a respirar. Quantas horas ela teria ficado assim? Quantas horas imaginando que qualquer movimento mais brusco a faria submergir novamente? Quantas horas tentando entender que rumo a vida a levaria? Quantas horas se defendendo da morte a centímetros dela?

Quando os socorristas chegaram ouviram seus gritos. Sim, ela gritou. Eles conseguiram puxá-la um pouco mais para cima e distanciar um pouco o risco natural da morte por afogamento com um pneu, mas se viram diante de um dilema igualmente mortal. Não havia equipe nem como amputar as pernas de Omayra e não havia

bomba de sucção de água. A menina morreria. Todos sabiam, menos ela.

Conversou com socorristas e com jornalistas ao longo de heroicas sessenta horas.

“Mamãe, se você me ouve, quero que reze para que tudo termine bem.”

A tragédia era acompanhada de perto pela imprensa. A mãe de Omayra, provavelmente ouviu a mensagem da filha horas depois. Deve ter dilacerado seu coração aquele apelo de uma menina que só queria orações. O caso ganhou repercussão mundial.

Nas suas últimas horas, Omayra começou a ter alucinações. Perguntou a um fotógrafo que a acompanhou até a morte se ele podia levá-la para a escola. Estava preocupada, pois chegaria atrasada. As infecções tomaram o corpo de Omayra. Seus olhos vermelhos não tiravam do rosto a aparência serena numa foto que ganhou o mundo.

Foi perdendo as forças.

Morreu às 9h45, do dia 16 novembro de 1985.

Aqueles olhos pretos ainda me atormentam.

Capítulo 34

ELA - Armero, Omayra e eu



Não seria fácil para mim. Aquela história sempre esteve tocando a minha. Por milhares de vezes me vi contando-a a alguém. Repetia o que o meu avô me narrou anos depois da nossa tragédia. Nunca tive coragem de perguntar, mas para mim não resta dúvidas de que, esperando meu resgate, ele pensou em Omayra.

Desta vez fui eu quem esperou impaciente a guia no salão de entrada do hotel. Não havia dormido naquela noite. Era tudo muito forte. Já conhecia Armero de todos os artigos, fotos e vídeos publicados na internet. Nada seria, de fato, inédito, mas estar ali mexia muito comigo. Era como se eu pisasse em uma história que também é minha. É como se eu também tivesse passado pela lama de Armero, como se algumas vezes tivesse tocado a mão de Omayra, como se houvesse alguma interligação entre as nossas histórias.

– Já iria pedir para acordarem nossa bela adormecida!

Contei que não havia dormido à noite e que já tinha tomado café da manhã. Ela notou que eu estava nervosa e ansiosa. Disse-me que estava pálida e trêmula.

– Tem certeza que quer realmente ir? Sem problemas se quiser deixar para uma próxima vinda à Colômbia...

Disse que sim. Disse que precisava ser mais forte que meus medos e que tinha vindo à Colômbia para enfrentar todos. Ainda restara este. O mais pesado.

– Vamos então com calma. Temos muito tempo pelo caminho para que possa fazer suas reflexões e, se decidir, voltamos no primeiro ônibus.

Sim, desta vez iríamos de ônibus. O carro que ela usou até então era da empresa e sua atuação não cobriria uma viagem como esta. Perguntei se ela não teria uma última opção. Não queria ir de ônibus, com medo de precisar ou querer voltar mais cedo. Sugeri então pedir um carro de aplicativo, mas não queria mais ninguém comigo naquele momento. Sugeri alugar algum e ela ir dirigindo pelo caminho, que já conhecia. Havia uma locadora há duas quadras e foi menos burocrático que parecia.

– Pronta?

Acenei que sim, colocando os óculos escuros. Cansada daquela noite exaustiva dormi pouco depois de deixarmos Bogotá e acordei há poucos metros de Armero. Meu coração ficou apertado quando vi aquele hospital de dois andares soterrado quase pela metade.

– Quer parar?

Acenei que sim. Saí do carro e deixei que as minhas mãos tocassem aquele lugar. Era a mesma energia doída e ao mesmo tempo simples e intensa que sempre achei que Armero teria. Fiquei por ali por mais alguns segundos, até que instintivamente coloquei minha cabeça naquela parede fria da tão representativa ruína.

– Era o nosso hospital!

Era um velho senhor que dizia ser sobrevivente da tragédia. Contou que havia perdido sete pessoas na família. Contou também o quanto era impactante para ele estar ali naquele hospital, onde haviam nascido seus filhos. Também encostou as mãos na parede e vi molhar um pedaço de tijolo que estava no chão. Por alguns minutos

se esqueceu de que estava por ali para oferecer seus trabalhos de guia. O lugar agora recebia muita gente atraída por aquela história. Agradecemos, mas antes quis o abraçar.

– Não é fácil, né? Força para vocês também!

Parece ter adivinhado que minha história tinha muito da história daquele lugar. Na entrada de Armeiro uma placa diz que o local é patrimônio espiritual. Não deixa de ser verdade. A intensidade desse pedaço de chão tão simples é algo que impressiona. A todo momento tinha vontade de tocar o que via. A todo instante queria parar e fechar os olhos para imaginar tudo o que havia se passado por lá. Mais de vinte mil mortos.

Foi neles que o Papa João Paulo II pensou ao visitar o local e se ajoelhar diante da cruz, símbolo da tragédia.

“Pai celestial, de quem procede todo bem, recebe compassivo em teu seio misericordioso a tantos irmãos nossos aqui sepultados pelas forças desatadas da natureza. Conduzi-os à morada eterna que Jesus, teu Filho, preparou aos que o reconhecem como teu enviado e o servem com amor, descobrindo sua presença nos irmãos menores (...). Estes filhos teus, Pai de bondade, caíram como trigo nas entranhas da terra para germinar na ressurreição dos mortos. Eles creram e esperaram em Ti; receberam o batismo de regeneração, se nutriram com a Eucaristia, que é gérmen de imortalidade, viveram no amor com que tu premias eternamente (...).”

As frases entraram para a história. A cena se concretizou e está ali para quem desejar revivê-la. A cúpula da Igreja de Armero também está por ali. É uma cena

desoladora imaginar que ficava no alto. Ficamos algum tempo no local. Decidi voltar às casas. Uma delas sobre a sombra gigantesca de uma árvore que cresceu sobre as ruínas. Suas raízes desciam pela parede. Frondosa, tinha o tronco acima do que seria o teto da casa. Quis me sentar por ali. Essas raízes que dominam o símbolo de uma tragédia, me fizeram pensar sobre a vida. Sobre como devemos nos reerguer.

Aquela árvore de raízes de mais de dois metros aparentes, deveria ter fincado ao solo pelo menos outros dois metros de raízes não aparentes, para se manter tão estável por tanto tempo. Raízes que se mostram, tronco, galhos e folhas que se vê só são consequência da segurança daquilo que não se vê. O nosso aparente nunca será, de fato, nós mesmos. Há raízes que não se mostram, mas sustentam inclusive todo o simbolismo de uma destruição. Aprendi ali a ser maior, que há algo maior mesmo sobre a devastação. Estava pronta para chegar ao outro lado daquele local.

– Omayra?

Balancei a cabeça sinalizando que estava pronta, mas certo é que nunca estaria. Só que chegara a hora de encarar de frente aquele lugar tão simbólico desde a minha adolescência, onde, sempre achei que também estaria.

No descampado, a placa de madeira indica que este foi o lugar que aquela menina de 13 anos havia passado 60 horas lutando para viver. Aquela foto estava ali. Aquela que ganhou o mundo. A leveza de Omayra diante da tragédia que se anunciava. Nos últimos anos muita gente

atribuiu milagres a ela. Na região é vista como santa e isto explica um muro cheio de placas logo na entrada.

As placas têm o nome das pessoas que voltaram àquele local para agradecer pelas graças recebidas. Sobre elas, alguns terços e flores. Uma das placas que têm acima da escultura de Omayra, reproduz seus últimos momentos de vida. Agarrada sobre um tronco, com apenas o rosto para fora da água. Queria ler todas as placas, queria entender aquelas histórias. Tudo era muito forte.

– Ali!

A guia estava me chamando para o ponto exato onde a criança foi encontrada. Ao redor daquele pequeno pedaço de chão, mais placas, mais terços, flores e muitas capelinhas com santos. Era visualmente intenso. Agachei para tocar aquele solo. Foi exatamente ali que tudo se passou. Senti a força daquele lugar e me desmanchei em lágrimas...

– Estou aqui!

Gesticulei dando a entender que precisaria viver aquele momento sozinha. Nunca imaginei estar tão perto daquela figura que viveu algo tão semelhante ao que eu vivi, mas que não teve a sorte de sobreviver. Que resistiu acordada a um sofrimento bem maior que o que passei desacordada. Por um momento, veio como um filme as imagens daquela fita VHS com o meu resgate. Lamentei que ela não tivesse tido a mesma sorte.

Pouca gente sabe, mas além dos escombros, as pernas de Omayra estavam envoltas pelos braços da tia falecida. Foi um último gesto desesperado de quem queria

a salvar de toda forma. Chorei alto, como se quisesse deixar ali meu agradecimento a minha avó, que também morreu tentando me proteger. Deixei as lágrimas e os gemidos saírem sem pudor pela primeira vez. Vivi nos sofrimentos entrelaçados. Revivi os lutos que estavam ali, pedindo para que fossem, de fato, externados. Éramos duas crianças sobre a lama, mas eu estava ali, não sei por que destino.

Depois de sua morte, contam, o corpo de Omayra foi retirado daquele local e sepultado ao lado. Há um genuflexório sobre um chão de outras placas de agradecimento. Resolvi rezar por Omayra e para Omayra. Conversei com ela por cerca de uma hora, gozando da intimidade que havíamos adquirido ao longo dos últimos anos. Contei para ela como foram meus momentos de lama, o pouco que lembrava daquele hospital, como vivi até ali, minhas angústias, meus medos, a história de meu avô e como ele, agora, deveria partir para longe de mim, pedi pela mãe daquele cliente internado, pedi por nós, se, de fato, houvesse nós quando tudo aquilo se resolvesse. Meus joelhos doíam, tentei levantar e caí ao chão...

– Te ajudo!

Quis ficar ali sentada por mais um segundo e aceitei o apoio da guia para me levantar. Senti que estava fisicamente exausta. Queria ir embora dali. Fui apoiada por ela até o carro, sem desgrudar os olhos daquele lugar forte, onde o sofrimento se tornou acalento. Mais um grupo de turistas estava chegando para viver tudo aquilo.

- Tem sido assim, desde então!

Me despedi com um “adiós”, sussurrado como o dela.

Capítulo 35

ELE - Acaso dos “eus”



O presente é só um reflexo
Tudo aquilo que sentimos
A dimensão que damos
A força que é empregada
As escolhas que fazemos
São as somas dos nossos “eus”

Felizes das crianças
Que têm poucos para recolher
Os que arrastam “eus” por aí
Os que carregam os pesos de “mins”
Os que precisam diariamente somar
São prisioneiros de si

Por isso o original tem tanto valor
Representa a rebeldia de quem ousou
Fechar os olhos para a maioria dos “eus”
Ignorar aquilo que está cunhado no comodismo
Permitir um olhar universal sobre o pessoal
É raro, mas não deveria nos surpreender

Eis que é chegada a hora
Do encontro de todos os meus “eus”
Daqueles que me orgulho
Daqueles que me envergonho
Daqueles que me mantenho imparcial
Todos serão convocados

Nas batalhas conduzo essa tropa
Pelo caminho que decidi tomar
Com tudo que me inspirou
Com tudo que me influenciou
Com tudo que me cercou
A história que eu construí

Há obras a se fazer
Há vida após as páginas em branco

Capítulo 36

ELa - Os girassóis de Bogotá



Eram as minhas últimas horas em Bogotá e eu simplesmente não tinha forças para acompanhar as meninas, que perambularam pela capital desde então e conheceram de tudo um pouco.

– Pelo menos na Candelária você tem que ir! Ontem eu comi o melhor doce da minha vida.

As meninas insistiram e, mesmo com um peso enorme sobre mim, um desgaste tão grande, decidi que iria acompanhá-las. Pedi dez minutos para um banho quente e, me vendo na porta do quarto, elas não tiveram coragem de me pedir para andar mais rápido.

– Amiga, isso. Toma seu banho, revigora essa energia e a gente segue. Não é muito longe e a gente já sabe aonde ir...

Deixei aquela água quente invadir o banheiro de fumaça. Entrei naquele banho para sentir a pele ardendo e ficar com o rosto avermelhado. Fechei os olhos. Pensei por um momento que precisava de música. Deixei o chuveiro aberto, sequei rapidamente e fui buscar meu celular. A primeira música da playlist tinha versos que diziam “é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, porque se você parar para pensar, na verdade não há”.

De olhos fechados, fui reelaborando aquele dia de ontem. Foi pesado emocionalmente, pesado fisicamente, mas tinha me proporcionado um reencontro comigo mesma. As dores que sentia naquele momento faziam sentido. Elas sempre fazem...

Sim. A dor tem algumas lógicas. Certa vez ouvi de um fisiologista que a cada vez que exigimos um pouco mais do nosso corpo, numa musculação, por exemplo, provocamos em nós microlesões. Repetição e carga, de certa forma nos ferem. Essas feridas provocam dor, incomodam por horas ou dias, mas, ao mesmo tempo, obrigam nosso corpo a iniciar um processo de regeneração.

Para nos recuperarmos do que nos fere, as fibras do músculo precisam crescer e receber mais nutrientes. É na dor que nossos músculos ficam mais fortes, após cicatrizar. Eu estava mais forte para seguir a vida nova que me esperava no Brasil.

Abri os olhos e vi uma borboleta entrando na janela aberta. Na mesma hora o telefone tocou. De longe vi que era ele e quis ler a mensagem.

08h05 – Saudade. Tá chegando?

A gente já havia conversado nas últimas horas, mas a impressão que tínhamos era de que o assunto nunca terminaria. Contei a ele sobre as minhas reflexões e o quanto, apesar de cansada, me sentia mais forte. Contei ainda sobre a borboleta.

08h12 – É um sinal para você!

Não entendi muito bem. Ri, não querendo perguntar, mas ele logo explicou.

08h15 – Uma vez, ainda criança, na fazenda da minha família, quis ajudar uma borboleta a sair do casulo. Achei que abrindo delicadamente aquele espacinho, onde ela parecia sofrer, iria propiciar àquele inseto sua libertação, mas não. Ela caiu com as asas murchas e nunca voou. Meu pai,

se aproximando, lamentou que se tornaria presa fácil agora. Foi me explicar que era a força que a borboleta fazia dentro do casulo que irrigava suas asas até que elas tivessem prontas e fortes para poderem bater e levar aquele corpo delicado pelos ares.

Era a poesia da vida. Casava exatamente com tudo aquilo que estava refletindo pouco antes. O sofrimento, a dor que nos faz fortes para voar.

08h17 – Há vida após as páginas em branco.

Iria perguntar sobre mais essa frase enigmática, mas tive que desligar avisando que as meninas já estavam me esperando para irmos à Candelária.

08h18 – Ainda bem que decidi ir!

Desci e seguimos a pé àquele bairro charmoso e delicioso. De cara, parei numa casa que pelo estilo e pela cor me lembrou a dele. Era um restaurante francês. Fotografei e tomei um café acompanhado de uma torta doce, estonteante.

– Prontas para o recomeço?

Nossa guia tinha combinado de nos encontrar por ali para nos despedirmos.

Levou café de presente. Veio me abraçar e pediu para que conversássemos em particular. Pedi licença para as meninas e ela me guiou até o carro da empresa. Tirou do banco do passageiro um buquê de girassóis e, para minha surpresa, me entregou.

– Deixaram na loja do shopping. Ontem fui levar um novo grupo por lá e me pediram para que eu te entregasse, se ainda estivesse na Colômbia.

Achei lindas, mas estranhei que fossem minhas. Quem teria mandado? Tentava achar um cartão, mas não encontrei.

– Girassóis são sinônimo de energia, alegria! Foi alguém que desejava te ver assim.

Encontramos o cartão que havia caído no piso do carro. Sim, era ele e dizia:

“Há vida após as páginas em branco”

Capítulo 37

ELE - Página em branco



Capítulo 38

ELA - Já se foi



Sempre me lembrarei da Colômbia como o lugar onde meus medos ganharam a dimensão que permiti a eles. Não eram maiores, nem menores; seriam do tamanho que eu deixasse.

Lá do alto, onde tudo parece tão pequeno, refletia sobre a minha vida. A última semana foi como um parêntese, um respiro para tudo que me esperava na volta ao Brasil. Tinha falado com meu avô pouco antes de deixar o hotel e ele se mostrara irredutível. Conversei por mensagem de texto com a gerente da loja e ela se mostrava entusiasmada com meu retorno, pedindo para que eu chegasse mais cedo para uma conversa. Mais uma vez, não consegui falar com ele. Mensagens não visualizadas, telefone na caixa postal. Presumi que sua mãe deveria ter piorado novamente. Ele preferia não comentar sobre o estado de saúde dela e eu tinha respeitado, mas quando estivesse por lá estava convencida a fazer uma visita a ela no hospital. Veria ele, obviamente.

Quando as portas do avião se abriram e senti o calor que entrou sem pedir licença, me benzi e disse a mim mesma: “vai!” Pedi para que o motorista de aplicativo me deixasse algumas esquinas antes de casa. Queria comprar cocadas, mas esqueci o quanto desajeitado seria andar com as malas pelos passeios esburacados do bairro.

– Te ajudo!

Aquele senhor de branco já estava encerrando seu turno naquele dia. Tinha só mais algumas cocadas para vender. Enrolou tudo em um saquinho e me deu, fechando a banca e passando as mãos pelas alças de uma das malas.

– Sumiu. Seu avô esteve aqui esses dias e contou que estaria viajando. Está muito orgulhoso de você, agora que vai ficar rica.

Ri da brincadeira e perguntei se ele havia contado que iria se mudar.

– Falou sim. Disse que vai para as terras da família. Comentei com ele que iríamos sentir falta, mas que se minha família também tivesse alguma terrinha, com certeza também faria o mesmo caminho.

Obviamente, meu avô não havia falado com ninguém que estava indo para um asilo. Obviamente. Entendi que também não deveria falar a verdade, afinal, eram mesmo terras da família. Deixou minha mala na calçada de casa, cumprimentou meu avô com o aceno e se despediu.

Lá estava meu avozinho. Sentado no chão. Com algumas ervas daninhas na mão, unhas sujas de terra, exatamente como pedi para que não fizesse. Aquela cena encheu meu coração de alegria, era como um sinônimo de que estava tudo bem. Não resisti e pulei nele, como fazia na infância. Caímos sobre a terra e por incrível que pareça ele soltou uma gargalhada.

– Tá doida é menina? O que te deram nessa sua viagem?

Beijei aquele rosto de marcas do tempo. Um beijo longo, que já carregava o peso de uma despedida que eu não gostaria que acontecesse. Ajudei ele a levantar e disse que pegaria a toalha, enquanto ele tomava banho. Ainda no varal, percebi que cantava. Era uma canção de sua juventude. Lembro que quando era pequena me fazia dormir cantando ela. Há anos não via meu avô

cantando no chuveiro. Fiquei me perguntando o quanto minha vontade poderia ser sua infelicidade.

Naquela semana ele tinha comprado um perfume e fez a barba. Por hora me passou a possibilidade de estar se engraçando com alguma senhora por aí.

– Para de fazer graça, menina!

Riu alto, novamente, quando cheirei seu pescoço e me disse aquilo que estava evitando ouvir.

– Vou amanhã, viu?

Quis insistir com ele. Quis muito, mas não consegui. Aquele sorriso aberto me pedia para que eu o respeitasse, me pedia para que eu lhe desse a oportunidade de uma nova vida, assim como seria a minha, me pedia para olhar para ele não somente como um velho sorriso, mas como um sorriso que tinha muita vida pela frente.

Pedi que me ouvisse apenas. Disse o que sentia, sem pedir para que ficasse. Disse que respeitaria todas as suas decisões e pedi principalmente que, enquanto estivesse lá nunca deixasse de considerar voltar para casa. Um dia, pode enjoar dali, como enjoou de mim, brinquei.

– Cadê meu bebezão dramático?

Aquele senso de humor era de um novo homem. Libertado e que para minha surpresa, havia baixado um aplicativo de mobilidade no celular velhinho.

– Podemos usar para ir!

Concordei, desde que pudesse adormecer com ele naquele sofá naquela noite. Dormi encostada no seu ombro.

Acordei de madrugada com ele me olhando. Deitei ele no sofá e o cobri. Fui chorar aquele momento comigo mesma, na minha cama, com o rádio ligado. Acordei com o cheiro do café...

– Tá pronta?

Disse que sim, apesar de não estar. Abri um sorriso, mas queria chorar. Abracei, sonhando que ele poderia dizer que desistiu, mas olhei para o lado e vi suas velhas malinhas de mão cheias. Um travesseiro sobre elas. Seus documentos sobre o travesseiro e o celular com a tela ligada.

– Carro chega em quatro minutos, tá dizendo aqui!

Quatro minutos de espera, mais uma hora e pouco de viagem. Ainda naquela manhã estávamos na chácara. Não havia mudado muito, desde a última vez que estive aqui. Todos sabiam que ele chegaria, organizaram uma pequena festa e, logo depois do caldo, entregaram-no a chave do quarto. Fui com ele organizar a roupa no guarda-roupas, colocar o sabonete na saboneteira, enfiar os sapatos por debaixo da cama, como ele gostava que fosse. Era tudo simples como ele. Entendi porque gostaria tanto de ficar por ali. Encostamos em um banco que tinha a sombra de uma paineira. Contei para ele da árvore de Armero e prometi levá-lo assim que conseguisse juntar algum dinheiro.

–Quero ir sim. Agora, quero te levar em um lugar especial daqui.

Pegou em minhas mãos, como fazia quando eu era criança. Cruzou seus dedos com os meus e caminhou

lentamente para o outro lado da chácara, onde havia uma pequena capela. Havia uma torre com a imagem de Santa Efigênia em destaque.

– Santa Efigênia era preta como nós. É a protetora dos lares. Te trouxe aqui para te lembrar que meu coração fica apertado de te deixar naquela casa sozinha, mas que sempre estarei em oração por você.

Entramos naquela capela. Havia uma imagem menor da mesma santa ao fundo, em um altar à esquerda. Estava sobre um pano branco, atrás de uma parede azul que formava um arco sobre as colunas amarelas. Eram quatro colunas, três arcos. À direita, o Santíssimo, no meio o Cristo crucificado. Antes de nos acomodarmos em um dos bancos, viu que havia um pequeno altar ainda no fundo, com a imagem de Nossa Senhora Aparecida, sua devoção. Estava atrás de uma parede descascada em uma mesa cheia de pedras e ramos. Tocou-a e fez uma pequena oração.

Era tudo muito simples, como ele gostava, mas também muito bonito. Sentou-se em um banco, indicando que eu deveria fazer o mesmo. Ficou algum tempo em silêncio, olhando fixamente para frente. Depois, se aproximou de mim. Novamente pegou minhas mãos e olhou para baixo

– Filha, desde que você era bem bebezinha fomos mais que seus avós. Logo depois que você nasceu, foi como se tivéssemos perdido uma filha. Sua mãe estava em uma fase que pensava só em curtir a vida, como ela falava. Não quero julgar minha filha. Tantos anos depois, nem tenho mais esperança em vê-la. Na verdade,

ao invés de questionar porque ela foi embora, eu sempre preferi agradecer a ela em minhas orações a bênção de ela ter deixado você conosco. Era tão pequenininha, lembrava tanto a sua mãe.

Ficou emocionado.

– Um dia após eles te deixarem, no desespero, porque não sabíamos como iríamos amamentar você, saí para um posto de saúde às três horas da manhã. Estava tão preocupado em resolver o problema, que esqueci de combinar com a sua avó, como eu chamaria vocês para a consulta, quando a fila estivesse menor. O resultado foi que, sem poder sair da fila para avisar, entrei na sala do pediatra sem criança alguma. Ele se espantou muito. Disse que não tinha como fazer nada sem ver o bebê. Então, pedi para que ele se sentasse e contei a nossa história. Ele se levantou e pediu para que fosse com ele até o carro. Lá, falou para que eu entrasse e indicasse o caminho de casa. Ele te atendeu na sala. Não consigo esquecer o espanto de sua avó.

Fiquei admirando-o, enquanto contava algumas histórias que eu não conhecia.

– Ah, para a sua avó você era o que ela tinha de mais importante, coitada. Todo dinheirinho que entrava ela comprava alguma coisa para você. Lacinho, você tinha dezenas, porque ela mesma fazia. Você sempre foi muito amada filha.

Disse, colocando as mãos sobre o meu joelho.

– Eu não sabia, mas esse amor podia aumentar. Quando sua avó morreu, naquela tragédia, ficamos eu e você.

Tive que aprender a cuidar de coisas que só ela fazia. Lembro que às vezes você ficava brava comigo porque não conseguia arrumar seus cabelos do jeito que gostava.

Ri, lembrando que ele ficava nervoso comigo...

– Ficava, mas quando você ia para a escola, chorava a falta de alguém que fizesse o melhor para você. Sei que muitas vezes eu falhei. Lembra daquela vez da calça que rasgou? Você não imagina o quanto eu sofri porque não tinha te dado aquela calça antes. Deveria ter feito um empréstimo para que você não passasse aquela vergonha...

Menti, dizendo que nem me lembrava mais daquilo, que se não fosse ele nem eu teria mais aquele caso na memória. Meus olhos marejados, no entanto, me desmentiriam.

– Queria que você tivesse uma criação melhor, que pudesse ter mais oportunidades, mas muitas vezes tudo que podia pensar era: que bom que nós nos temos. Você, minha filha, foi a companheira da minha vida, após a partida da sua avó. Dediquei tudo a você. Lembra quando eu ia na apresentação do Dia das Mães?

Nunca iria esquecer. Eu tinha a opção de não participar, mas adorava fazer apresentações na escola, em especial se fossem dança. Preocupada, a diretora da escola ligou para o meu avô e sugeriu que ele conversasse comigo, talvez fazendo com que eu desistisse ou propondo um novo programa para a mesma data. Ele concordou em conversar, mas não acatou a sugestão da diretora. Abaixou na minha altura, como sempre fazia quando o assunto era sério e disse que a diretora tinha acabado de ligar para pedir desculpas. Ela tinha, segundo ele, esquecido

que o dia do avô era no mesmo dia das mães. Ele estava na primeira fila e, por anos, acreditei que as datas eram coincidentes.

– Achava bom como você insistia com suas amigas que o dia mais importante era o dos avós.

E era mesmo. Com o passar do tempo, entendi que aquele era apenas o meu Dia do Avô. Em resumo, eu nunca chorei a falta da minha mãe naquelas datas comemorativas e até hoje compro um presentinho para ele no Dia das Mães. Nossa relação foi sempre construída nesses jeitinhos que despistam o sofrimento.

– Então, filha, como já tinha te falado, agora você não é mais uma vida que depende de mim. Eu não só não quero ser um peso para você como sempre sonhei em viver meus últimos dias na roça, longe daquela barulheira da cidade, daquela vizinhança que ama fofocar. A vida por aqui não vai ser ruim. Viu que até mudaram o nome de asilo para “lar”?

De fato, já haviam me corrigido por duas vezes em relação à essa nova nomenclatura. A ideia era mesmo tirar esse estigma de um lugar de gente abandonada, malcuidada, a caminho da morte. Os papéis assinados mostravam que a instituição ficaria com o valor da aposentadoria, mas além de cama e atendimento médico, também ofereceria atividades físicas, oficinas culturais e forró aos sábados.

– Nem precisa me ligar no domingo cedo, ein!

Rimos entendendo que aquela deveria ser a melhor despedida. Ali sabíamos que seria doído, mas que iria ser

o melhor para os dois. Antes de ir, confirmei se poderia visitá-lo quando quisesse e pedi para que cuidassem bem dele. Era o que tinha de mais precioso. A ele pedi que nunca deixasse de carregar o celular, que atendesse minhas ligações rápido, que continuasse rezando por mim, sendo o melhor avô do mundo e agradei. Era a hora de agradecer. Ele respondeu com os olhos marejados.

– Você sempre será minha menininha custosa e dramática. Vou estar sempre com você, minha filha. Agora eu tenho até aplicativo.

Mostrou o celular. Deu um beijo e ficou observando o carro que chamei pouco antes de sair, levantando poeira. Não me viu chorar sobre o vidro. Teve a impressão de que voltei bem para casa. Era o que eu queria...

Capítulo 39

ELE - Página em branco



Capítulo 40

ELA - Vazio



Chegando em casa senti, de fato, o peso da ausência dele. Apesar do seu jeito quietinho, me preenchia o dia com as minhas preocupações e afazeres relacionados a ele. Horários de remédios, o café que sempre acabava, alguma coisa na farmácia, a toalha que esquecia, a janta com arroz e feijão cozinhados no dia. Como seria difícil me acostumar com esta falta de rotina que a ausência do meu avô me impunha.

Liguei para ele, de vídeo. Parecia que estava esperando que eu ligasse, pois nem demorou a atender. Estava no meio de uma partida de truco e ouvi algum outro companheiro pedir para que ele não demorasse. Eles riram, como se eu não estivesse ali.

–Tá tudo bem, sim, minha filha. E como tá tudo por aí?

Menti que estava tudo bem. Contei que ele havia esquecido a maquininha de aparar a barba. Ele me tranquilizou dizendo que por lá sempre iam barbeiros voluntários, para que eu não me preocupasse. Riu nervoso, quando o companheiro insistiu para que ele voltasse às cartas. Eu ri também.

– Então depois te ligo, viu, minha filha. Fica com Deus!

Sem desligar, deixou o telefone na mesa pensando que eu desligaria. Na verdade, fiquei ali olhando um pedaço do rosto dele, os braços que vez ou outra passavam na frente da câmera e ouvia as risadas e brincadeiras que faziam entre si. Isso me deu certa calma e desliguei. Fiquei convencida de que estava bem.

Ainda havia muitas coisas dele por lá. Não precisou levar muito, só roupas e objetos pessoais. Peguei a imagem

de Nossa Senhora Aparecida e coloquei no meu quarto. Ele havia me pedido para que eu nunca me desfizesse dela e que manteria sempre ao lado algumas flores. Prometi para mim que nunca mexeria em nada dele. Sempre haveria a esperança da volta e tudo deveria estar exatamente como ele deixou. Se não voltasse até o fim do ano, tinha me prometido passar as festas comigo. Mataríamos a saudade com as minhas visitas e, por telefone, um horário fixo a partir daquele dia.

Assim que sentei no sofá, lembrei que todos os meus uniformes ainda estavam na mala. Deveriam estar amassados e no outro dia já começaria oficialmente como vendedora na loja. Não quis desfazer a mala toda. Peguei um uniforme e fui passar. Chorei com a falta do barulho da televisão que deveria estar ligada naquela hora, com as notícias do país e do mundo.

Liguei o radinho. Ele sempre foi companheiro quando eu mais precisei. Coloquei a música no mais alto e ainda cantava como se quisesse jogar para fora toda aquela ausência. Não percebi que o celular havia tocado. Corri para ver quando percebi a tela acesa. Devia ser ele. Notícias da mãe dele. Alguma resposta.

O número era desconhecido, mas temendo ser do hospital, resolvi retornar a ligação. Do outro lado da linha, uma voz desconhecida e confusa fez meu coração acelerar. A pessoa queria falar com o dentista dela. Errou o número, provavelmente.

– Desculpa, viu?

Desliguei impaciente. O que será que havia acontecido? O celular daquele meu cliente especial, para não

dizer outra coisa, continuava desligado. Há muito tempo também não abria o aplicativo de mensagem. Só pensava no pior em relação à mãe dele. Decidi fazer uma oração, mas não conseguia rezar. É muito comum isso acontecer nos momentos de maior aflição, tinha ouvido de um padre, e eu estava exatamente assim. Decidi, então, procurar pelas sapatilhas que havia guardado em um cantinho do meu quarto.

Eram três, conforme o pedido que fizera. Idênticas. Pretas. Simples e confortáveis. Fiquei pensando se ela nunca as usaria. Limpei a poeira daquelas caixas. Passei um pano seco nas seis sapatilhas. Ajeitei elas de volta na caixa e tentei ser otimista em relação às notícias que estavam por vir, mas no fundo sabia que não eram boas.

Capítulo 41

ELE - Página em branco



Capítulo 42

ELA - De volta



Quando o despertador do celular tocou, eu já estava acordada há pelo menos uma hora. Tinha colocado mais um travesseiro na cama de modo que permanecia quase sentada e olhava para o horizonte. Aquele era o dia de trabalho mais sonhado, construído em meus pensamentos ao longo dos últimos anos. Lembrei de como cheguei até ali.

A situação estava ainda mais complicada em casa. Meu avô tinha perdido o emprego mais uma vez. Sempre foi um excelente trabalhador, mas a idade é para o mercado como uma doença limitante. Nos últimos anos era dispensado com frequência, o que aumentava seu sofrimento. Já tinha idade e tempo de serviço para se aposentar, mas o processo se arrastava há meses.

Decidi que havia chegado a hora de ajudar em casa de forma mais efetiva.

Nos últimos tempos tinha aprendido a fazer algumas trufas e vendia na escola. Ajudava nas despesas que tinha e às vezes conseguia até pagar uma continha mais barata, mas não era o suficiente. Em breve o dinheiro ia faltar e eu tinha que fazer alguma coisa.

Não tínhamos computador e muito menos impressora em casa. Fiz meu currículo a mão e pedi para que a vizinha digitasse e imprimisse para mim. Ela cobrou o preço de cinco trufas por quatro cópias. Havia somente quatro chances de dar certo. Saí pela cidade olhando, meio que aleatoriamente, onde deixaria aqueles currículos. Depois de passar em três estabelecimentos que conhecia bem, resolvi entrar naquela loja chique. Era uma

última cartada. Sabia que iriam me olhar como olharam, mas não tinha nada a perder.

Na porta, o segurança não me barrou. Cheguei no caixa e pedi para falar com a gerente. Descobri, tempos depois, que pensaram que eu estava ali, a mando de alguém, para trocar algum sapato. Justamente por isso, a gerente me chamou na sala dela, para evitar constrangimentos próximo aos clientes que estavam na loja e me atendeu muito bem. Logicamente, ficou com mais pressa quando descobriu que era só a entrega de um currículo.

– Qualquer coisa te ligo, então, querida...

Fiquei feliz em ouvir aquilo. Louca para que qualquer coisa de fato acontecesse. Foram dois meses e quatro dias de espera até que o telefone tocou. Era da loja. A própria gerente, que só terminava uma frase com “querida”.

– Pode vir fazer um teste amanhã, querida?

Fiz o teste com toda a dedicação que poderia fazer. Limpei tudo como se caprichasse na faxina na companhia da minha avó, que tinha fama de exigente. No fim do dia, já tinham me avisado para colocar o despertador para tocar mais cedo...

– Já fica com a chave e não se atrase, viu querida....

Ficava imitando a gerente em casa para o meu avô. Ele, claro, não gostava.

– Falta de respeito, não pode fazer isso com a sua chefe, nem longe dela. Vai que um dia você se esquece e faz na frente dela.

Nunca esqueci e um dia perdeu a graça. Ela saiu, mudou a gerente e por dezenas de vezes as vendedoras. As elegantes vendedoras. Tanto tempo depois, chegou a minha vez. Aprontei-me tomando cuidado com cada detalhe. Fiz a maquiagem exatamente conforme o indicado na Colômbia. O batom da loja ficou lindo. Agora era chegar para o primeiro dia de trabalho.

– Bem-vinda de volta!

Fui recepcionada pelos colegas num café da manhã rápido e logo comecei a trabalhar. Notava alguns um pouco enciumados em relação à minha passagem pela Colômbia. A maioria não teve essa oportunidade.

– Mas era um treinamento normal? Não entendi porque ir à Colômbia...

Expliquei que, conforme ouvi, esse tipo de treinamento voltaria a ser realizado a partir de agora e que, especificamente desta vez, a empresa estava celebrando uma nova forma de pensar os recursos humanos.

– Vamos ver mais pretos por aqui, finalmente!

Concordei com uma outra colega, também preta, que estava no quadro de vendedoras há mais tempo. No primeiro dia, vendi 42 pares de sapatos. Nada demais, dentro da média. Compras rápidas, alguns espantos...

– Você é nova por aqui?

Fingi naturalidade e segui a venda. Dominava o sistema, sabia exatamente onde estava tudo naquela loja. Tenho que admitir que, em relação aos outros, foi um primeiro dia um pouco mais fácil para mim. Naquele dia,

decidi que não levaria um lanche ou marmita para a loja. Iria comer algo em algum restaurante ou lanchonete por perto. Eram pouco mais de onze da manhã e, com a loja calma, coloquei os pés para fora para ir sondando onde e o que comeria. Foi neste momento que senti meu corpo gelar dos pés à cabeça.

Eu já conhecia aquele menino que vendia flores. Deveria ter seus 12 ou 14 anos e sempre estava por ali, na região central da cidade. Tinha os cabelos curtos, andava sempre arrumadinho e limpinho, apesar da simplicidade da camiseta, do short e do chinelo de tiras. Costumava ter olhar clínico para os casais em início de relacionamento. Dizia que sentia cheiro de paixão nova de longe. Sempre com belas rosas, que comprava por um terço do preço no mercado central, abordava o homem de forma certa.

– Ela pode até negar, mas vai ficar muito feliz se o senhor der para ela uma rosa. Sei que ela é especial e merece, né?

A técnica foi desenvolvida por ele mesmo. Se a mulher dissesse que não queria, ele já havia avisado que ela poderia negar. Eram raros os homens que não queriam confirmar para a mulher ao lado que ela era mesmo especial e merecia. Resultado? Normalmente compravam dele a rosa mais cara que encontrariam no mercado, sem reclamar e agradecendo no fim.

Naquele dia ele estava com os braços cheios de rosas colombianas, de flores muito abertas e aveludadas, um vermelho intenso. Na outra mão havia um girassol, que ele segurava pela haste, sem nenhuma embalagem ao redor, parecia que não era para venda. Fiz a associação

na hora: rosas colombianas e um girassol. Deveria ser alguma coisa dele. Tive a certeza quando o menino que andava do outro lado, começou a cruzar o caminho em minha direção.

Foram poucos segundos até que ele chegasse até onde eu estava. Nesta eternidade pensei de tudo um pouco. Que ele estaria por perto, tinha me visto e mandou me entregar o girassol. Que na porta do hospital teria encontrado aquele menino e feito ele achar um girassol, já que provavelmente se recusou a comprar uma rosa. Que teria comprado um girassol e desembolsado algo para aquele menino trazer até ali. Que teria feito o pedido em uma floricultura, que terceirizou a entrega no centro. Minha cabeça já estava cheia quando finalmente ele se aproximou.

– Tá chique agora, hein! Que tal uma rosa para marcar esse momento?

Brasileiramente, ele havia me reconhecido e visto que estava com o uniforme da loja. Associou na hora que deveria estar ganhando mais e resolveu oferecer suas rosas. Disse que não, mas quis saber sobre o girassol.

– Achei ele bonito. Estava plantado nos jardins da igreja, solitário. Pedi para colher e deixaram. Pensei em levar para a minha namoradinha.

Disse que compraria o girassol. Ele concordou. Tentou me vender pelo preço de uma rosa, mas pechinchei e consegui por bem menos. Não havia sido meu cliente quem tinha me mandado, mas iria fazer todo sentido naquele

dia se deixasse secar algumas pétalas de girassol em meu Relicário e escrevesse algo sobre aquele momento.

No horário de almoço tentei ligar para ele. Nada havia mudado. Meu coração gelava de pensar o quanto estaria sofrendo. Queria estar com ele naquele momento, fazer companhia, sofrer junto, mas sua resistência em falar sobre a doença de sua mãe me deixara constrangida de entrar em detalhes. Não sabia, por exemplo, onde ela estava internada. Não conseguiria visitá-los, mas nada impediria de tentar ver o que estava acontecendo naquele casarão.

Saltei do banco da padaria, onde comi um sanduíche, e segui determinada a ver se alguma luz estava acesa, se o coqueiro continuava morrendo. Pensei em bater e até questionar aquele amigo que passava por um processo de separação sobre o que estava acontecendo. Acelerei o passo e rapidamente estava naquela praça do centro da cidade. Lá estava ela. Laranja, linda de viver. Fiquei sentada no banco, até que alguém encostou as mãos no meu ombro.

Capítulo 43

ELE - Página em branco



Capítulo 44

ELA - Por quê?



Levei um susto. Lembrei daquele toque na igreja. Fiquei arrepiada e sem saber se olhava para trás até que ele começou a falar.

– Senhora, esse lenço é seu?

Havia perdido o lenço no caminho. Disse que sim e desconfiado de mim, vidrada naquele casarão, quis puxar assunto.

– Bonita essa casa, né? Eu também fico encantado.

Concordei, perguntando se ele conhecia a família que morava ali. Era uma aposta, quem sabe...

– Conheço sim, trabalho para eles fazendo algumas podas no jardim.

Ele falou de uma forma tão natural que não temi questionar. Perguntei sobre a dona da casa e fingi algum tipo de proximidade para que não desconfiasse algo de ruim. Para o meu espanto, ele respondeu que ela estava por ali.

– Caminhando, né coitada? A vida para ela não está sendo fácil.

Me despedi nervosa e saí correndo. Tremia. Prendi o pé em uma pedra da praça. Não sabia para onde estava indo. Tudo aquilo que imaginava, de longe havia acontecido. A mãe dele já havia saído do hospital. Não havia morrido. Deveria estar se recuperando em casa. E ele? Ao menos quis falar comigo. Não me mandou ao menos uma mensagem, já que não deveria gostar de ligações o incomodando. Senti que era um nada para aquele homem.

O expediente que agora terminava mais tarde para mim, estava muito longo. Não via a hora de ir embora e

ligar meu radinho. Minha cabeça pensava em tudo. Deveria ter outra pessoa. Era casado e a mulher descobriu nossas conversas. Tinha desistido de mim por alguma opinião. Li, reli tudo. Só tinha certeza de que havia, provavelmente, me usado para se divertir e eu, boba, caí. Decidi que nunca mais ligaria, nunca mais enviaria mensagens. Nunca mais...

Decidi ainda que amanhã mesmo, antes de chegar à loja, bateria naquela porta para entregar as sapatilhas que pertenciam àquela mulher. Estavam pagas. Se possível, entregaria nas mãos dela para não ter o desprazer de encontrar seu filho.

Capítulo 45

ELE - Página em branco



Capítulo 46

ELA - Relicário



Foi uma noite muito mais longa do que pensava que seria. Por algumas vezes, disse a mim mesmo que não deveria ir àquela casa, que deveria manter a recomendação dele. Iria me chamar quando pudesse entregar os presentes. Quando os primeiros raios apareceram, no entanto, estava novamente decidida a colocar um ponto final no único vínculo que tinha com ele: aqueles três pares de sapatilhas. Coloquei elas em uma sacola grande e marchei rumo ao casarão, determinada a resolver de vez aquela situação, ou ao menos aquela ausência.

O coração acelerou quando cheguei à praça. Pensei em desistir, temendo que depois ele fizesse uma reclamação formal na loja. De longe vi um vulto que deixava a sacada e entrava para o quarto. Seria ele? Neste impulso, decidi não ficar pensando. Ergui a cabeça, abri aquele portãozinho e bati a campainha. Ela abriu a porta e, de cara, perdeu a cor quando me viu...

– Sabia que viria, minha filha!

Eu já estava tremendo quando ela, com os olhos marejados, focou em minhas mãos e perguntou.

– Isso é meu, não é?

Disse que sim, ainda espantada porque pensei que seria uma surpresa. Meu coração queria perguntar dele. Minha razão pedia para que eu me despedisse e voltasse ao trabalho. Já estava quase ouvindo a razão, quando ela me apontou um dos quartos.

– Eu também tenho algo para te entregar! Pode vir aqui comigo?

Sem me deixar falar, pegou minha mão e a colocou debaixo do braço dela como se a protegesse. Foi me guiando até o quarto. Subindo as escadarias desconfiei que seria o quarto dele e parei. Disse que não queria subir, temendo que ele estivesse por lá e quisesse me dar mil explicações.

– Foi um pedido dele que eu te entregasse um caderno.

Se foi um pedido dele, obviamente, ele não estaria por lá. Deixei-me guiar por mais alguns metros, até o quarto. O guarda-roupas aberto e com quase nada dentro me chamou a atenção. Do lado, havia uma cadeira de rodas muito diferente do que já havia visto. O lugar onde se colocavam os pés era alongado e tinha separações. Pouco acima, muitos fios que se ligavam a uma tela presa a um suporte, que lembrava os de TV. O sol batia na cama reluzindo aquele caderno universitário de pouco mais de 100 folhas e arame preto. Pedi para que me sentasse e me entregou o caderno em minhas mãos.

– Antes de morrer, este foi um companheiro dele.

Morrer? Olhei para ela sem conseguir ter reação. Joguei o caderno na cama e a abracei, agora despencando em lágrimas.

– Foram dias difíceis no hospital. Ele já estava muito fraco.

Finalmente entendi a resistência dele em me contar sobre a doença da mãe. Aliás, revisando nossas conversas dias depois, percebi que fui eu quem presumi que a mãe estava doente. Ele sempre me contara que estava

no hospital com a mãe. Ela era sua companhia. Ele estava no leito de morte e sabia disso.

Tinha a chamada Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA), uma doença rara, neurodegenerativa e progressiva. Havia descoberto a doença há menos de dez anos, logo após começar a notar alguma dificuldade de locomoção. Começou mancando um pouco. Quando recebeu o diagnóstico, já usava o andador e falava com dificuldade. Deixou de andar há dois anos e há alguns meses usava o leitor óptico para se comunicar pelo computador. Nunca deixou de escrever... sua capacidade intelectual e cognitiva não foi alterada. Se manteve poeta até a morte.

– Desde que te conheceu, pediu para que eu comprasse esse caderno. Não sei porque, me fazia escrever aqui, com a minha letra, alguns textos que fazia.

Peguei aquele caderno na mão e vi que ela havia escrito um título na primeira página. Tinha letra grande e caprichada.

– Relicário!

Ele também havia decidido ter o dele. Era muito difícil acreditar naquilo tudo. A mãe me contou que ele tinha pedido para que ela procurasse fotos da época em que andava, para colocar nos aplicativos de mensagens. Tudo parecia claro, mas havia mais. Para o meu espanto, nossas histórias não haviam se cruzado só naquele momento. Na próxima página havia uma folha de jornal recortado, com o título “Milagre” e minha foto sendo socorrida. Ela percebeu meu espanto e se ajoelhou em minha frente com dificuldade, segurando minhas mãos e apondo um homem em meio a foto.

– Sabe esse homem? No dia dessa tragédia ele passava pelo local, depois de deixar um funcionário da fazenda em casa. Quando viu tudo que havia acontecido, decidiu ajudar. Foi quem te avistou e percebeu que você estava respirando.

Estava arrepiada da cabeça aos pés. No recorte de jornal, as aspas mostravam as mesmas palavras que sempre ouvi ele dizer na fita VHS. Contou que tinha um filho da minha idade e que não se conteve quando encontrou vida naquele mar de lamas.

– O voluntário era meu marido e o filho, que ele comentou, é o mesmo que você estava conversando nos últimos meses. Ele se enganou em relação a sua idade, porque meu filho era mais velho que você, mas sempre foi um franzino.

Eu não conseguia acreditar. Fui folheando aquelas páginas como se quisesse encontrar mais informações absurdas como aquelas que estava ouvindo. Ela continuou a falar.

– Ele sempre contava que os bombeiros insistiam muito para que ele deixasse o local daquele acidente, mas ele chegou a brigar para ficar. No fim deixaram e ele contribuiu com o que pode. Sempre dizia que te salvou como se tivesse salvando o próprio filho.

Perguntei, então, por aquele senhor. Logicamente, em meio àquela mistura de sentimentos, queria abraçá-lo, seria uma ponte perfeita entre o meu passado e meu presente e eu precisaria me apoiar em alguma coisa naquele momento.

– Ele faleceu há algum tempo. Câncer no pulmão. Morreu querendo descobrir onde você estava, querendo te ver. Você permeou a história dessa família como alguém muito próxima desde então. Decidimos te procurar, mas nunca tivemos sucesso, até que meu filho achou seu nome no site de uma loja.

De fato, a loja trazia na aba “equipe” do site o nome e uma foto de todos os colaboradores. O meu ainda estava por lá, como serviços gerais.

– Uma amiga de uma amiga, que conhecia sua avó à época, deu a dica de que estava trabalhando lá. Para se certificar que seria você mesma, meu filho pediu para que eu te levasse flores no dia 22 de fevereiro, dia do auxiliar de serviços gerais, dia da Cátedra de São Pedro. Conferi seu nome e, não sei se lembra, perguntei sobre sua família para ter certeza de que era você.

Foi tudo pensado pelo filho, para que um dia ele me encontrasse. Tentaram, mas aquele senhor adoeceu na sequência e a família viveu meses difíceis. O filho já na cama, no entanto, teve a ideia de se conectar a mim, por meio de uma compra. Imaginou que seria a primeira a chegar naquela loja, descobriu o número que constava no site, chamou pelo aplicativo de mensagens e daí em diante, tudo fazia sentido.

–No fim, no entanto, sem querer admitir a princípio, te amou e fez de você vontade para continuar vivendo.

Como tudo aquilo era forte. Comecei a ler aquele Relicário. Era poético. Pedi para levar para casa, com a promessa de que voltaria. Ela concordou. Nos abraçamos. Disse que estava atrasada e repeti que voltaria. Não sei

como cheguei à loja, mas de cara todos perceberam que havia algo de errado.

– Tá tudo bem?

Disse à gerente que não. Ela percebeu que estava em choque e me chamou para a sala dela. Expliquei tudo que havia acontecido e, naturalmente, ela consentiu que eu voltasse para casa e tentasse retornar mais tarde. Saí correndo da loja, como deixei a escola naquele dia da calça rasgada. Só que, desta vez, era minha alma que estava rasgada. Eu precisava novamente ser resgatada de uma nova avalanche de lama, de sentimentos, de morte, dor, saudade. Estava enterrada e presa numa vida que fez círculos como se quisesse me enganar.

Aquele Relicário foi como aquele voluntário naquele dia. Só ele me viu respirar e aos poucos foi me retirando da lama. Nos últimos tempos, fisicamente impossibilitado, ele viveu comigo. Fui seus olhos, sua pele, sua boca por onde passei. Não à toa sua poesia falava sobre sorrisos, sobre vida. Não à toa escrevia tudo...

escrever

permanentemente

ser

viver

no

outro

O outro também sou eu. E assim como ele descreveu, seu plano funcionou. No fim sabia que não conseguiria viver o amor que começamos a sentir um pelo outro. No fim, se compadeceu com a minha solidão nesta casa vazia. No fim, quis me entregar o que tinha de mais precioso: o amor de sua mãe. Me levou até ela, da sua forma. Sabia da minha impulsividade. Se despediu em soneto e teve forças para voltar. Conheceu Omayra pelos jornais e quis me dizer algumas vezes que havia vida após as páginas em branco.

Aquele caderno ainda tinha mesmo muitas páginas que não foram escritas. Deveria ser um sinal para mim. Estava fazendo a promessa de preenchê-las, quando caiu um girassol seco da última página. A folha de caderno amarelada tinha uma última estrofe, quatro versos e a vida que me prometera.

Capítulo 47
ELE - Fim.



E quando chegar até aqui
verá que a lama se foi
e que o amor que salva
estará onde estiveres...

RELICÁRIOS

VIDA APÓS A LAMA E AS PÁGINAS EM BRANCO

“Relicários é uma obra ousada e corajosa que prende o leitor desde as primeiras páginas. Com uma protagonista forte e complexa, somos levados a mergulhar em uma trama que mescla realidade e ficção de forma brilhante.

A estrutura narrativa do livro surpreende, com poemas e matérias jornalísticas reais, ampliando ainda mais a riqueza da obra. Em meio a tudo isso, o autor aborda temas relevantes e urgentes, trazendo à tona a realidade de milhões de brasileiros.

Relicários é uma leitura emocionante e necessária que vai tocar o coração de quem se aventurar por suas páginas.”

Rafael Nolli
Professor e escritor.

G=STALT
EDITORA COMPLETA



ISBN: 978-65-999439-4-2



9 786599 943942